

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

VANESSA MARTINS LAMB

**ARQUEOLOGIA HISTÓRICA EGÍPCIA DO  
PERÍODO DE AMARNA**

Prof. Dr. Arno Alvarez Kern  
Orientador

Porto Alegre  
2008

VANESSA MARTINS LAMB

**ARQUEOLOGIA HISTÓRICA EGÍPCIA DO  
PERÍODO DE AMARNA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, área de concentração: Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Arno Alvarez Kern

Porto Alegre  
2008

VANESSA MARTINS LAMB

**ARQUEOLOGIA HISTÓRICA EGÍPCIA DO  
PERÍODO DE AMARNA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, área de concentração: Arqueologia.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Orientador: Prof. Dr. Arno Alvarez Kern - PUCRS

---

Profa. Dra. Margaret M. Bakos - PUCRS

---

Prof. Dr. Klaus Hilbert - PUCRS

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pelo eterno incentivo e amor;

Aos Professores pelo apoio e amizade;

Ao meu orientador Professor Arno Alvarez Kern, pela dedicação, ajuda e inspiração.

## RESUMO

Com a ascensão de Akhenaton ao trono egípcio, inicia-se um período que traz inúmeras transformações à sociedade do período. Forem objetos de pesquisa as teorias que apontam para uma possível co-regência entre o novo Rei e seu pai, Amenófis III; a substituição do antigo panteão por um único Deus, Aton, e todas as implicações que essa transformação trouxe à sociedade egípcia; além da transferência da capital de Tebas para Akhetaton e a construção dessa nova capital. O novo faraó acaba com o culto aos antigos deuses e impõe o culto a Aton, Deus que estava em segundo plano até então, acompanhado de outras ações do rei. Após substituir seu nome Anenófis IV por Akhenaton, transfere a capital do Egito de Tebas para sua própria cidade, Akhetaton. Seu espaço ambiental, as semelhanças e diferenças entre a casa dos nobres e a dos operários; o Grande Templo de Aton; a casa do Faraó; a aldeia dos trabalhadores; os recursos e atividades econômicas que mantinham a cidade; e o que aconteceu com a nova capital após a morte de Akhenaton e o fim do culto a Aton foram assuntos focados neste trabalho. Ao redor da nova capital, foram escavados túmulos nas montanhas rochosas, usados para o sepultamento dos dignatários da Faraó: os de pedra que cercavam Akhetaton; o misterioso túmulo 55; os dos maiores homens de confiança do Rei, Ay e Horemheb; e a maior descoberta da arqueologia egípcia, o túmulo de Tutancâmon. Através de dados arqueológicos, obtidos nas escavações realizados no sítio da cidade e nas tumbas de pedra, é possível realizar uma caracterização da vida na cidade. A arte do período, chamada “arte amarniana”, traz transformações estéticas únicas, novas formas e representações: a nova estética utilizada; o questionamento acerca das representações do Rei e da Família Real e os temas que nesse período passaram a ser representados. Objetos de uso cotidiano e de uso da família real também possibilitam o estabelecimento de características da vida, da religião e da arte de Akhenaton. Objetos encontrados no sítio de Akhetaton e nos túmulos do período puderam nos dar indicações de como era a vida, a religião e a arte do período. Ressaltamos que objetos de uso da Família Real poderiam indicar o seu uso pela população da nova capital.

Palavras-chave: Amarna, Akhenaton, Aton, Transformações, Túmulos, Arte.

## ABSTRACT

When Akhenaton rose to the Egyptian throne, there were many changes in the society at that time. Thus, the objects of this research were the theories that are related to the possible co-regency between the new King and his father, Amenófis III; the substitution of the old pantheon for a single God, Aton; and all the implications that those transformations brought to the Egyptian society as well as the fact that the capital of Tebas moved to Akhetaton and it was built the new capital. The new pharaoh extinguished the worship to the gods and established just one, Aton, that had not the same status as the former ones, and many other King's actions were performed. After changing his name that was Anenofis IV to Aknenaton, he moved the capital of Egypt in Tebas to his own hometown, Akhetaton. Many other issues were focused on the research, such as: the environmental space, similarities and differences between the houses of the nobles and the workmen; the creation of the Aton Temple, the Pharaoh's house, the workmen's village; the resources and the economical activities that maintained the city and finally what happened to the new capital after Akhenaton's death and Aton's worship. Around the capital, many tomb houses were excavated in the rocky mountains, that were used to bare the Pharaoh's dignitaries: the ones made of stone that surrounded Akhetaton, the 55 mystery tomb, the ones for the Pharaoh's faithful assessors, Ay and Horemheb, and one of the greatest archeological EGYPTIAN discovery – Tutancamon's tomb house. Through the archaeological data in the excavation that were done in the city site and in the stone tombs, it was possible to characterize the life style of the city. The art of the period, called "amariana art", brought many particular esthetic transformations, new shapes as well as representations: the new esthetic, the questions that were raised about the representations of the King and the Real Family; and the themes that were represented. Through the objects that people and the Real Family used in their daily lives, it was possible to establish the features of Akhenaton's daily life, religion and art. Besides, the objects that were found in the Akhetaton' site as well as in the tombs showed how the life, the religion and the art of the time were at that time. We also highlight that the objects that were used by the Real Family could also be used by the people who lived in the new capital.

Key-words: Amarna, Akhenaton, Aton, Transformations, Tomb houses, Art.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1 CONTEXTO HISTÓRICO/AMBIENTAL</b> .....	<b>13</b>
1.1 O Novo Faraó .....	13
1.2 O “Novo” Deus .....	17
1.3 Revolucionário ou Ultraconservador? .....	25
1.4 A Nova Capital .....	31
<b>2 ARQUEOLOGIA DA CIDADE</b> .....	<b>38</b>
2.1 O Espaço Ambiental.....	38
2.2 Casa Operária e Casa Nobre: Diferenças e Semelhanças .....	39
2.3 O Grande Templo de Aton .....	43
2.4 A Casa do Faraó .....	50
2.5 A Aldeia dos Trabalhadores .....	52
2.6 Recursos e Atividades Econômicas .....	55
2.7 O Destino da Cidade .....	56
<b>3 ARQUEOLOGIA TUMULAR</b> .....	<b>70</b>
3.1 Túmulos de Pedra .....	70
3.2 O Túmulo 55.....	78
3.3 Os Túmulos de Ay e de Horemheb .....	89
3.4 O Túmulo de Tutankhamon.....	93
<b>4 ARTE AMARNIANA</b> .....	<b>105</b>
4.1 A Nova Estética.....	105
4.2 Monstruosidade ou Deformação? .....	107
4.3 Temas Representados .....	113
<b>5 A ARTE EM OBJETOS</b> .....	<b>116</b>
5.1 Objetos Reais .....	116
5.2 Objetos do Cotidiano .....	119
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>123</b>

## INTRODUÇÃO

A temática abordada através desta pesquisa tem como principal preceito a Arqueologia Histórica, aqui focada sobre a cultura material do período da história egípcia chamado de “Período Amarniano”.

Partindo deste pressuposto foram analisadas as fontes históricas, iconográficas e a cultura material do período, já que nos servem de testemunha do processo que deu a esta época todo o destaque que lhe é merecido.

A fim de alcançar as metas estabelecidas, os trabalhos desenvolveram-se a cerca do estudo dos dados das escavações realizadas e, a partir dessas informações, as variadas interpretações foram postas face a face.

Foi objeto de análise e discussão a cultura material encontrada no sítio de Tel-el-Amarna, antiga Akhetaton, e nas tumbas que a cercavam, fazendo-se assim, um levantamento dos dados que foram colhidos a partir dessas escavações.

Através do estabelecimento desses dados arqueológicos e das interpretações que melhor os caracteriza e explica, o contexto histórico do período passa a ser revelado e assim, é possível um melhor entendimento de sua realidade.

A pesquisa foi feita através da análise de dados das escavações realizadas no local e das interpretações que os autores especializados desenvolveram sobre este material. A principal fonte que fundamenta tais hipóteses é a cultura material recolhida no sítio: são artefatos, as representações das paredes e murais, as inscrições em templos e tumbas, textos e hinos que chegaram até nós, além das pesquisas feitas sobre as ruínas da própria Amarna.

A partir dessa lógica, foi realizada uma reconstituição da realidade da cultura material do período e de todas as implicações que esta traz para a sociedade, já que esse período tem grande destaque dentro da história do Antigo Egito.



Os trabalhos iniciam-se com a análise do contexto histórico que cercava o surgimento de Akhetaton. Foi abordado o processo de sucessão do faraó Amenófis III e os problemas que o Egito enfrentava neste momento, como os desafios do governo para manter a ordem na parte Norte do país, além da necessidade de controlar o crescente poderio do clero de Amon, principal Deus do panteão egípcio na época.

Com o afastamento de seu pai do poder, Amenófis IV assume o trono e inaugura uma era extremamente singular na história de seu país, foi a chamada “Revolução Amarniana”.

Através de inscrições, textos religiosos, hinos a Aton e das célebres talats – blocos de pedra que formavam os templos atonianos - o presente estudo uni-se á tradição que nega a idéia de monoteísmo e aumenta os questionamentos acerca de tal teoria. Entretanto, os cientistas ainda não têm condições de estabelecer uma única resposta á essa interrogação, os estudos ainda são muitos.

Logo em seguida o caráter revolucionário ou ultra-conservador das atitudes de Akhenaton foi questionado através das idéias de inúmeros estudiosos. A validade de sua “revolução” foi posta em dúvida, já que alguns destes pesquisadores não creditam á experiência Amarniana um valor dentro do processo histórico do Antigo Egito, dizendo que fora um “lamentável fracasso” realizado por um Rei indolente e totalitário.

Por outro lado, a linha pró- Akhenaton afirma que o Rei fora um sábio, um religioso que teve a força de transmitir ensinamentos muito a frente de seu tempo, um homem que deixou sua marca, mesmo que efêmera, no processo histórico do Egito.

Depois do levantamento dos aspectos que formam estas novas idéias, foram desenvolvidos os estudos que constituem o ponto central do projeto, as análises de Akhetaton realizadas através de achados arqueológicos e as discussões dos autores em cima de tal material.

Seguiu-se então com a história da nova cidade, seu surgimento e sua construção, os esforços do faraó para transformar a nova capital em um “santuário” que homenageará seu Deus, Aton.

O cotidiano da cidade também foi abordado, as festividades, as celebrações, os banquetes, as cerimônias e as aparições da família Real, ditavam o ritmo da vida na cidade. A população tinha uma relação bem “próxima” com o faraó, já que suas aparições e passeios pelas ruelas eram comuns, além dos enormes cortejos que o Rei liderava, que atravessavam a cidade em direção do Grande Templo de Aton.

Os trabalhos também se curvaram sobre a estrutura física da cidade, onde foi feita uma análise das casas pertencentes aos nobres e das casas populares, através das ruínas destas construções que nos deram uma ótima visão de qual era o plano básico destas residências; além das análises em torno dos Templos e palácios, assim como a vida econômica de Amarna.

Logo em seguida foram abordadas as dúvidas que cercam a morte de Akhenaton e o desaparecimento de sua cidade, com base em idéias lançadas pelos pesquisadores, uma série de explicações surgiram para esclarecer tais questionamentos.

A possibilidade de uma co-regência entre Amenófis III e Akhenaton também foi objeto de análise, seguida pela sucessão de Akhenaton por Tutancâmon.

A arte amarniana e suas inovações são parte importante das pesquisas, assim como a análise dos objetos encontrados em diversos sítos arqueológicos e nas tumbas do período.

A presente dissertação tem como objetivo geral analisar o período amarniano, que se desenvolveu durante a XVIII dinastia, no chamado Novo Império e tem sua principal expressão na construção da cidade de Akhetaton. Buscou-se desvendar seu contexto histórico e as transformações que trouxera para a sociedade egípcia,

além de estabelecer um estudo sobre a cultura material referente a tal sítio arqueológico e às construções que o cercavam.

Afim de viabilizar o alcance do objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: definir o contexto histórico que culminaria nas transformações que levariam a sociedade egípcia ao período amarniano; analisar, através de estudos feitos sobre a cultura material do sítio de Akhetaton e das tumbas que o cercam, como se dera e como se caracterizava a nova capital; estabelecer as noções da arqueologia tumular da época, através das análises dos pesquisadores especializados; discutir a nova estética artística imposta por Akhenaton, evidenciando a produção dos artesãos e escultores; e observar esses novos padrões artísticos em objetos do uso cotidiano da família Real atoniana e da população da cidade, a partir de artefatos encontrados no sítio.

A pesquisa encontra sua justificativa na escassez de trabalhos que têm como proposta realizar um estudo mais eficaz em torno da temática, ou seja, da arqueologia da cidade na Antigüidade, principalmente dentro do território e espaço temporal de Antigo Egito.

O desenvolvimento dos estudos pretendeu somar-se às pesquisas que objetivam analisar a Arqueologia Egípcia e, assim, estruturar um panorama sobre a cultura material e as obras que a analisam, de forma a ter esses autores como principal fonte.

Desta maneira, pode ser possibilitada uma discussão entre estas diversas teorias e idéias, no esforço de construir um estudo mais completo que possa sintetizar as inúmeras hipóteses que respondem a alguns dos maiores questionamentos da Arqueologia desenvolvida em sítios egípcios.

Alem disso, as pesquisas realizaram-se com o intuito de utilizar a cultura material para a reconstituição do passado. Foi um trabalho que retificou a importância das práticas arqueológicas para a construção da História, além de mostrá-las essenciais para a análise completa de uma sociedade remota.

Isso foi feito através do desenvolvimento da análise da chamada “Arqueologia Urbana”, ou seja, o estudo de antigas estruturas urbanas que nos permitem visualizar como se estruturava tal cidade. Esta temática encaixa-se dentro de uma linha de estudo das diversas desenvolvidas pelo Prof. Dr. Arno A. Kern, que pretende objetivar a exploração dos indícios deixados por antigos centros urbanos para a tentativa de reconstituição destas cidades.

A partir de seu texto “Interface entre a Arqueologia e a História: cidades Antigas, Medievais e Modernas”<sup>1</sup>, Arno Kern afirma que trata-se de pesquisar a originalidade, as causas do desenvolvimento e as mudanças ocorridas em uma História de longa duração. A urbanidade, ou seja, uma maneira de ser característica das aglomerações urbanas, está diretamente relacionada á História de Longa Duração das Civilizações e certamente com a história das sociedades Ibero-Americanas.

Diz ainda que é necessário reconhecer que sem este estudo analítico global e sem uma síntese geral, todos estes dados arqueológicos e históricos, dispersos nos sítios arqueológicos e nas publicações, só têm valor histórico muito limitado, mesmo que venham muitas vezes acompanhados por datações absolutas de sincronismo histórico ou cronologias relativas.

O desenvolvimento da dissertação dependeu de alguns procedimentos metodológicos de pesquisa, entendendo-se por metodologia e teoria o caminho e os instrumentos que serão utilizados para o alcance dos objetivos estabelecidos.

A base teórica do trabalho não seguiu nenhuma premissa estabelecida. As análises tiveram seu avanço através da apresentação e discussão de inúmeras teorias elaboradas e defendidas pelos autores referidos.

Assim a cada tópico analisado e discutido foi apresentada a variedade de teses que tentam explicar seus respectivos questionamentos e para melhor

---

<sup>1</sup> Original datilografado.

percepção da realidade histórica ou o que esperamos que seja, foi apresentada a teoria que tem mais aceitação entre os eruditos.

Essas diferentes interpretações serão postas “face a face” com a documentação referente, a fim de verificar sua exatidão, já que a evolução da Arqueologia e a crescente variedade de fontes disponíveis não permitem mais suposições “atiradas ao ar”, sem base ou coerência científica.

## 1 CONTEXTO HISTÓRICO/AMBIENTAL

### 1.1 O Novo Faraó

Após a morte do faraó Amenófis III o Egito encontrava-se em uma difícil situação, a desordem e o caos haviam tomado conta da parte norte do Império, o clero de Amon tornara-se excessivamente poderoso, o que poderia vir a se tornar perigoso, além disso, havia a necessidade de constituir um império que englobasse povos de todas as populações controladas pelo Império Egípcio, arianos, semitas, negros.

Para isso, o novo faraó deveria restabelecer a ordem na porção norte do Império, delimitar o território de atuação do clero de Amon e, principalmente, adotar um único Deus que representasse a unidade divina para todas essas etnias.

A questão tornava-se mais complicada, ao passo de que os sacerdotes não tinham uma unidade na indicação de qual seria essa divindade; os sacerdotes de Heliópolis propunham Rá, os de Mênfis, apostavam em Ptah e, os de Tebas apresentavam Amon, o mais indicado aparentemente.

Á frente de tantos desafios parecia essencial a posse de uma rei combativo, direto e disciplinador, mas ao invés disso, surgiu uma personagem misteriosa, enigmática e que iria deixar sua marca nos anais da história egípcia.

Amenófis IV era um jovem intelectual, que se mostrou extremamente místico e revelador. Seu reinado foi marcado pelas inúmeras transformações que trouxera para a sociedade egípcia, transformações estas que explicarão o motivo de tal período ter tamanho destaque dentro da história da XVIII dinastia.

Entretanto, não são somente os feitos de tal faraó que completam o quadro de incertezas que permeiam os estudos a cerca deste reinado. Muitas dúvidas e

hipóteses surgiram, e surgem, na tentativa de explicar a causa das transformações que Akhenaton trouxe ao Egito e, como essas se deram perante uma sociedade já estagnada e estruturada a muito tempo.

Um desses questionamentos permeia-se a cerca do total poder do próprio Akhenaton. A partir de achados arqueológicos, alguns historiadores do período de Amarna acreditam que houvera uma co-regência, onde Amenófis III reinou junto com seu filho Akhenaton, talvez durante onze ou doze anos. Tal teoria fundamenta-se com base em artefatos achados em Akhetaton e em sincronismos artísticos que revelam uma enorme semelhança entre os dois reinados.

Uma das descobertas que evidenciam tal hipótese é a feita por John Pendlebury<sup>2</sup> enquanto escavava em Akhetaton, Amarna, onde foram encontrados dois fragmentos de cerâmica de ânforas de vinho que continham listas do 28<sup>a</sup> e 30<sup>a</sup> anos. Como o reinado de Akhenaton só durou até o 17<sup>a</sup> ano, tais ânforas só poderiam ser do reinado de seu pai, Amenófis III, que se estendeu até o 38<sup>a</sup> ano.

Outra prova da co-regência é a descoberta feita nas ruínas de uma casa em Amarna, provavelmente pertencente ao funcionário Pinehesy, onde um afresco representa Amenófis III e sua esposa real, Tiye, em adoração ao disco solar, Aton, e com seus nomes escritos em um estilo somente adotado no 9<sup>a</sup> ano da era de Akhenaton; tal achado sugere que o velho faraó ainda estava vivo nessa época.

Além disso, baixos relevos encontrados na tumba de um certo Huya em Amarna representam Amenófis III e Tiye de um lado e Akhenaton e Nefertiti de outro, ligados ao nome de Aton; já na tumba em si encontra-se o mural de Tiye, sozinha, no 12<sup>a</sup> ano de reinado de seu filho. Para Pendlebury isso significava: “[...] que a morte de Amenófis III ocorreu entre a confecção da fachada e a do interior, e faz crer que a visita de Tiye tinha a intenção de marcar a ”transferência” do poder para seu filho na ocasião da morte do pai dele”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> PENDLEBURY, J.D.S. **Les fouilles de Tel-el-Amarna at l'époque armaniense**. Paris, 1936.

<sup>3</sup> OGLIVIE-HERALD, Chris; COLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia: Tutancâmon**. São Paulo: Landscape, 2004, p. 211.

Relevos nas tumbas de Amarna e no templo de Hermopolis representam as salas do templo, que continham estátuas dos Reis e Rainhas segurando bandejas de oferendas em suas mãos. Versões menores desse tipo de estátuas foram achadas em diversas das casas escavadas na cidade.

Fragmentos de bandejas sustentadas por mãos foram encontrados no Grande Templo por Carter e, um desses fragmentos, que trazia o nome de Akhenaton, o prenome de Amenófis III e o nome de Aton, fora citado por Fairman como evidência de que Amenófis III estava vivo durante uma parte do reinado de Akhenaton.

Tal objeto sugere que uma oferenda a Aton estava sendo feita, só não sabemos se por Akhenton ou por seu pai, já que não temos a estátua completa. A questão é decidir se Amenófis III era associado ao nome do filho como o co-regente ou como um antepassado morto, como alguém que dava oferendas ou como alguém que as recebia.

A questão da existência de uma “longa” co-regência entre Amenófis III e Akhenaton vem sendo há muito discutida, apesar disso, alguns estudiosos preferem defender uma co-regência de apenas um ou dois anos. Entre esses questionamentos não podemos deixar de levar em conta a tentativa de Donald Redford<sup>4</sup> de afastar qualquer idéia de uma co-regência.

Um dos achados que sustenta a crença de Redford de que a co-regência não existiu é uma cena representada na tumba de Kheruef, onde a figura apagada de Akhenaton aparece fazendo oferendas para seus pais. A rainha parece segurar a mão do marido, um gesto de carinho que dificilmente iria ser utilizado na representação de um Rei morto e de uma Rainha viva, que é também representada em outras cenas da tumba na companhia de seu filho fazendo oferendas a Aton.

A explicação que Redford aponta para tal cena é de que Akhenaton estaria fazendo a oferenda para as estátuas de seus pais, apesar da ausência de qualquer pedestal nas figuras.

---

<sup>4</sup> REDFORD, Donald. **Akhenaton, the heretic king**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1984.



Uma estátua era comumente utilizada na substituição de pessoas, quando essas não estavam mais entre os vivos.

Outras problemáticas também se fazem presentes nos estudos referentes ao período de Amarna.

A maior e mais impactante dessas transformações foi a substituição do antigo panteão de deuses adorados pelos egípcios por uma única divindade, o disco solar representado por Aton.

O novo faraó também inovou quando transferiu a capital do Império de Tebas para uma nova cidade, construída em um lugar deserto, inabitado, ao sul do rio Nilo. Lá foi redesenhada toda a estrutura de uma “capital” de Império, funcionários, nobres, templos, palácio, sacerdotes, tudo foi reorganizado em Akhetaton e, assim, a população passou a viver sob o olhar do deus solar, festejado através da construção da nova capital.

A arte também sofreu as influências da nova religião e do novo pensamento naturalista, a chamada “arte Armaniana” é extremamente singular e cheia de características que a torna inovadora. As novas formas, os novos temas que passam a ser representados, os novos métodos e a nova estética ainda despertam as mais variáveis hipóteses na tentativa de explicar tanta mudança em um período tão curto de tempo.

A delimitação concreta de um período que abranja o reinado de Akhenaton é uma tarefa ainda a ser realizada, muitas são as teorias que tentam essa síntese, mas ainda não temos certeza de tal datação.

Vejamos três hipóteses: de 1377 a 1360 a.C., segundo Redford; de 1364 a 1347 a.C., segundo Trigger e seus colaboradores, autores ainda de uma recente história social do Antigo Egito; e de 1353 a 1336 a.C., segundo Yoyette e Vernus, em seu trabalho de síntese sobre os faraós. E só citamos aqui três hipóteses<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> JACQ, Christian. **Nefertiti e Akhenaton**: o casal solar. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002, p. 12.

## 1.2 O “Novo” Deus

Amenófis III iniciara em seu reinado a tentativa de restabelecer o antigo estatuto divino que os faraós possuíam. Para isso, tentou inserir o Deus solar Aton no cenário das principais divindades que constituíam o panteão egípcio, tal divindade havia tomado uma posição secundária perante os inúmeros deuses.

Quando o antigo rei deixou de reinar, seu filho, Amenófis IV, tornou-se faraó e continuou os esforços do pai para tornar Aton novamente idolatrado.

Como já foi visto, Amenófis IV substituiu a variedade de Deuses há muito estabelecida, pelo Deus solar Chu, que é Aton.

Durante o período de Amarna a força divina solar invisível era identificada como Re - Herakthe, enquanto que a manifestação visível desse poder aparecia sob o nome de Aton, o Grande, O vivo.

Seguindo as teorias que sustentam a existência de uma co-regência entre Amenófis III e Akhenaton, o velho rei ainda estava vivo quando o filho começa a implantar sua nova religião, chamada por alguns estudiosos de o início do monoteísmo, e tenta abolir todo o clero que se opunha a isso, inclusive o poderoso clero de Amon.

Tal consternação era grande entre os sacerdotes, especialmente os que se dedicavam a Amon, já que viam seus lucros ameaçados e, a esta altura começaram a protestar: “As palavras eram as mais duras que o rei já havia visto”, dizia uma inscrição na tumba do vizir Ramose”<sup>6</sup>.

A insatisfação das pessoas do povo perante o novo Deus também foi representada em inscrições. Como testemunha de tal receio, A. Collins e C. Oglive-

---

<sup>6</sup> MELLA, Frederico. **O Egito dos faraós**. São Paulo: Hemus, 1998, p. 198.

Herald utilizam-se de tal pichação encontrada na tumba do escriba Pawah: “Meu coração anseia por tê-lo (Amon)”<sup>7</sup>.

Apesar de todas as manifestações que deixam clara a insatisfação dos sacerdotes e do povo para com a nova religião, Amenófis IV continua com sua “revolução”, mantendo e aumentando os esforços para fazer do Deus Solar uma divindade adorada e, principalmente, única, que significasse para os egípcios tanto, ou mais, quanto os antigos deuses cultuados.

Com esse objetivo em mente, o faraó declara Aton único Deus e, para isso, apaga qualquer registro de Amon, anteriormente tido como um dos principais expoentes da crença egípcia. Tal atitude é levada ao extremo, já que são apagados registros do nome de Amon feitos em tumbas, templos e palácios, até em faixas com legendas de seu pai.

Muitos pesquisadores da época armaniana, especialistas ou não, dizem que, independente do resultado da “revolução” de Akhenaton, seu principal legado foi a ruptura com o antigo politeísmo e o início da crença monoteísta, tendo em Moisés sua principal releitura.

Entretanto, são inúmeros os vestígios que levantam dúvidas em torno dessa teoria, questionando a afirmação de tais estudiosos de que Aton seria o primeiro Deus adorado de forma única, onipresente.

Uma dessas evidências é a inscrição no túmulo de Neferhotep, onde Aton é definido como “o corpo visível de Ré”; as relações entre as duas formas da luz divina são fundamentais. Ré é a luz em seu princípio básico, divino e abstrato, é a ação que cria a vida, é ao mesmo tempo visível e invisível. Aton, indissociável dessa energia primordial, corporiza-a e manifesta-a de forma excepcional.

---

<sup>7</sup> OGLIVE-HERALD, C.; COLLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia: Tutancâmon**. São Paulo: Landscape, 2004, p. 207.

Os principais textos religiosos definem essa união, Ré e Aton, como sendo indissociável e é sobre ela que cai os méritos da vida e da alegria dos homens.

Os nomes teológicos de Aton não permitem ambigüidade, o princípio divino é chamado “Ré, o pai que veio ao mesmo tempo em que Aton”. Akhenaton é “O único de Ré” ou “O regente da região da luz”, lá onde Aton se ergue. Á sua quinta filha, Nefertiti deu o nome de Neferneferuré, “Perfeita de Ré”, e á Sexta o de Setepeneré, “A eleita de Ré”.

A dependência de Aton em relação a Ré é claramente percebida, Aton não é o deus único que emana suas forças divinas para os homens; Ele próprio é uma dessas emanações, vindas de Ré, o princípio divino, para caracterizar e abençoar uma época, no caso a época armaniana.

Regressando à religião solar de Heliópolis, centrada em Ré, Akhenaton lhe dá um novo meio de expressão, Aton, uma divindade secundária dentro do panteão tradicional da religião egípcia. Fazendo isso, o faraó torna Aton a principal representação de Ré, impondo-o como um “rei” perante os outros deuses, a quem, inclusive Amon, deviam homenagens.

Os achados arqueológicos levam a crer que o rei não fez de Aton o único deus presente nas questões celestes de seu reino, apenas o elevou como divindade principal e o tornou a energia fundamental emanada por Ré.

Somente essa tônica Aton e Ré nos leva a perceber que não se tratava de uma religião monoteísta, já que Aton era um dos meios pelo qual a energia primordial de Ré chegava aos homens.

Além disso, o próprio faraó era considerado o “filho terrestre” do Disco Solar e sua família completava a tríade entre Akhenaton e Aton.

Em cada tempo existe um Uno – uma divindade superior- que é cercada por suas diversas manifestações, o deus único se transforma numa infinidade de

formas assim, a religião egípcia é o que liga o homem ao sagrado, suas formas são diversas.

Cada faraó tem a obrigação de elaborar um caminho na direção do divino, sua manifestação principal pode mudar de acordo com os reinados, mas a luta contra o politeísmo e a favor do monoteísmo não foi o foco que conduziu Akhenaton a realizar sua “experiência atoniana”.

As discussões a respeito do caráter monoteísta da religião atoniana continuam a dividir os especialistas, entretanto, os artefatos e inscrições que a nos chegaram, levam a crer que Akhenaton não fora o precursor de Moisés no culto do monoteísmo e que sua religião era fundada numa relação essencial entre o deus solar, sua energia primordial, Ré, e a família Real.

A questão continua em análise e, ainda, não temos a resposta para tal interrogação<sup>8</sup>.

No quinto ano de reinado o novo faraó confirma o domínio de Aton sobre as outras divindades e muda seu nome para Akhenaton, além de se declarar o único sacerdote do novo Deus, afastando da população a “intimidade” que mantinham com os deuses do passado, que podiam ser adorados em rituais caseiros ou através de consultas com os sacerdotes.

São muitas as discussões em torno do verdadeiro significado do nome “Akhenaton”, com elas surgiram várias possibilidades para a desconstrução do nome adotado por Amenófis IV: “prestável a Aton”, “o que é agradável a Aton”, “o que brilha para Aton” entre tantas, entretanto parecem ser de uma ligeira superficialidade.

Entre tantas tentativas, a que parece atingir o mais próximo do real significado é a proposta por Cyril Aldred<sup>9</sup>: “o espírito eficaz de Aton”, mais explicitamente, o canal consciente no qual circula a luz de Aton.

---

<sup>8</sup> A questão a cerca do caráter monoteísta da religião de Aton é, principalmente, tratada por C. Aldred.

<sup>9</sup> ALDRED, Cyril. **Akhenaten**: king of Egypt (1988). Londres: Thames and Hudson, 1991.

A escolha do nome “Akhenaton” parece não ter sido apenas pelo significado geral da palavra; a primeira sílaba do nome, Ank, já tem um espaço privilegiado dentro da língua e do pensamento egípcio, passa a idéia de realização do ser na luz, o iniciado que venceu as terríveis provas do mundo dos mortos e transformou-se num ser de luz, cujo esplendor será benéfico para quem lhe seguir o caminho.

Em homenagem a Aton, Akhenaton construiu santuários a leste de Karnak, no exato ponto onde o sol se ergue; temos conhecimento de seus nomes: “O disco solar foi encontrado (gem-pa-Aton), “A morada da pedra primordial (hut-benben), “Robustos são os monumentos do disco solar para sempre (rud-menu-en-Aton-er-nehe)”, que contém cenas do faraó e sua corte se dirigindo para uma farta mesa de oferendas, enquanto os servos aclamavam o rei e o disco solar, e “Exaltados são os monumentos do disco solar para sempre (teni-menu-en-Aton-er-neheh)”, onde são representadas diversas cenas do cotidiano do palácio.

Segundo Christian Jacq<sup>10</sup>, são nesses templos que encontramos as primeiras representações do disco solar com seus raios terminados em pequenas mãos e, além disso, o nome do Deus é colocado dentro de cartuxos, que nas inscrições hieroglíficas indicam o nome dos faraós.

O fato de o nome Aton estar nos cartuxos reais indica que o deus toma um aspecto de Rei. É verdade que outros deuses já haviam sido considerados Reis, como Amon ou Osíris, mas nenhum deles teve seu nome retratado em cartuxos.

O deus que Akhenaton cita na em uma das estelas de Amarna é um “faraó divino”, um “Bom Deus”, “Divino e Real”, cujo reinado começou com sua ascensão ao trono.

Essa relação íntima entre o Rei e o Deus é expressa com uma conotação de família; o faraó é ainda chamado pelo título usado desde o início do Antigo Reinado, “filho do Deus-Sol”, mas agora com a adição de “O belo filho de Aton”.

---

<sup>10</sup> JACQ, Christian. **Nefertiti e Akhenaton**: o casal solar. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

Ao contrário dos outros deuses, que representavam uma figura paternal e uma maternal com seu filho homem, Aton é único, não há uma Deusa feminina junto de sua presença; Aton se fez sozinho.

Apesar de ser às vezes mencionado como “o pai e a mãe de tudo que foi feito”, ele é predominantemente o “pai Aton”.

Mesmo assim, Akhenaton nos dá a impressão de que tentou formar um aspecto familiar a Aton, já que expressava a si mesmo como o homem da família, juntamente com sua Rainha e suas filhas, criando assim, o ícone familiar como foco de adoração, principalmente nas pequenas capelas das casas privadas de Akhetaton.

Mesmo que Aton não divida seu poder com uma Deusa, C. Aldred lança a idéia de que o aspecto erótico dado a Nefertiti, tanto em suas estátuas, quanto em inscrições que se referem a ela, tem o efeito de elevá-la como uma Deusa do amor, uma figura como Hathor.

As portas de entrada das tumbas de Amarna, as que estão completas, apresentam orações direcionadas a trindade do poder, Aton, o Rei e a Rainha.

Os altos funcionários de Akhenaton referem-se a ele como uma encarnação do Deus único, Aton. Ay se refere ao Rei como “meu Deus que me criou”; para Pentu ele é “o Deus que criou a humanidade e faz as Duas Terras viver”; Tutu o cita como “o Deus que me fez e que me criou”. As invocações a Aton também são direcionadas a Akhenaton.

Na tumba de Ay em Luxor há uma inscrição que afirma Aton como o criador do mundo, suas mãos misteriosas estão acima de tudo que fora criado, apesar de estar longe, no distante paraíso. Quando Aton descansa, o mundo torna-se escuro e hostil, e dorme depois da hora da morte até o dia raiar, quando tudo é despertado pelo poder do disco solar.

Até então, as estátuas dos Deuses egípcios viviam em “grandes mansões”, os templos, e eram protegidas e cuidadas pelos sacerdotes, que as acordavam, limpavam, as alimentavam as punham para descansar.

Todas essas crenças e estes rituais foram condenadas por Akhenaton, que dispensou os outros Deuses, baniu suas estátuas e abandonou seus templos em nome da substituição por um único Deus, representado por uma elaborada forma de hieróglifo que significava “luz do sol”.

São os talatat, pequenos blocos de pedra que formavam os antigos monumentos, que nos sugerem como Akhenaton quis ser retratado. Vê-se uma cena onde o faraó, ostentando a coroa azul, passeia de carro, dirigido por cavalos com plumas na cabeça e que apresentam um nome sagrado: “(equipagem) criada por Aton”. O ato é ritual, como explica o texto usado por C. Jacq para exemplificar tal afirmação: “Aparição em glória, no seu carro, por Sua Majestade, semelhante ao disco solar no meio do céu, iluminando as Duas Terras”.

Ao longo do reinado de Akhenaton, o culto a Aton vai se estruturando e se fortalecendo. Em menos de cinco anos já existiam novos templos, milhares de servidores, altares sempre bem guarnecidos de oferendas. As cidades já reconheciam a supremacia de Aton e mandavam constantemente “presentes”, metais preciosos, roupas, vinhos, óleos, carnes etc.

Passado o primeiro impacto causado pela “revolução Atoniana”, tudo parecia funcionar como de costume, o poder real exerce suas funções, o clero de Amon continua cumprindo seus deveres, as pessoas louvam e homenageiam o novo Deus, que permanece incrivelmente presente nas suas vidas.

Segundo Cyril Aldred depois de pouco mais de quatro anos no poder, Akhenaton surpreende novamente e faz celebrar sua primeira festa Sed, ou seja, o ritual mágico de regeneração do poder real. Mas será que era realmente necessária a execução de tal ritual em um reinado de tão pouco tempo?



Descobertas arqueológicas nos fazem pensar que o festival só fora realizado com o objetivo de reafirmar o poder novo faraó e do novo Deus, de dar uma “carga espiritual” às transformações de Akhenaton, como se os antigos deuses tivessem dando “permissão” para o culto e adoração do faraó e do novo deus que se impunham para a sociedade.

O panteão egípcio é convidado a dirigir-se a Tebas, lá cada “convidado” recebe uma capela antecipada por uma escadaria. O faraó sobe nesses degraus e presta homenagem a cada um dos deuses presentes que, em troca, lhe dão a força vital que carregam.

Através da análise dos talats<sup>11</sup> que compunham ostemplos atonianos de Karnak, podemos afirmar com certeza que o festival Sed de Akhenaton se realizou no santuário chamado “Aton foi encontrado”, construído a leste de Karnak.

Além disso, o ritual evidencia a importância do casal real no mundo do sagrado, os blocos de pedra encontrados no templo de Karnak testemunham que eles próprios desempenharam o papel principal no festival, que remonta a primeira dinastia.

Nefertiti encarnou Hathor e Akhenaton, Ré. No momento da união entre Hathor e Ré, o Sol divino vivia em comunhão celeste com a deusa do universo, encarregada da sua criação e de lhe dar beleza.

Nas paredes do templo de Aton podemos encontrar diversas representações do casal real em momentos de afeto, evidenciando que sua união era provida de muito amor. Através desse amor e dessa união é que os soberanos serviriam de meio para a vida divina chegar à humanidade.

Através da Festa Sed, o casal real adquire uma nova força, estão “equipados” com a magia divina para desenvolver sua tarefa perante o Deus Solar Aton.

---

<sup>11</sup> Pequenos blocos de pedra que formavam os monumentos construídos por Akhenaton e reaproveitados por outros faraós em seus próprios monumentos.

### 1.3 Revolucionário ou Ultraconservador?

Todos os indícios tendem a provar um perfeito entendimento entre Amenófis III e Akhenaton, entendimento este psicológico e político igualmente.

Partilhavam da mesma visão de como o Estado deveria ser conduzido, Amenófis III lançou as bases políticas que seu filho adotará em seu reinado e, principalmente, iniciou a tentativa de afirmar o Deus Solar como divindade suprema, é o início ao culto de Aton.

É na ocasião do seu Festival Sed que Amenófis IV deixa clara sua inclinação a Aton. Tal festividade tem como objetivo regenerar o poder e a força do faraó, há muito no poder; durante vários dias os deuses da religião egípcia encontram-se com o rei para que este possa homenageá-los, em troca de renovação de sua força e de seu poder vital.

O pai de Akhenaton transfere a festa de Tebas para Soleb, no Sudão, para poder partilhar com Aton a cerimônia de regeneração. Lá, seu arquiteto, Amen-hotep, ergue um templo admirável, semelhante ao de Luxor, em louvor do casal real e de Aton<sup>12</sup>.

O palácio do rei fica na margem esquerda de Tebas, era dedicado a Aton, sendo chamado de “A morada do faraó é o esplendor de Aton”. Isso designa o modo de como o velho faraó já havia posto sua vida, e de sua família, sobre a proteção de Aton.

Neste mesmo palácio encontra-se documentada uma adorável cena, com uma enorme conotação religiosa. Perto de tal moradia real, o faraó havia mandando construir um lago de recreação, inaugurado na “festa de abertura dos lagos”. O rei e a rainha subiram em uma barca esplêndida, que atravessou o lago. Esta barca

---

<sup>12</sup> JACQ, Christian. **Nefertiti e Akhenaton**: o casal solar. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

chamava-se “Esplendor de Aton é resplandecente”. Um texto conta essa cerimônia de tal maneira:

Sua Majestade ordenou que fosse escavado um lago  
 Para a grande esposa real Tyie  
 — que viva —  
 No seu domínio “Aquele que afasta a noite”.  
 O seu comprimento de três mil e setecentos côvados,  
 A sua largura de setecentos côvados.  
 No décimo sexto dia do terceiro mês,  
 Sua Majestade celebrou a festa de abertura do lago,  
 Sua Majestade passeou-se  
 Na barca real Aton brilha<sup>13</sup>.

Deste modo, Amenófis III começa a plantar a semente que Akhenaton irá solidificar, o culto ao Deus Solar.

Assim, a adoração de Akhenaton para Aton não é um ato “impensado” ou insano de um revolucionário, mas a continuação dos esforços de seu pai na tentativa de restabelecer o culto solar.

O culto solar já vinha sendo valorizado por Amenófis III há tempos, portanto, Aton não surgira de um lampejo de Akhantaton. A crença e a admiração pelo disco solar era uma herança familiar que fora trabalhada desde a infância. A obra de Akhenaton nada mais fora do que a continuação da crença e dos esforços de seu pai em tornar Aton o Deus único para os egípcios.

O Aton já era conhecido desde, no mínimo, o começo da XII Dinastia, quando Ammenemes I é mencionado em “A história de Sinuhe” como morrendo e voando para o céu para junto de Aton, o Divino, que deu início ao homem.

A mesma expressão poética é usada para anunciar a morte de Amenophis I; enquanto que seu sucessor, Tuthmosis I, escolhe como um de seus títulos a frase: “Horus- Ré, Boi Divino com chifre afiados, que vem de Aton”; já Rekhmire, vizir de

---

<sup>13</sup> JACQ, Christian. **Nefertiti e Akhenaton**: o casal solar. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002, p. 43.

Tuthmosis III, refere-se á sua relação com o Rei como “Eu vi sua pessoa em sua verdadeira forma, Ré, o Senhor do Paraíso, o Senhor do Alto e Baixo Egito”.

Com Tuthmosis IV, Aton é referido como o Deus das batalhas, que faz o faraó reinar em seus domínios e tráz todos seus dominados para a luz do disco solar.

No reinado de Amenófis III as referências a Aton como divindade solar tornam-se mais numerosas. O nome “Radiante de Aton” é usado em uma de suas barcas reais durante as comemorações do XI ano de reinado e no complexo do palácio Malkata antes de seu primeiro jubileu. Um nome composto de Aton fora dado a ao menos um de seus filhos.

Houve um progressivo aumento das menções e da importância de Aton como uma divindade única durante o período. Esse é um dos aspectos da crescente crença na ideologia do culto solar, além de manifestações de tal fato nos textos religiosos que aparecem nas tumbas dos Reis e de seus servidores mais próximos. O novo conceito de Ré é que ele é mais do que um Deus-Solar, ele é o universo que assimilou todos os outros Deuses em seu ser; ele é “o Deus único que se fez para a eternidade”.

Ele é chamado como “Ré do disco solar, poder supremo, de quem suas formas são suas transformações quando ele faz suas aparições como Aton”.

A experiência Armaniana divide os estudiosos do período ainda nas mais recentes pesquisas, abrindo espaço para especulações sobre a verdadeira intenção de Akhenaton, sobre a validade e lucidez de suas transformações.

A tradição “pró-Akhenaton” sustenta a idéia de que o período do Deus Solar foi um período orientado por um homem de visão, extremamente dedicado ao culto de um novo Deus, que deixou marcas, mesmo que efêmeras, positivas na sociedade do Antigo Egito.

Para endossar esta corrente, surgem diversos nomes. Entre eles Weigall, que diz:

Akhenaton deu-nos, há três mil anos, o exemplo do que devia ser um esposo, um pai, um homem justo; do que devia sentir o poeta, ensinar o pregador, conceber o artista, acreditar um sábio, e pensar um filósofo. A exemplo de outros grandes mestres, sacrificou tudo pelos seus princípios; infelizmente, a sua vida mostra a que ponto os seus princípios eram impraticáveis<sup>14</sup>.

Para o norte –americano Breasted<sup>15</sup>:

Akhenaton era um homem obcecado pela divindade, cujo espírito respondia com uma sensibilidade e uma inteligência excepcionais às manifestações de Deus em si mesmo... Um espírito que teve a força de disseminar idéias que ultrapassavam todo e qualquer entendimento de sua época e das épocas vindouras.

Ainda que bem defendida por estes estudiosos, entre outros, a linha pró-Akhenaton tem sua aceitação questionada e suas hipóteses pouco esclarecidas, já que não leva em consideração a documentação do período que temos ao alcance.

A tradição anti-Akhenaton é bem mais poderosa e enfática, além de ter uma número maior de adeptos, encontra sua teoria fundamentada em uma espécie de “histeria vingadora”.

Em sua obra a respeito do faraó “herético”, D. Redford o representa como:

Dotado de pouca inteligência, adorando-se a si mesmo, não entendendo nada de política internacional e reinando numa corte corrompida, Akhenaton, apesar de indolente, era um soberano totalitário. Recusava a liberdade individual e foi campeão de um poder universal que exigia submissão absoluta. Levado pelo seu próprio entusiasmo, o temerário de Akhenaton o acusa de ser um louco, pelo motivo de realizar suas

<sup>14</sup> WEIGALL, Arthur. **The life and times of Akhenaton**. Natl Book Network, 2000.

<sup>15</sup> BREASTED, James Henry. **Ancient records of Egypt**. Illinois University, 2001.

cerimônias rituais sob um sol abrasador que, de março a novembro, é insuportável no Egito<sup>16</sup>.

O egiptólogo francês C. Traunecker<sup>17</sup> classifica a experiência de Akhenaton como um “lamentável fracasso”. Alguns pesquisadores chegam ao extremo de afirmar que foi Akhenaton que levou o Egito ao declínio, entretanto, tal fato só ocorreu três séculos após sua morte.

O alemão A. Erman lança mão de argumentos mais científicos, com base em análises iconográficas da arte armaniana. Afirmando que as visíveis deformações que o rei sofria haviam deixado-o um tanto perturbado: “O jovem rei, fisicamente doente como o demonstram seus retratos, era com certeza um espírito inquieto, o que o levou a fazer sua reforma, desde o começo, com um zelo excessivo que só podia prejudicá-lo”<sup>18</sup>.

Críticas tão variadas fazem surgir uma confusão diante da “revolução” de Akhenaton, entretanto, parece-nos um tanto quanto vazio simplificar uma realidade tão complexa em momentos de insanidade de um faraó totalitário ou em devaneios de um homem doente.

A religião do Deus Solar não deve, nem pode, ser enquadrada em concepções modernas de religião, sociedade ou política. Ela deu-se em um contexto totalmente diferente do atual e teve seu êxito confirmado por nós mesmos, do contrário, Akhenaton e sua “experiência armaniana” não seriam objeto de tantas pesquisas e centro de inúmeras questões ainda na atualidade.

Se conhecemos os ensinamentos de Aton é graças aos textos, redigidos pelo próprio faraó, que temos ao nosso alcance, são hinos, inscrições das estelas fronteiriças da cidade, hinos e orações inscritas nas tumbas dos grandes dignitários.

---

<sup>16</sup> REDFORD, Donald. **Akhenaton, the heretic king**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1984. p. 52.

<sup>17</sup> TRAUNECKER, Claude. **Akhénaton et as légende in Egypt**. Paris: Bordas, 1984.

<sup>18</sup> ERMAN, Adolf. **Die religion der Aegypter**. Berlim, 1934, p. 89.

Existem temas comuns a estes escritos, o Deus Solar, o faraó, a esposa real, Nefertiti, a família real, mas também semelhanças na forma em como esses temas são abordados. Parece haver um modelo de como esses documentos deveriam ser apresentados.

C. Jacq em sua obra que evoca o casal solar, deixa a tradução do “Pequeno hino” a Aton, escrito pelo próprio Akhenaton, que foi gravado nos cinco túmulos de Amarna.

Ó Aton vivente, senhor eterno, tu és esplêndido quando te ergues! Tu és esplendoroso, perfeito, poderoso. O teu amor é grande, imenso. Os teus raios iluminam todos os rostos, o teu brilho dá vida aos corações quando enches as Duas Terras com teu amor. Deus venerável que se fez a si próprio, que criou cada terra e que nela se encontra, todos os homens, os rebanhos e o gado, todas as árvores que crescem do solo; vivem quando apareces para eles, tu és o pai e a mãe de tudo que criaste. Quando apareces, os olhos contemplam-se, os teus raios iluminam a terra inteira. Cada coração se acalma ao ver-te, quando te manifesta como seu senhor. Quando te deitas na região da luz a ocidente do céu, todos se deitam como se morressem, cabeças cobertas, narinas privadas de ar, até que brilhes de novo na região da luz a oriente do céu. Os seus braços adoram o teu ka, alimentas os seus corações com tua perfeição. Vivemos quando brilhas, todas as regiões estão em festa. Cantores e músicos criam a alegria no pátio da capela de pedra erguida e em todos os templos de Akhetaton, o lugar da precisão no qual te regozijas. Nos seus centros são oferecidos alimentos. O teu venerado filho pronuncia as tuas orações, ó Aton, que vive nas suas aparições. Todos aqueles que criaste pulam de alegria perante de ti. O teu venerável filho exulta, ó Aton, que vives quotidianamente feliz no céu. A tua descendência é o teu filho venerado, o único de Ré (o rei). O filho de Ré não cessa de exaltar a sua perfeição, Neferkheperuré, o único de Ré. Sou o teu filho que te serve, que exalta o teu nome. O teu poder e a tua força estão fechados no teu coração. Tu és Aton vivente cujo símbolo perdura; criaste o céu longínquo para nele brilhar, para observar o que criaste. Tu és o Uno em que se encontra um milhão de vidas. Para as fazer viver dá-lhes o sopro da vida no nariz. Pela visão dos teus raios todas as flores vivem. O que vive e se ergue do solo cresce quando brilhas. Saciados á tua vista. Os rebanhos cabriolam, os pássaros batem as asas alegremente no ninho. Ele os distribuiu para louvarem o Aton vivente, o seu criador.<sup>19</sup>

<sup>19</sup> JACQ, Christian. **Nefertiti e Akhenaton: o casal solar**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002, p. 108.

## 1.4 A Nova Capital

A criação da cidade de Aton tornou-se a grande meta do reinado, entretanto a tarefa se fazia mais complicada que o faraó previa. Era preciso parar com as restaurações dos edifícios de Karnak. Arquitetos, escultores, desenhistas, todos deveriam voltar seus esforços para a construção da nova capital, deveriam fazê-la nascer o mais rápido possível.

A razão pela qual o faraó escolheu o local que construiria sua capital não nos é totalmente clara, além de sua declaração de que fora o próprio Aton que o levou a tal localidade. Entretanto, C. Aldred diz que, durante um passeio pelo rio Nilo, observou que as colinas que cercavam Akhetaton eram a formação perfeita do símbolo usado para a representação do Deus Solar; um semi- círculo de colinas que protegiam a planície.

Enquanto os construtores e artesãos especializados trabalhavam na construção da cidade, o rei tinha como alvo sua corte, os sacerdotes e a população em geral. Deveria fazer com que esta enorme quantidade de pessoas largasse seus lares e suas tarefas e se dirigissem ao local da nova capital, ainda deserto e desconhecido, para formar o que seria a maior obra de Akhenaton.

Os textos nos fornecem a data precisa da fundação de Akhetaton, a cidade de Aton: o dia 13 do quarto mês do inverno, do ano seis do reinado. A cerimônia de fundação fora inesquecível, cuidadosamente preparada pelos ritualistas de Aton. Através de inscrições nas estelas fronteiriças da cidade temos o testemunho de seus principais momentos:

O faraó surgiu num grande carro de electrum (liga de ouro e prata), semelhante a Aton, quando brilha na sua região de luz e enche a terra com seu amor. Por uma bela estrada, previamente traçada, chega ao coração da nova capital em construção, onde faz um sacrifício a Aton: a terra rejubilava e cada coração se regozijava, ao verem o faraó fazer uma grande oferenda a seu pai- oferenda de cerveja. De pão, de gado de chifres



compridos e pequenos, de caça, de vinho, de frutas, de incenso, de libações, de legumes<sup>20</sup>.

A cidade e seu território ocupa um espaço de cerca de cem quilômetros quadrados, estendendo-se pela margem ocidental; onde, de norte a sul, são treze quilômetros de comprimento.

Ainda que o local esteja em ruínas e que nada reste de Akhetaton, hoje é possível ler o plano dos edifícios no solo, identificar a distribuição dos bairros e tentar uma reconstrução da estrutura da cidade. Através destas escavações podemos afirmar que a nova capital integrava um bairro norte e um bairro sul, cada um com seu subúrbio, entre eles, o centro da cidade, onde se encontravam o palácio e o templo principal.

A cidade de Aton tornara-se uma grande capital, com cerca de quarenta mil habitantes, onde os assuntos do governo eram tratados sob o olhar do Deus Solar; era o centro do maior Império da época. Pendlebury a descreve como:

Todos os assuntos do reino foram ali tratados. Todas as nações do mundo até então conhecido - minóicos, micênios, cipriotas, babilônios e outras ainda- acotovelavam-se em suas ruas, enquanto que, por trás de tudo, a vida ancestral do Egito continuava normal como sempre<sup>21</sup>.

Quatorze estelas foram erguidas, a maior ao norte, em Tuna-el-Guebel. Isto significa que o território de Aton se estendia, na sua maior parte, sobre a margem ocidental, mas também ocupava uma área na margem oriental.

Três dessas estelas explicam como o faraó planejou a cidade e como a dedicou ao pai celeste. As outras onze apresentam o mesmo texto, apenas com algumas modificações, mas ainda afirmando a vontade de Akhenaton em manter a

<sup>20</sup> ALDRED, Cyril. **Akhenaton**: king of Egypt. (1998) Londres: Thames and Hudson, 1991, p. 54 e p. 136.

<sup>21</sup> PENDLEBURY, J.D.S. **Les fouilles de Tell-el-Amarna at l'époque armaniense**. Paris, 1936, p. 203.

cidade sob o domínio de Aton, como local de adoração ao Deus e como residência de seu “filho” terrestre e sua família divina. Nefertiti ocupa um lugar especial nessas inscrições, fazendo-se presente em todas as cerimônias em louvor de Aton; as filhas do casal também se fazem presentes, tendo espaço garantido entre tais escritos.

Na cidade do sol, as tarefas rituais conferidas à Nefertiti eram consideráveis, participava ativamente de muitas cerimônias e até dirigia algumas delas. Provavelmente era responsável por um santuário, “A morada do repouso de Aton”, e tinha o controle sobre o clero feminino, tarefa esta que a elevava a uma posição de sacerdotisa de Aton.

Através de inscrições e de análises de elementos iconográficos sabemos que as funções de Nefertiti não param por aí. O texto de um túmulo do faraó diz que o disco solar “se ergue para manifestar a sua proteção a Nefertiti e que se deita redobrando o seu amor por ela”.

Também na parede leste do túmulo de Ay encontra-se o “Grande hino a Aton”, que se dirige ao próprio Aton, a Akhenaton e a Nefertiti. O que chama a atenção nesse texto é que não usa a menção de “a grande esposa real que ama Akhenaton”, à rainha Nefertiti. Ela surge como aquela que concretiza o pensamento divino do marido, conferindo-lhe o valor de agente que transforma a crença do faraó em realidade eterna; a presença da rainha é de ordem mágica.

Destacar de tal maneira o papel da rainha é atribuir-lhe uma posição no topo do sistema celeste e estatal de Akhetaton. É dar-lhe um estatuto divino muito próximo, senão idêntico, ao de Akhenaton.

Já não se trata da figura de uma rainha que apoia seu marido, mas de uma personagem que se torna parte essencial do funcionamento da estrutura religiosa e administrativa do país.

Outro indício que pode confirmar a existência de uma “deusa Nefertiti” é a presença de estátuas em seu louvor no Grande Templo de Aton, em Akhetaton. No

corpo dos monumentos encontram-se cartelas com o nome de Deus Aton: duas por cima dos seios, duas no abdômen e outra no centro da figura, por cima do umbigo.

Rei e Rainha tornam-se verdadeiramente o panteão egípcio, personificando o lado masculino e feminino do Deus Solar, tornando-se “o pai e mãe” da humanidade.

Um fragmento de uma das paredes da Casa do Rei apresenta uma impressionante representação do Rei e da Rainha sentados em bancos, um na frente do outro, conversando com suas seis filhas. As três mais velhas encontram-se na frente de seus pais, a mais nova, Sotepenrê, está no colo da mãe e as outras duas filhas estão sentadas próximo aos pés de Nefertiti.

Aldred indica que outro fragmento desta mesma parede traz o nome de Aton em uma forma que é mudada depois do oitavo ano de Reinado, o que sugere que todas as seis filhas do Casal Real nasceram antes do ano nove.

Tal teoria tem sido questionada por alguns estudiosos, notavelmente pelo Professor Redford, que atribui datas mais avançadas para as primeiras representações das filhas Reis em monumentos oficiais.

Se esse for o caso, as filhas Reais não deveriam participar dos rituais religiosos até alcançarem uma certa idade, quando já teriam mais responsabilidade. É somente no quinto ano de Reinado que a filha mais velha, Ankhesenpaaten, alcança uma idade que a permite participar dos ritos ao lado de seus pais.

Existe, entretanto, outro fato que também sugere que os nascimentos das filhas do Casal Real ocorreram antes que os monumentos relatam. Nos é claro agora, através das inscrições da talatat encontrada em Hermopolis, que as três filhas mais velhas deram á luz antes do final do reinado de seu pai. Já sabemos que Meketaten deve ter morrido durante um parto antes da morte de seus pais o que exige que ela própria tenha nascido o mais cedo possível durante o reinado de Akhenaton, antes do ano três possivelmente.

Porém, ela só aparece em monumentos a partir do ano cinco, quando sua figura aparece espremida na Estela K.

Ainda assim, Cyril Aldred diz que ainda são necessários mais estudos a respeito das datas dos nascimentos das filhas de Akhentaton e Nefertiti e que, por isso, não é possível ainda apontar para uma única direção.

A vida cotidiana da cidade do Sol fluía sob o ritmo das celebrações em honra de Aton. O rei, a rainha e suas filhas saíam diariamente de seu magnífico palácio em direção ao Grande Templo para a celebração do nascimento do disco solar e do início de mais um dia sob as mãos do Pai Celeste.

A população tinha a oportunidade de vê-los freqüentemente, passando em um esplêndido carro, brilhante como o sol. Saudavam e adoravam a família real gritando: “Vida, prosperidade, saúde” no passeio que tinha forte significado simbólico e ritualístico.

Estes eram, na verdade, momentos em que a população de Akhetaton podia aclamar a força divina, encarnada em Akhenaton e Nefertiti. Um pequeno detalhe iconográfico encontrado no túmulo de Ahmose confirma tal interpretação; sobre um carro puxado por dois cavalos emplumados, a rainha volta-se para o rei, que a beija. Junto encontra-se um de suas filhas que, apoiada sobre uma aljava, olhava para o horizonte á frente. Os raios do sol, terminados em mãos, dão vida a este ritual, uma dessas mãos vai até as rédeas, significando assim, que o próprio Aton conduzia o carro.

Terminado o culto diário, o faraó voltava ao palácio, onde dava numerosas audiências privadas, algumas delas aos discípulos do seu Deus Solar. Nefertiti também participava dessas sessões de ensinamento, levando ao povo as sagradas palavras de Aton e de seu filho, Akhenaton.

O rei mantinha uma relação relativamente próxima com os moradores de Akhetaton, quando saía de sua Morada Real entregava-se á longas conversas com

peças de sua capital, permitindo-os ouvir a natureza divina de Aton direto de seu filho na terra.

Um dos momentos mais esperados por todos é a “aparição” do faraó na sua varanda, aberta na passagem elevada que se estendia do palácio aos edifícios oficiais, como o sol que brilha todos os dias e traz a presença de Aton, o faraó também gostava de mostrar-se ao seu povo.

É dessa varanda que Akhenaton presenteava os dignitários que haviam servido bem ao Império com colares de ouro (metal solar). Ay, por exemplo, nas audiências e cerimônias que lhe eram designadas, lembrava contentemente a honra que recebeu quando o faraó o recompensou pela sua dedicação ao Império e à própria Família Real. No dia que recebeu sua homenagem de Akhenaton, a cidade encheu-se de festa, houve concertos e banquetes populares, a multidão admirava a ocasião, gritando: “É para Ay! O faraó o cumula de ouro e de riquezas!”

A vida em Akhetaton era guiada pelos cultos, pelas audiências, cerimônias protocolares, religiosas e festividades, onde o faraó, ainda que bem protegido pela guarda pessoal, mantinha-se bem próximo de seus súditos. Os habitantes da cidade do Sol mantinham o mesmo ritmo do que em outras cidades egípcias, servidores do templo, comerciantes, artesãos, agricultores, todos tinham dias de exaustivo trabalho, entretanto, havia numerosos períodos de descanso. As aparições do casal real eram celebradas e esperadas com o mesmo entusiasmo que as festividades, ritual este que acaba por substituir as festas tradicionais.

A cidade exaltava uma doçura de viver, a alegria e a religiosidade de seus habitantes eram os reflexos da luz e da serenidade que Akhenaton e Nefertiti transmitiam a todos. O bairro mais rico era ornado com diversos lagos e lindos jardins; já o bairro dos trabalhadores, ainda que simples, também era repleto de detalhes que demonstravam o entusiasmo de seus moradores em morar na cidade de Aton.

Não há nada que indique qualquer revolta contra a autoridade do faraó ou à sua capital, não existem registros que possam comprovar as hipóteses que afirmam a ocorrência de insatisfação popular com a transferência dessas pessoas para Akhetaton. Portanto, essas afirmações parecem não terem veracidade, ainda assim, não seria conveniente classificá-las como totalmente falsas, já que os estudos de Akhetaton ainda nos revelam numerosas descobertas.

## 2 ARQUEOLOGIA DA CIDADE

### 2.1 O Espaço Ambiental

As informações a respeito da estrutura e das características da cidade de Amarna são baseadas na obra de R.J Unstead<sup>22</sup>, que nos possibilita uma visão detalhada de como os habitantes da cidade viviam.

Akhetaton ocupa uma estreita faixa, a cerca de 325 quilômetros de Tebas na margem direita do Nilo, de vários quilômetros de comprimento e apenas um de largura, já que as terras férteis ao longo da margem do Nilo são de extrema importância para o sustento da cidade e não devem ser ocupadas com construções, entretanto, a extensão da cidade para o lado desértico não seria produtiva pela falta de água na região.

Foi construída, portanto, ao longo de uma estreita faixa de terra árida e foi garantida por poços, construídos junto ao rio Nilo, para garantir o abastecimento da população.

Não existiria, portanto, a necessidade de construir uma cidade cercada por muros. Em vez disso, a nova capital fora planejada através da divisão de várias áreas de desenvolvimento, semeadas e cultivadas ao longo do rio: a Cidade Principal, local onde encontram-se o Palácio Real e os Templos; o subúrbio; a Cidade do Sul e o Palácio das Termas do Sul (chamado Maru-Aton). Também havia uma aldeia de trabalhadores, situada na região do deserto, onde o abastecimento de água era mais escasso.

A Rua do Rei, a via pública mais importante, liga o templo Maru-Atôn ao Centro Principal e segue até a extremidade norte da cidade. Todas as ruas são

---

<sup>22</sup> UNSTEAD, R.J. **Veja por dentro**: uma cidade egípcia, Amarna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

largas, algumas chegam a 50 metros, e não possuem qualquer tipo de pavimentação; as ruas secundárias levam à rua principal, mas não têm nenhum sentido ou regularidade de direção. Algumas delas mudam de direção e desembocam em um largo com um poço no centro.

Akhenaton, na ocasião da escolha do local da cidade, definiu como se deu sua escolha: “Deve ser construída num lugar que não pertença a nenhum deus ou deusa, a nenhum príncipe ou princesa”.

Quem primeiro fez as escavações e estudos no sítio de Amarna foi o arqueólogo Flinders Petrie que, no final do séc. XIX, conseguiu investigar o que resta do Grande Templo, da Casa de Aton, do Grande Palácio, da Casa do Rei e de inúmeras casas privadas da cidade.

## **2.2 Casa Operária e Casa Nobre: Diferenças e Semelhanças**

Na cidade do Sol as casas seguem o mesmo padrão, de acordo com o bairro que fazem parte.

A casa de um nobre rico é semelhante às todas as outras pertencentes a nobres abastados, o mesmo acontece no bairro de classe média, assim como nos casebres da aldeia dos trabalhadores.

As casas habitadas pelos operários apresentavam características diferentes das casas operárias já encontradas no Egito, o que deu a Petrie a oportunidade de estudar uma construção doméstica operária de qualidade superior às outras até então conhecidas.

Basicamente, a casa em Akhetaton consiste em uma sala central cercada de numerosas pequenas salas, tornando a casa arejada no verão e quente no inverno, além de permitir que os cômodos recebam a luz solar de Aton.



Tanto a moradia dos ricos quanto à dos trabalhadores são feitas de tijolos secos ao sol, confeccionados da lama deixada pelas cheias do Nilo, o que garante uma provisão barata e ilimitada de material de construção.

A madeira é rara e de alto custo, pois as árvores que nascem no Egito - como a palmeira acácia e a figueira - não podem ser serradas em tábuas e apenas fornecem pequenas extensões de madeira. Os troncos de palmeiras podem ser utilizados em postes e em vigas de teto, quando cerrados longitudinalmente. Por isso, todas as variedades de madeira usadas na construção têm que ser importadas do Líbano, onde o cedro é abundante.

Na Rua do Rei existe uma casa, pertencente a um nobre, que se tornou a residência mais conhecida de Akhetaton. Ela conseguiu sobreviver a mais de três mil anos e ainda hoje nos serve como guia para o estudo da estrutura e da decoração usual da época.

Basicamente é semelhante à maioria das casas da cidade, já que sua principal característica era a grande sala principal cercada das várias salas menores.

A casa erguia-se em um extenso terreno, cercado por uma muralha muito alta. A entrada era feita através de um portão, guarnecido por duas torres, a casa seguia-se à esquerda, antecipada por um longo caminho ornado por árvores e flores, estendendo-se até o local de oração da família em um pequeno templo com alguns lances de escadas fronteiriças e uma par de colunas pintadas. O caminho, à direita, conduz a um pátio interior, pelo qual se entra na casa através de pequenos degraus.

Passando pela soleira da porta, emoldurada em pedra, vê-se o nome do morador. Chegamos aí na sala central da casa, o cômodo principal, usado nas refeições em família, nas ocasiões comemorativas, para receber as visitas ou apenas entreter-se com jogos e apresentações musicais.

A sala central apresenta duas características interessantes. Encostado em uma das paredes havia um estrado baixo de tijolo onde o anfitrião e seus hóspedes

sentam-se sobre esteiras para admirar uma performance musical, aproveitar uma abundante refeição ou apenas discutir os assuntos da cidade. Ao lado do estrado havia uma lareira, também feita de tijolo, onde era colocado um braseiro cheio de carvão para aquecer as frias noites. No outro lado da sala pode-se ver a laje da lustração, uma laje de pedra calcária, onde escorria um filete de água em direção ao vaso posto ao lado, essa água é usada para lavar as mãos e pés dos visitantes.

O que chama a atenção nesta sala é a quantidade de recantos e fendas nas paredes, alegremente pintadas com painéis em vermelho e amarelo. Estes exemplificam bem a importância que os egípcios davam ao equilíbrio; se de um lado existisse uma porta, do outro lado também haveria uma; se em uma parede houvesse uma mural, a parede contrária também teria uma representação destas. Isso também é feito com a disposição das janelas.

Uma escada que leva ao telhado completa a sala central, lá geralmente era armado uma espécie de toldo que proporcionava sombra e de onde se podia desfrutar de uma linda visão de toda a propriedade.

Nas casas particulares as paredes não são cobertas de cenas pintadas, como nos palácios reais, mas refletem apenas cores suaves, as colunas em geral são vermelhas, enquanto que as traves são pintadas de rosa; já o teto pode ser decorado com rosetas, tendo um friso de frutos e flores ao longo de toda a parte superior da sala.

O bairro sul, onde residiam os altos funcionários e trabalhavam alguns escultores, é caracterizado por uma estranha construção, o Maruaton. O edifício compreende lagos profundos, jardins, pavilhões, capelas, inicia-se, assim, uma nova paisagem teológica, que exalta as bênçãos de Aton.

Se examinarmos o plano básico das casas mais modestas, veremos que são construídas sobre uma base quadrada e que compreendiam um rés-do-chão sobrevalado, às vezes precedido de um antepátio, uma peça central para dar passagem a um número maior de salas, uma cozinha na parte externa da

construção e uma escada de acesso ao terraço. Esses elementos básicos são encontrados nas mais diversas disposições, já que cada morador organizava sua casa de seu modo.

Cada família tinha uma capela, onde celebrava os banquetes sagrados e veneravam Aton, além disso, ainda foram encontradas evidências que mostram que o culto a Amon, Ísis, Bé e Tauret ainda era relativamente comum.

Segundo a obra organizada por R.J Unstead, o estudo de Akhetaton mostra o quão a cidade vivia em harmonia com a natureza e os meios que dela dependiam, os laços entre os habitantes da cidade do sol e os camponeses nunca foram rompidos.

A cidade é um conjunto de pequenas aldeias, próximas umas das outras, onde cada uma abrigava uma porção da população, havia o bairro real, local onde ficavam o palácio e os templos; o bairro nobre, que acolhia os nobres e dignitários; e o bairro dos trabalhadores, onde viviam os trabalhadores, ou seja, a maior parte das pessoas que residiam em Akhetaton.

Por isso mesmo, diz Unstead, era impossível a formação de “guetos” ou de regiões marginalizadas, já que ricos e pobres conviviam de maneira muito próxima. Não havia distinção em lugares determinados para ricos ou pobres, toda a cidade era aberta ao uso de qualquer um que ali morasse, mesmo que havendo uma natural divisão dessas classes por “zonas” residenciais.

As escavações em Amarna também trouxeram à tona artefatos de extrema importância para a reconstrução da história do período. Inúmeros objetos de uso cotidiano foram encontrados, partes de anéis de faiança, jóias de todo tipo, amuletos – a maioria trazendo o nome de Reis e Rainhas - selos de ânforas, fragmentos de jarros de vinho, cerveja, mel e carne.

O mais importante era que tais jarros traziam não só o ano, mas o mês e o ano em que o produto fora produzido. As centenas de jarros datados encontrados

por Petrie evidenciavam que o ano dezessete foi o último do reinado de Akhenaton, seu sucessor, Smenkhare foi mencionado da mesma maneira por não mais que três anos.

Como não há fragmentos que mencionam Reis que depois de Tutankhâmon, supomos que foi durante seu reinado que a Cidade do Sol foi abandonada.

Outra grande descoberta foi uma máscara de gesso do rosto do Rei, encontrada em uma das oficinas do Grande Templo, que era utilizada como modelo para os retratos de Akhenaton carvados em seus “shawabtis”, imagens que faziam parte de sua mobília funerária.

### **2.3 O Grande Templo de Aton**

A maior e mais importante construção de Akhenaton era o Grande Templo de Aton, o centro do culto do novo deus. O templo erguia-se sobre uma enorme extensão de terra com 800 metros de comprimento e 300 de largura, tendo seus limites marcados por um alto muro<sup>23</sup>.

Graças às técnicas usadas na construção do Grande Templo, ainda dispusemos do plano do palácio, que ainda mantém sua estrutura de gesso no solo de Amarna.

Para entendermos as técnicas usadas na fabricação do templo, usamos as pesquisas de J. Vandier:

Começa-se por construir os alicerces em solo virgem, no local em que deviam erguer-se as futuras paredes. Os buracos das fundações eram enchidos com estuque de calcário, sobre o qual se desenhavam, com cordas esticadas, previamente revestidas de preto, os limites precisos das paredes. O solo, em toda a superfície do templo, era revestido com gesso,

---

<sup>23</sup> PROJETO AMARNA. Disponível em: <[www.amarnaproject.com](http://www.amarnaproject.com)>. Acesso em: 23 nov. 2007.

da mesma forma, e todos os elementos arquitetônicos previstos eram nele assinalados. Protegidos pelos destroços provenientes da destruição, este solo-testemunha permaneceu quase intacto. Assim, por uma espécie de milagre, dispusemos de um plano desenhado em gesso e conseguimos reconstruir o edifício sem muitos erros de cálculo<sup>24</sup>.

Quem possuía o privilégio de entrar no Templo seguia pelo lado do recinto que se encontrava a oeste, passando por duas gigantescas torres, que levavam a um pátio. Neste pátio podia-se admirar de perto a fachada do grande Per-Hai, a Casa da Celebração.

Tradicionalmente é de costume, quando se entrava num templo egípcio, encontrar ambientes fechados, escuros e silenciosos, o santuário é uma sala lúgubre e triste, já que o teto e o chão são extremamente próximos um do outro.

Apenas o faraó tinha acesso ao naos, onde, toda a manhã executava uma exaltação á divindade, pedindo sua benção e proteção para que o mundo dos homens continuasse a existir.

No Templo de Aton nada disso é mantido, as salas são repletas de luz e de vida, provenientes do disco solar, que é Aton, o culto é feito em áreas abertas com o acompanhamento de música e cânticos.

O Grande Templo mantém a mesma estrutura dos templos anteriores ao ressurgimento de Aton. Uma porta monumental leva a uma avenida guarnecida por uma série de esfinges, filas de árvores, uma série de pequenos pilones ornamentados com bandeirolas, grandes pátios e termina no corpo do templo, o lugar mais sagrado do complexo.

Aton se faz presente em todos os pátios e em todas as salas do edifício, está sempre em comunicação com os homens e em contato com quem entra no Templo.

---

<sup>24</sup> VANDIER, Jacques. **Manuel d'archéologie égyptienne**. Paris, 1952, p. 135.

Duas particularidades do templo atoniano da nova capital chamam a atenção. Primeiro, a existência de 360 altares de tijolos destinados a receber as oferendas alimentares; trata-se de uma referência à sacralização do tempo, comandado apenas por Aton, e ao ano egípcio, que compreende 360 dias de trabalho e de culto com mais cinco dias de transição entre o velho e o novo ano.

Segundo, a grande estela que traz a representação de Akhenaton e sua família real em adoração ao Sol. Ela substitui a pedra piramidal do templo de Heliópolis e ainda traz a família real substituindo o antigo símbolo do Deus. Akhenaton, Nefertiti e suas filhas são a encarnação de Aton na terra, suas figuras significam o disco solar e só através deles é que pode ser representado o novo Deus.

O Grande Templo era cercado por estátuas do faraó e de sua rainha em sua forma celeste, representados de forma divinizada.

As paredes eram cobertas de relevos e murais, cujo principal tema eram as celebrações e as oferendas do casal real a Aton. Infelizmente só nos restam fragmentos desses detalhes, que permitem crer na existência de colossos semelhantes aos de Karnak, onde o faraó é invocado à imagem do deus solar, como pai e mãe.

Além de ser o centro espiritual da cidade, o Grande Templo também tinha uma parte de sua estrutura – reconstruída no Museu de Luxor - dedicada às atividades econômicas ali realizadas.

Nessa divisão do Templo trabalhavam carregadores e camponeses que transportavam aves e produtos agrícolas, funcionavam uma fábrica de cerveja e diversas oficinas. Tudo que fora produzido em terra egípcia deveria ser trazido ao templo para ser sacralizado e redistribuído à população.

O bom funcionamento de todo o complexo do Templo é vital para o bom funcionamento do Egito, Akhenaton, apesar de um faraó extremamente religioso e místico, sabia dessa importância.

Exige a construção de uma estrutura dentro do complexo de Grande Templo de Aton dedicada aos órgãos principais da economia egípcia.

Os diversos ofícios e realidades sociais estão em harmonia dentro dos limites do templo. Prova disso são os detalhes nas paredes que retratam soldados se dirigindo ao santuário em carros e em cavalos. Além disso, também são representados as diversas funções que ali encontrava-se: sudaneses, músicos da guarda, cantores, flautistas, tocadores de lira, trabalhadores, camponeses, artesãos etc.

Se bem interpretados, os fragmentos de relevos encontrados revelam que no interior do templo estavam representadas cenas da família real, sua intimidade e momentos familiares. Aparece aí uma inovação, que demonstra a vontade do casal real em afirmar-se como entidades divinas, a encarnação do deus Aton em toda sua glória.

A teoria de que Akhenaton só teria cultuado seu deus através da construção da cidade e do Grande Templo está errada.

Além do surgimento de Akhetaton e da construção do templo sagrado na nova capital, existem evidências que comprovam a existência de santuários dedicados ao deus Solar em Tebas, Heliópolis, Mênfis, em algumas cidades do Delta e em uma região do Sudão próxima à Síria

Estas construções em nome de Aton são encontradas, portanto, em várias regiões do Egito. Prova essa que nega a teoria de um rei "isolado" em sua capital, cercada de inimigos do rei.

Existe a idéia de que Akhenaton tornou-se um “prisioneiro” em Akhetaton, que só vivia para seu Deus e que não tinha ligação, ou interesse, com o que acontecia fora da Cidade do Sol.

Os templos Atonianos fora de Akhetaton são a prova final de que o faraó não concentrou os esforços do Estado dentro dos limites da nova capital, mas levou sua crença para todo o Egito na tentativa de disseminar o culto a Aton entre seu povo e até mesmo nas províncias submetidas ao controle egípcio<sup>25</sup>.

Akhenaton nomeou como sumo sacerdote do Grande Templo um homem chamado Meriré, “o amado de Ré”, o que destaca mais ainda o laço entre Aton e Ré.

Em seu túmulo foram encontrados relevos que trazem cenas de sacrifício a Aton, porém, quem realiza tal ritual é o próprio faraó e sua família, Nefertiti e as filhas Meritaton e Maketaton; neste túmulo encontra-se a única representação do Deus Solar, em sua forma original, que temos conhecimento: um arco-íris.

Este sumo sacerdote era o principal administrados do Templo de Aton, encarregado de velar pela preparação das cerimônias e sua perfeita execução. Apesar de tais funções, o sumo sacerdote não tinha a permissão para celebrar o culto em sua totalidade, tarefa delegada apenas ao faraó.

O culto compreendia duas etapas fundamentais: primeiro, uma procissão estendia-se até o altar principal, passando pelas salas e altares secundários; depois a “execução da grande oferenda” é feita em frente ao grande altar pelo faraó.

Segundo Badawy<sup>26</sup>, as mesas de oferendas estavam dispostas sobre o lado norte do templo e havia mais no lado sul, umas utilizadas nos rituais do nascer do Sol, outras nos rituais do pôr do Sol. Cada dia do ano, assim ritualizado em plenitude, tornava-se a expressão do poder divino de conceder alimentos espirituais e materiais.

---

<sup>25</sup> WEIGALL, Arthur. **The life and times of Akhenaton**. Natl Book Network, 2000.

<sup>26</sup> BADAWY, A. Le symbolisme de l'architecture à Amarna. In: **Égyptologie en 1979 (Colóquios do C.N.R.S)**, 2, p. 187-194.



Outra parte importante do culto era a música, os músicos iniciavam a procissão, na tentativa de aproximar os homens dos deuses.

Os músicos usavam vendas nos olhos para não se ferir com os raios do Sol, já que eram proibidos de entrarem em contato direto com Aton.

O disco alimentava-se da substância imaterial da música, da sua beleza e delicadeza, oferendas que penetravam diretamente em seu ser e se traduzia em força, vida e felicidade para os homens.

Passada essa fase alegre da procissão, fazia-se então silêncio, para uma melhor contemplação do nascimento do disco solar a oriente. O rei e a rainha, assim como todos os presentes na celebração, prendiam a respiração quando o primeiro raio solar atravessava a escuridão e anunciava a presença de Aton.

Num antigo costume, o ritual de celebração era mais longo, já que o faraó iniciava as orações antes do nascimento do deus, e seguia-se com a leitura de um texto sagrado á fim de felicitar e garantir a presença divina no âmbito terrestre.

Este tipo de ritual não existia mais em Akhetaton, entretanto, uma tradição ainda se manteve: a celebração da oferenda. O faraó eleva o nome de Aton aos céus e lhe oferece Maât, a ordem superior que tudo regia, é a revelação do princípio da vida.

O faraó e o próprio deus Aton dependem da Maât, a regra universal, esta dependência é bem clara nas estelas fronteiriças de Akhetataon, é graças ás oferendas vindas da terra que o Egito permanece próspero.

A importância do Verbo nas celebrações atonianas ainda é mantida. É essencial que o faraó proclame as fórmulas de sacralização, agora mais simplificadas, para que a luz chegue aos homens e, assim, a vontade de Aton se faça onipresente dentro do seu Grande Templo<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> ALDRED, Cyril. **Akhenaton**: king of Egypt. Londres: Thames and Hudson, 1991.

Vários textos do período de Amarna comprovam que a noção fundamental do Ka fora mantida na religião de Akhetaton. Essa manifestação celeste é uma energia de natureza não humana, que encarna tudo o que é vivo, independente de sua manifestação no plano terrestre. Tudo e todos possuem um Ka.

Eis porque, no momento da morte, um ser humano “regressa ao seu Ka fundamental”, até a energia primordial na qual teve origem e que utilizou o melhor ou pior na sua passagem pela terra.

A religião atoniana não só não modifica a concepção do ser (o Ba, o Ka, o nome), como ainda permite que se desenvolva uma tradição de cultos privados, dos quais encontramos vestígios nas casas particulares da cidade do sol. Já não são os antepassados ou as divindades a serem venerados, mas sim o faraó e sua rainha, encarnação de Aton e o meio pelo qual o deus chega às pessoas.

Como comprovam os artefatos da sala atoniana do Museu do Cairo, era comum as casas particulares terem altares de veneração ao deus e ao casal real, chegavam a construir verdadeiras naos em forma de fachada de templo; segundo um símbolo muito usado na arte armaniana, vê-se a importância da esposa real e de suas filhas, já que formavam uma tríade: Akhenaton, Nefertit e uma de suas filhas.

Havia também outras estatuetas, das quais algumas com um pedestal em forma de “L”, representando Akhenaton. Nesse primeiro caso, o faraó parece estar ajoelhado e ergue as mãos á sua frente para adorar Aton quando se ergue. A representação do monarca é acompanhada de uma pequena estela sobre a qual estão gravadas as cartelas reais iluminadas pelos raios de Sol de Aton, que, por meio do contato de suas mãos, lhes dá a vida. Por baixo das cartelas estão cruzadas as plantas do Alto e do Baixo Egito. É o símbolo mais antigo da indispensável união das Duas Terras.

Os particulares, entre quais alguns continuavam a venerar as divindades tradicionais, podiam assim dispor, em casa, de pequenos monumentos que evocavam o essencial do culto e da teologia atonianos, tal como era encarnada através da família real.

## **2.4 A Casa do Faraó**

Na sua obra, aqui já citada, que analisa os aspectos fundamentais da cidade de Akhetataon, R.J Unstead nos dá um verdadeiro panorama de como a capital do Sol funcionava. Uma das questões que trabalha é o Grande Palácio do faraó, prédio esse que abrigava não só a família real do Egito, mas sim, o filho divino de Aton, sua esposa, a Grande Sacerdotisa, e suas filhas, partes fundamentais da tríade da ideologia atoniana.

O palácio nos apresenta como uma magnífica construção, de cerca de duzentos e setenta metros de comprimento, com uma imensa fachada principal, ligada por uma ponte de tijolos que conduzia a uma pequena residência – a casa do rei- onde o casal reinante se mostrava aos dignitários na “janela da aparição”.

A decoração do palácio era estonteante, cheia de detalhes coloridos e instigantes. Tambores de colunas em alabastro incrustados de motivos lotiformes, fustes em granito simbolizando feixes de juncos pintados em verde, capitéis representando folhas e flores de lótus. O piso era ornamentado com motivos naturais: charcos, tufos de junça e de papiros, patos levantando vôo. Executadas em guache sobre um fundo de gesso ou estuque; as pinturas murais de cores vivas assemelhavam-se às do palácio de Amenófis III, em Malkata.

Também representavam as belezas do Egito e as maravilhas de viver sob o sol de Aton, cenas do casal real fazendo oferendas, sua filha mais velha, Meritaton, tocando sistro, além de demonstrar estrangeiros submetidos ao deus, em posição de domínio.

Ao redor de todo o palácio os mais belos jardins, com flores e árvores exóticas, inúmeros espelhos d'água e animais enchem o lugar de cores e beleza.

Ao lado da residência do faraó encontrava-se um pequeno templo, a “casa de Aton”, uma espécie de capela, cuja entrada apontava para o local onde tinha sido escavado o túmulo real.

O palácio Real não era a única residência do rei, a cerca de dois quilômetros do centro da capital erguia-se o Maru-Aton, o Palácio das Termas do Sul, usado para os momentos de descanso de Akhenaton e para suas profundas meditações a cerca de seu pai, o Disco Solar.

Esta construção era formada por dois recintos paralelos, cujo menor era guarnecido por um agradável pavilhão com uma enorme sala cercada por colunas, próxima da sala do trono.

No jardim havia um pequeno lago cercado de árvores e, mais adiante, encontrava-se um portão que dava acesso a um outro pátio, este dominado por um grande lago de pouca profundidade. Um pequeno cais de pedra estendia-se até o meio do lago, onde os hóspedes podiam embarcar em pequenas barcas de passeio.

Neste mesmo grande jardim, havia um pavilhão dedicado ao faraó e à família real, lá se entregavam ao descanso, às longas conversas e às brincadeiras das crianças. Ali também existia uma pequena capela, para orações caseiras, e inúmeros tanques de peixes e plantas aquáticas.

Atrás dos limites do muro, dispõem-se as pequenas casas dos trabalhadores que serviam ao palácio, além dos canis dos galgos reais.

Próximo ao Grande Templo de Aton localizava-se o terceiro palácio dedicado ao rei, era o Palácio Setentrional, construído especialmente para satisfazer a vontade de Akhenaton de aproximar-se da natureza, era repleto de animais e plantas, onde um zoológico dividia espaço com grandes jardins e com um lago

artificial. Ali o faraó e sua família passavam horas em contato com a “obra” de Aton, o maior presente que o Disco Solar deixou para os homens.

## **2.5 A Aldeia dos Trabalhadores**

No deserto, á leste do centro da cidade, situava-se a aldeia dos trabalhadores, uma localização estranha para se desenvolver uma vila, afastado de qualquer abastecimento de água.

Graças á essa localização inusitada, os tanques e depósitos de água tinham que ser constantemente renovados, já que não existia nenhum poço ou canal que chegasse ao local.

A estrutura da aldeia é extremamente peculiar; havia 73 pequenas casas, todas do mesmo tamanho e de construção idêntica. As casas eram levantadas em terrenos divididos por cinco ruas estreitas, no ponto central dessa pequena estrutura urbana ficava uma casa maior, pertencente ao capataz que ali ficava para manter os trabalhadores em ordem e “incentivá-los” a cumprir todas suas funções.

Cada cabana tinha cinco metros de largura na sua extremidade voltada para a rua e dez metros de fundo, continha quatro ambientes – vestíbulo, sala de estar, quarto e cozinha. Geralmente no vestíbulo havia uma escada que levava ao teto, onde era montado um toldo, feito de esteira e de vigas, que proporcionava uma outra opção de cômodo, usado para descansar sobre a vista do deserto e como mais uma sala para recepção de visitas nos dias quentes.

O vestíbulo é onde se encontram os utensílios dos trabalhadores, o tear das mulheres e, freqüentemente, uma manjedoura para o animal de estimação da família; a sala de estar contém um pequeno estrado de tijolos coberto de esteiras e almofadas, um jarro redondo e fundo para armazenar a água e pequenos bancos para visitas, além de um fogão a carvão; na cozinha fica o forno de pão, em forma

de pote, arcas e pequenas cestas para guardar os alimentos, um almofariz para moer o trigo e uma infinidade de tigelas de todo os tamanhos e formatos.

De acordo com o que nos ficou dessas casas, os moradores da aldeia não tinham muita preocupação com a decoração externa de suas casas, já no interior dessas moradias encontrava-se uma grande variedade de detalhes decorativos. As paredes eram caiadas ou decoradas com afrescos de flores e de figuras humanas, pintados com materiais que os trabalhadores traziam das capelas tumulares que trabalhavam.

Na sua já citada obra, Unstead propõe a idéia de que esses trabalhadores eram escravizados pelo faraó, obrigados a morar em Akhetaton e a trabalhar nas obras em nome do Deus Solar e nos túmulos reais:

Essa espécie de prisão é cercada por uma muralha forte tendo apenas um portão na parte frontal.

É evidente que os habitantes dessa aldeia são prisioneiros, pois havia guardas patrulhando as estradas exteriores existentes nas colinas em volta. Por outro lado, a muralha não parece ter sido construída para guardar a aldeia de algum inimigo, mas sim para proibir a saída dos habitantes. Estes são de fato trabalhadores de túmulos, recolhidos nesse lugar para escavar e decorar os sepulcros nos rochedos vizinhos - trabalho este que enche de receio os cidadãos vulgares-. O trabalho é por isso realizado por escravos, pelos criminosos e pelos marginalizados, isolados nesse recinto cercado de muralhas, longe da vida civilizada da cidade de Aton<sup>28</sup>.

Contraopondo essa visão, está a posição de Christian Jacq, em seu livro aqui previamente citado, que sustenta a teoria de que o faraó não impôs nada à população, sua religião e sua capital foram absorvidas de forma gradual e voluntária e que a coexistência da cultura tradicional e da cultura atoniana conviveram de forma não-conflituosa, extinguindo, assim, a possibilidade de ter existido uma política de escravização de suas classes operárias.

---

<sup>28</sup> UNSTEAD, R.J. **Veja por dentro**: uma cidade egípcia, Amarna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

O bairro dos operários, uma aldeia dentro da cidade, apresentava-se como um conjunto de ruelas paralelas cortadas em ângulo reto. Na entrada da casa, o artesão armazenava os seus utensílios; depois havia uma sala de estar, uma cozinha, um ou vários quartos. Cada família possuía a sua capela, onde celebrava os banquetes sagrados, deuses como Amon, Ísis, Bés ou Tauret eram nela venerados<sup>29</sup>.

Em outra passagem de seu livro, usa achados arqueológicos para comprovar essa “dualidade” na religião da população durante a época de Amarna:

Os habitantes de Akhetaton usam divindades tradicionais na composição dos seus próprios nomes. O faraó nunca os obrigou a mudar. As escavações permitem trazer á luz do dia muitos amuletos e pequenos objetos de cultos prestados a divindades como Bés, Ísis, Tueris e mesmo Amon. Na casa de um homem chamado Ptahmosé encontrava-se, por exemplo, uma estela consagrada á devoção do deus Ptah. Entre as jóias de ouro encontradas em 1822, nos arredores do túmulo real, havia, num anel com um cabuchão, a representação de uma rã, a deusa Heuqet, sobre um escaravelho. No reverso, o nome “Mut, senhora dos céus”, esposa de Amon. É impossível acreditar que estes objetos foram levados para Akhetaton depois do abandono da cidade. Por consequência, existia ali uma religião “popular”, lado a lado com o culto oficial, prestado a Aton.

Ao que parece, a condição dos trabalhadores dentro da cidade de Aton e perante a nova religião ainda não nós é completamente esclarecida. São muitas as idéias e concepções que permeiam tal aspecto, por isso, como quase tudo que se refere ao período armaniano, ainda não temos condições de apontar uma única direção. Entretanto, um pensamento que se destaca entre os especialistas do período é esse, defendido por Christian Jacq, de que os trabalhadores não foram escravizados pelo faraó e que o culto a Aton foi absorvido pela população com “naturalidade”, já que Akhenaton não era um homem político, era o rei-deus, não podia nem deveria ser contestado.

As escavações feitas em Amarna vêm para ratificar essa idéia. Os amuletos, os pequenos templos domésticos e as inscrições nos túmulos demonstram que o culto a alguns deuses da tradição egípcia manteve-se presentes nas orações e

---

<sup>29</sup> UNSTEAD, R.J. **Veja por dentro**: uma cidade egípcia, Amarna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

crenças das pessoas de Akhenaton. Seu culto não desaparece completamente, apenas passa a conviver com um deus maior, com uma outra religiosidade, centrada na divindade de Aton.

## **2.6 Recursos e Atividades Econômicas**

Em Akhetaton, a terra cultivável na margem direita do Nilo, onde se estruturava a cidade, é utilizada, sobretudo em jardins, já na margem esquerda, a terra é ocupada com a exploração agrícola a fim de abastecer a população da cidade e de possibilitar as oferendas ao Templo de Aton.

O ano agrícola começa em Novembro, depois que a inundação do Nilo traz a cheia para fertilizar a terra. Então, a terra   arada por carros puxados a bois e semeada pelos camponeses; as cabras e ovelhas são usadas na última etapa do processo de plantio para garantir a total penetra o das sementes no solo. O tempo de colheita se estende pela primavera, finalizando em Maio.

Os principais produtos cultivados são o trigo, material essencial na confec o do vestuário, e a cevada, geralmente usada na fabrica o de cerveja, extensamente consumida pelos egípcios.

Para o uso cotidiano são cultivadas hortas de frutas e vegetais, como feijão, alface, cebola, alho, melão, abóbora, figo e romã. Essas planta es são regadas constantemente por reservatórios e canais construídos ao longo desses terrenos destinados ao plantio.

O cultivo de flores destinadas ao Templo   muito importante, e por isso merecem aten o e cuidados redobrados. As aves e os animais são criados não só para alimenta o, mas também para serem usados nas oferendas a Aton.



Os bois e as ovelhas possuem maior valor do que os porcos e cabras, sendo os burros utilizados como animais de carga. O gado de melhor qualidade é criado no Delta, mas existem pastagens suficientes para pequenos rebanhos perto das aldeias. Os animais destinados tanto á alimentação quanto ao sacrifício são gansos, patos e pombos.

Sob condições melhores de trabalho e de moradia estavam os artesãos, pintores, escultores, comerciantes e funcionários do Templo e do Palácio. Os construtores dos túmulos viviam numa aldeia distinta na cidade, onde dividiam seu dia entre os trabalhos nas tumbas reais e os cuidados com a vila onde moravam.

## 2.7 O Destino da Cidade

O evento mais importante dos últimos anos de reinado de Akhenaton foi o festival do Ano 12, quando uma grande comitiva de representantes de países subordinados ao Egito foi até o faraó para oferecer-lhe presentes e receber suas bênçãos.

Acredita-se que tal festividade ocorrera após a morte de Amenófis III e da ascensão de Akhenaton como único faraó. Tal festival teria acontecido em Tebas, para onde o Rei teria ido para comparecer ao funeral de seu pai no Vale dos Reis, provavelmente no palácio Malkata.

É a partir dos relevos danificados das tumbas de Huya e de Meryrê II que temos alguns detalhes sobre o festival que reuniu tantos representantes estrangeiros em torno de Akhenaton.

Para essa cerimônia a mobília “leão” fora usada, assim como as cadeiras que carregavam a Família Real em ocasiões solenes<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> ALDRED, Cyril. **Akhenaten**: king of Egypt. Londres: Thames and Hudson, 1991.

Tais relevos mostram o Casal Real em seus tronos de mãos dadas, rodeados por suas seis filhas e na sua frente estão os representantes das Terras Hititas, Naharin, da Síria, Palestina, Líbia e Punt, que são apresentados aos Reis por altos funcionários egípcios.

Eles oferecem seus presentes ao Faraó: armas ornamentais, carruagens, cavalos, animais exóticos, leões, antílopes, vasos de ouro e prata, penas de avestruz, jóias, incenso, jovens escravas, rebeldes e prisioneiros.

Essa é a última ocasião que temos conhecimento que demonstra a alegria e a união da Família Real, em paz e sendo admirados por seus subordinados. Dias negros estavam por vir.

A primeira morte que marcou o período foi a da segunda filha de Akhenaton e Nefertiti, Meketaten, que falecera devido á complicações durante um parto. Entretanto o desaparecimento de qualquer conotação á Rainha- mãe Tiye, pode indicar que sua morte ocorrera mesmo ante da morte de sua neta. Tiye não aparece nos relevos que representam o funeral de Meketaten. A última vez que seu nome aparece em inscrições é em jarros que datam em torno do ano 14 do reinado de Akhenton, indicando que a Rainha- mãe deve ter falecido nesse período.

Também em torno do ano 14 do reinado de seu marido a Rainha Nefertiti desaparece de cena. Nenhum jarro que se refira á rainha, sob o nome de Neferneferuaten, depois do ano 11 fora encontrado, entretanto, sabemos que ela ainda estava viva através de sua aparição no Festival do ano 12 e no enterro de sua filha Meketaten.

Com a morte de Nefertiti e Tiye a atenção torna-se para outra Rainha, Kiya, uma esposa secundária de Akhenaton. Não porque tomou a posição Real ou por ter assumido as responsabilidades de uma verdadeira Rainha, mas porque alguns especialistas do período voltaram seu foco de estudo a ela.

O nome Kiya é claramente um apelido, uma abreviação de um nome mais formal, provavelmente um nome de origem Mitania como Gilukhipa ou Tadukhipa, sendo a segunda opção a mais aceitável.

Apesar dos artistas retratarem Akhenatem de forma monogâmica, com sua Rainha e suas seis filhas, ele fora um dos faraós com maior harém de mulheres a seu dispor. Nenhuma, entretanto, era mais importante que Kiya que, além de uma esplêndida mobília funerária, tinha um templo em seu louvor no Meru-Aten e capelas para seu culto próximo à entrada do Grande Templo de Akhetaton.

Tais privilégios podem ser explicados pelo fato de Kiya ter dado ao faraó, além de uma filha, um filho ou filhos homens, fato esse extremamente valorizado pelos egípcios, já que a Rainha Nefertiti só tivera filhas mulheres.

Infelizmente, todos os monumentos que homenageiam essa segunda esposa encontram-se seriamente danificados e poucas informações podem ser retiradas.

Em meio a inúmeras hipóteses e teorias do que teria levado Akhetaton ao desgaste, surgem diversos panoramas de qual teria sido o contexto que levou Akhetaton à morte.

Alguns dizem que Nefertiti, temerosa pelo Egito após a “revolução” de seu marido, teria deixado-o e se retirado para um palácio afastado na companhia do jovem Tutankhaton. Lá, ela e Ay teriam preparado o jovem rapaz para tomar o poder, sob a tutela de Akhenaton, doente e cada vez mais deprimido pelo andar dos acontecimentos.

Outra explicação para os acontecimentos seria uma possível discórdia entre o casal real, porém, esta teria partido do próprio faraó. Amedrontado pelo fracasso de sua nova concepção de religião, Akhenaton teria recuado e tentando reaproximar-se do clero de Amon, atitude esta recebida com muita revolta pela rainha, profundamente devota a Aton. Contrariada, Nefertiti teria deixado o marido para viver isoladamente e preservar sua fé no disco solar.

Pressionado pelos sacerdotes de Amon, Akhenaton nomeou um co-regente para seu reinado, Semenkháre, que assumiu o papel e o carinho que Nefertiti tinha perante o rei.

De acordo com Pendlebury, aqui já citado, a rainha não teria aceitado a indiferença de Akhenaton e teria tentando matar o co-regente de seu marido e, fracassada tal tentativa, ainda estaria viva no terceiro ano de reinado de Tutankhaton, após ter se mantido fiel ao culto de Aton.

Estudos realizados sobre artefatos arqueológicos encontrados em Amarna nos levam a crer que a verdade é provavelmente muito mais simples e muito mais trágica. Mas ou menos no ano quatorze do reinado de Akhenaton a rainha Nefertiti, fragilizada pela morte de uma ou de várias de suas filhas, morre no palácio norte, para onde se retirara em virtude de seu estado de saúde.

No espaço de alguns meses, o rei perde sua esposa e uma ou várias filhas (fato ainda não esclarecido pelas pesquisas atuais). Amargurado pelo desaparecimento de sua amada, Akhenaton enfrenta a solidão do poder e se vê sozinho perante todos seus deveres com Aton e com o país.

A luz de Aton era representada pela força e pelo amor do casal divino; sem Nefertiti, o rei não consegue excetuar sua função teológica que o culto ao disco solar exige, a luz de Aton se enfraquece.

Seria necessário, diante de tais circunstâncias, a escolha de um co-regente, momento este que aparece a personagem de Semenkháre.

Após a morte da Rainha, Akhenaton ainda reinou por cerca de três anos, período este repleto de acontecimentos conhecidos por nós, entretanto, a ordem em que ocorreram ainda não nos é clara.

Mesmo antes da morte de Nefertiti, a relação do Rei e de suas filhas mais velhas havia alcançado um aspecto sexual, não como resultado de preferências libidinosas, mas como aceitação das obrigações que o Círculo Real impunha.

Nos últimos anos no poder, Akhenaton aparentemente tornou-se pai de pelo menos duas filhas que tivera com as princesas Meritaten e Ankhesenpaaten; essas crianças eram chamadas pelo nome de suas mães com a adição de “ta-sherit” (Junior) aos seus nomes.

Tal prática era explicada pela necessidade que o Faraó tinha em procriar filhos homens dentro de seu círculo familiar, de manter seu sangue na linhagem Real do Egito, porém, as princesas só tiveram filhas mulheres.

Um príncipe Real é mencionado na talatat de Hermopolite, “O filho do Rei, de suas entranhas, Tutankhuaten”, mas seus verdadeiros pais não são conhecidos com certeza.

Os últimos dois anos de reinado de Akhenaton ainda nos são obscuros, a documentação desse período é rara, nenhum monumento ou inscrição está datado com precisão.

Sabemos que no final do ano quatorze o faraó associa um co-regente ao trono, Semenkháre, nome este que reafirma o poder de Ré sobre Aton: “O ká de Ré está firmemente estabelecido”.

Esta co-regência dura cerca de dois ou três anos, até a morte do filho de Aton.

Ao mesmo tempo, como parte da cerimônia de coroação, Semenkháre teria casado com a filha viva mais velha, Meritaten, que teria assumido os títulos e ornamentos de Rainha Chefe. Enquanto isso, Akhenaton fazia de sua outra filha Ankhesenpaaten sua próxima esposa.

Quem era esse homem que dividia com Akhenaton o trono do Egito também nos é um mistério. Um filho de Amenófis III com uma esposa secundária? Irmão de Tutankhaton? Filho de Kiya? Nada parece responder essas questões, pois não há registros sobre sua família nem sobre sua origem.

No plano simbólico temos indicações mais claras. Assim como Akhenaton e Nefertiti, o rei e, agora Semenkháre, formam a unidade política e a unidade espiritual, tornam-se o “casal divino”.

O faraó mantém sua posição de representação da figura masculina e, seu co-regente assume o princípio feminino, é claramente designado como “a amada de Akhenaton”.

Assumindo todas as tarefas de uma rainha, Semenkháre recebe um dos nomes de Nefertiti, Neferneferuaton, e desempenha simbolicamente o papel da rainha morta.

Jullia Samson<sup>31</sup>, apoiada em escassos indícios, defende uma tese extremada, para ela Semenkháre nunca existiu. Segundo sua teoria, as pesquisas que tentam esclarecer a existência, ou, não de uma co-regência no final do reinado de Akhenaton foram baseadas em erros repetitivos sobre a documentação analisada, erros que perduraram de erudito para erudito.

Numa tabuinha encontrada em Mênfis, em 1854, Nicholson nomeou duas personagens não identificadas como “adoradores do disco”. Porém, nesta tabuinha não há nem disco, nem raios, nem menção a Aton; portanto, nenhum laço evidente com o período de Amarna. Contudo, em 1928, Newverry e depois Borchardt chamam estas figuras de “Akhenaton e Semenkháre”.

Com isso, Samson conclui que Semenkháre era a própria Nefertiti, tornada co-regente de seu marido.

---

<sup>31</sup> SAMSON, Julia. **Amarna, city of Akhenaten and Nefertiti**: Nefertiti as pharaoh. Waeminster, 1978.

Redford, mencionado anteriormente, é um dos egiptólogos que nega essa teoria. Diz que Neferneferuaton não é o nome de Nefertiti, mas um epíteto teológico, escrito, aliás, com uma ortografia diferente quando se refere a Semenkháre. O rei apenas realizou uma transferência do poder divino de sua esposa falecida para seu co-regente, insistindo no tema do androginato, a fim de que o poder do casal solar, e a lembrança da figura de Nefertiti, permaneçam sólidos e inesgotáveis.

No ano dezesseis, quando Akhenaton ainda estava vivo, o seu co-regente rendeu-se a Tebas. Lá foi encontrado um templo dedicado a Semenkháre, que manteve seu nome atoniano, mas fazia, com seu templo, uma oferenda a Amon.

Nesse momento Akhenaton estava ou muito doente, ou já morto, quando a experiência atoniana chegou ao fim e a capital foi novamente transferida para Tebas.

O retorno de toda a estrutura da capital para Tebas foi um processo rápido, apesar de complicado. A mudança da corte, dos ministérios, dos altos funcionários, dos nobres e de toda a população de Akhetaton exigia um comando administrativo e logístico, tarefa designada ao co-regente.

Depois de terminado o processo de abandono da cidade de Aton e a reorganização de Tebas, Semekháre some dos registros, sem nos deixar qualquer indício do motivo de seu desaparecimento. Morte ou apenas dispensado de suas funções? Ainda não temos bases científicas para apontar uma única resposta.

Ainda segundo Redford, Akhenaton teria morrido tranquilamente na sua capital durante o verão de 1359 a .C . Nenhum documento ou objeto denuncia a morte do faraó, o fato não é especificado de modo algum. O desaparecimento físico de um rei é muito raramente evocado nos textos egípcios, o que realmente se faz indispensável são os rituais e cerimônias que garantem uma passagem pacífica para a imortalidade.

O autor ainda afirma que os templos atonianos ainda estavam abertos três anos após a morte de Akhenaton, as Casas da Vida continuavam a prestar culto ao deus solar.

Durante mais de dez anos, o culto a Aton ainda foi celebrado nas principais cidades teológicas do Egito: Mênfis, Tebas e Heliópolis.

A situação religiosa havia mudado, Aton voltara a ser como os outros deuses e o Egito já não era mais magicamente protegido pelo disco solar, mas novamente por Amon. O faraó não adotava mais o nome do deus atoniano, Amon voltara a ser o principal deus do panteão egípcio, personificando-se através do novo rei.

Parece, portanto, completamente errado afirmar que houve uma onda de perseguição contra a memória do casal real e contra os adoradores de seu Deus Solar.

A religião atoniana não era uma seita à margem da sociedade egípcia, não havia nenhum esforço revolucionário, no sentido puro da palavra, nas ações de Akhenaton. A religião do Egito não funcionava em termos de crenças ou doutrinas passageiras. Aton tinha sido o deus de um reinado, fato comum no Egito, e não a revelação de uma verdade ou ideologia definitiva.

Se os templos de Aton foram fechados alguns anos depois da morte do casal solar, era porque não havia mais razões para mantê-los. Aton, Akhenaton e Nefertiti formavam uma tríade divina que substituíam o tradicional conjunto de deuses, desaparecida essa tríade, o culto a Aton perdera sua comunicação direta com o deus e, por isso, os outros cultos retomam sua atividade normal.

Aparece na História um novo personagem, o jovem Tutankhaton, “Símbolo vivo de Aton”, provavelmente com a idade de dez anos.

Tinha crescido na cidade do Sol, onde, seguindo as teorias mais aceitas, teria se beneficiado da proteção da rainha Nefertiti.



É este o jovem indicado a tornar-se o novo faraó, sob o nome de Tutankhamon, “Símbolo vivo de Amon”.

Como se deu a escolha do nome de Tutankhaton para futuro sucessor de Akhenaton ainda não sabemos, fora indicação de Nefertiti ou do próprio faraó, talvez uma Casa de Vida (escola para meninos dirigidas pelos sacerdotes). De nada temos certeza.

A transição de volta ao culto de Amon foi preparada e não teve nenhum caráter de “vingança” do deus de Tebas sobre Aton, pelo contrário, respondeu a um processo ritualístico que acabou pela volta á glorificação dos deuses antigos.

Contudo, um célebre édito parece lançar sobre Akhenaton fortes acusações:

Os templos dos deuses passaram por tempos detestáveis, os seus pátios tinham-se tornado caminhos onde todos podiam passar. O país estava esgotado pelos flagelos, e os deuses estavam negligenciados. Sua Majestade (quer dizer o novo faraó, Tutankhamon) procurou o que pudesse ser útil a Amon... Os deuses tinham voltado as costas ao país, os deuses e as deusas não vinham quando lhes pedíamos conselhos<sup>32</sup>.

O texto, na verdade, refere-se ao período em o Egito fica sem um faraó divino, sem um governante político e celestial. Durante os anos de reinado de Akhenaton os santuários dos deuses tradicionais não haviam sido destruídos ou sofrido algum tipo de agressão, as duas “religiões” conviviam pacificamente.

Mas, com a morte de Akhenaton o equilíbrio das Duas Terras fica ameaçado, o país passava por uma época caótica e abandonada pelos deuses. Para se afastar o perigo, só havia uma solução: a escolha de um novo faraó.

---

<sup>32</sup> ALDRED, Cyril. **Akhenaten**: king o Egypt. Londres: Thames and Hudson, 1991, p. 241.

Tutankhatamon, o nome agora evoca o deus Amon, assume o trono egípcio e casa-se com Ankhesenpaaten (mais tarde Ankhesenamun), segunda filha do rei Akhenaton. O general Horemheb tornou-se Vice-Rei e Regente, assumindo os assuntos militares e políticos de Tebas, ao passo que Ay, o antigo vizir do rei solar, tornou-se conselheiro pessoal do menino-rei e administrador de todos os assuntos religiosos; o tesoureiro e “Senhor dos Trabalhos” era Maya. Apesar de toda a política de reativação do culto de Amon e supressão das crenças atonianas, o novo faraó e sua esposa mantiveram a fé em Aton até o final de seu reinado.

A restauração da confiança dos Deuses para com o Egito era a primeira ação que o novo faraó tinha que tomar, assim como qualquer faraó que assume o trono, já que o início de um novo reinado era o início de uma nova era de alegria e prosperidade.

As atitudes adotadas por Tutankhatamon eram as medidas típicas que os reis do Novo Reino tomavam quando assumiam o trono; a construção de novas estátuas e santuários em nome dos principais Deuses, a restauração de altares e dos Tesouros Reais, novos sacerdotes eram nomeados. Certamente, muitos templos foram reconstruídos e restaurados durante o reinado do Rei-Menino.

No começo do novo reinado a cidade de Akhetaton ainda era habitada, ainda que sua atividade tivesse cada vez menor.

Weigall, em sua obra já citada, sugere-nos que a capital solar foi abruptamente abandonada num momento de precipitação. O autor baseia sua teoria na descoberta de ossadas de cães do canil real e cadáveres de animais das propriedades, deixando a impressão de um abandono repentino; além disso, a maioria dos túmulos permaneceu inacabada, poucos deles abrigavam múmias.

Mas somente esses indícios não provam que tenha havido um êxodo em massa e precipitada. Os notáveis e altos funcionários partiram antes, artesão e operários no final.

Já durante o reinado do rei-menino, ainda continuavam a trabalhar, na antiga capital, fábricas de faiança. As propriedades, uma vez pertencentes aos nobres, foram cuidadosamente cercadas por grandes muros para sua proteção e melhor conservação.

Não são muitos os objetos de uso diário encontrados no sítio de Amarna, apenas alguns resquícios que parecem não ter tido muita importância para os seus donos: retratos, modelos de relevos, moldes de argila e estudos incompletos achados em estúdios de artistas.

Na Casa da Correspondência do Faraó foram encontradas tabelas em conformidade, que relatam os despachos recebidos de Reis da Ásia nos primeiros três anos de Akhetaton. Tais tabelas foram deixadas na Antiga Capital porque, provavelmente, já deveriam ter sido copiadas em Egípcio e em papiros, bem mais fáceis de serem removidos.

A polícia deve ter organizado a retirada dos corpos dos habitantes que morreram e foram enterrados na Nova Capital dos cemitérios, já que quase nenhum corpo fora encontrado durante as escavações. Tal transferência deveria ser feita pelas próprias famílias, para outras regiões do país.

Entretanto, é provável que as Tumbas Reais não foram transferidas neste mesmo período para a necrópole dinástica de Tebas. Ao contrário da maioria das tumbas privadas, o túmulo da Família Real fora feito de acordo com o desejo e as crenças de Akhentaton.

Por isso, deve ter havido uma grande relutância em retirar a Família Real de sua tumba, adiando sua transferência para um período posterior, enquanto que o túmulo do Rei e de sua família era protegido por patrulhas policiais.

Com a morte do menino-rei, ainda não totalmente esclarecida pelos especialistas, Ay sobe ao trono, quebrando com a crença de que o próximo rei seria um tebano – sem laços com a experiência atoniana.

Existe a teoria que vê Ay como um exemplo de oportunista, que soube manipular Akhenaton para tornar-se um homem de sua confiança e, agora, parece aproveitar a morte de Tutankhâmon para subir ao poder. Teria tecido uma rede de intrigas, suficientemente fortes e convincentes, que fizeram que seu renome amarniano não fosse obstáculo para uma tomada de poder.

É uma visão muito modernizada e politizada, da qual apenas um pequeno número de especialistas concordam. Nos parece mais certa a visão de que Ay era um homem idoso, amado e respeitado porque seguia, e fazia-se seguir, a lei de Maât. Sucessor de um jovem rei teve um reinado breve e pacífico, que durou cerca de dois anos.

C. Aldred diz que a memória de Ay foi honrada com uma grande homenagem, apesar dos tempos, no seu túmulo foi encontrada uma inscrição que trazia o “grande hino” a Aton, fato que demonstra que sua fé e respeito pela religião que ajudou a estabelecer continuavam vivos mesmo após a morte do faraó Akhenaton.

Ao lado de Tutankhamon, junto a Ay, estava o general Horemheb, figura muito controversa dentro dos estudos do período armaniano. Com a morte do velho faraó, Horemheb torna-se o novo rei, prosseguindo com a linha armaniana no trono egípcio.

Após ter guerreado na Ásia sob as ordens de Akhenaton, a quem tinha servido fielmente, Horemheb aparece como o “homem forte” que teve tempo de prepara-se para a prática do poder. Não é como militar que se comporta, mas sim como um jurista. Promulga um importante decreto que reforma antigas leis, que haviam se tornado antigas e injustas.

Provavelmente casado com uma irmã de Nefertiti, o novo faraó não demonstra nenhuma hostilidade para o antigo rei solar, faz nomear sumo sacerdote de Ré, em Heliópolis, um antigo dignitário armaniano, mantendo assim a tradição de Aton.

Horemheb adota uma atitude intransigente em relação aos hititas, mas não inicia nenhuma guerra, mesmo quando manda matar um de seus príncipes, que havia tomado o rumo do Egito para casar-se com Ankesenapaton, viúva de Tutankhamon. Dizia que seria um ato de traição contra Akhenaton e contra o próprio Egito.

O cinema tem representado Horemheb como um soldado da velha guarda, bêbado, brutal e traidor, construindo uma imagem do general completamente oposta da que nos parece verdadeira.

O título “general”, na verdade, não deve ser levado ao pé da letra, Horemheb era, antes de qualquer coisa, um escriba real, logo um homem letrado e um jurista apaixonado pela justiça.

Na tradição egípcia não era incomum que a direção do exército fosse entregue a um “civil”, cujas competências administrativas coexistem com o controle das tropas e das armas. Provando tal idéia, um documento de difícil tradução parece indicar que foi Horemheb quem acabou com as ações de pilhagens nos túmulos de Tebas através de ações policiais rápidas e eficientes.

Apesar de todos os conhecimentos que temos a respeito de tal personagem, ainda é muito disseminada a idéia de que fora o general, já como faraó, quem ordenou a destruição do que ainda restava da cidade do Sol, de que seu reinado teve como principal tarefa eliminar qualquer traço ou vestígio da cidade e da religião de Akhenaton.

A verdade reside no fato de que Horemheb, como qualquer outro faraó da XVIII dinastia, começa por tomar posse da sua função de mestre-de-obras.

Inicia uma série de trabalhos em Karnak, com relevo para o levantamento do nono pilone. Conforme a tradição, aproveita os elementos arquitetônicos dos reinados passados para a construção de seu próprio monumento. Este material virá para suas obras dos templos atonianos de Karnak.

Os templos de Tebas construídos por Akhenaton são desmontados e cortados em bloco, com muita ordem e cuidado. Não se trata de uma ação “vingativa” de destruição, mas de um desmonte ritual efetuado com cuidado e, acima de tudo, com um propósito maior.

Estes blocos são os conhecidos talatats, que estão alinhados em camadas sucessivas que indicam a ordem de como devem ser remontados.

Contudo, os arqueólogos que os descobriram não compreenderam sua importância nem o princípio de sua disposição, organizada em ordem inversa de desmontagem. Se assim tivessem permanecido, sua reorganização e a reconstituição dos templos seria tarefa bem mais simples e produtiva para os pesquisadores.

De acordo com os indícios analisados, a sucessão de Akhenaton deu-se de forma pacífica, não houvera conflitos entre os adeptos de Aton e dos antigos deuses, ou guerras com outros povos.

Foram as pessoas mais próximas do rei solar que subiram ao trono, mantendo a linha atoniana no poder mesmo depois da morte de seu criador.

### 3 ARQUEOLOGIA TUMULAR

#### 3.1 Túmulos de Pedra

Os túmulos da cidade do Sol foram escavados na falésia que dominava a região de Akhetaton, assim seus ocupantes continuariam a contemplar a visão da cidade de Aton mesmo depois de sua morte. Nas escarpas rochosas a leste da cidade, o rei indicou aos ministros o local onde deveriam situar-se os túmulos, assim, eles foram escavados por grupos de trabalhadores da aldeia no local designado pelo próprio Akhenaton.

Aton talvez tenha ocupado o lugar dos antigos deuses, mas a crença na vida após a morte ainda fazia parte da mentalidade egípcia. Por isso a preparação para a viagem ao outro mundo era tão importante e, para isso acontecer, os túmulos e a preservação do corpo eram essenciais.

O primeiro passo para a construção de uma tumba egípcia era a construção de um longo corredor, logo depois, os trabalhadores escavavam um segundo corredor, cruzando com o primeiro em um ângulo reto e formando um “T”.

A sala funerária era um ambiente fundo e escuro que levava a uma capela com a estátua do morto. O teto é sustentado por colunas ricamente decoradas e as paredes do túmulo são polidas de maneira a poderem ser cobertas com representações de cenas e gravuras, criadas pelos escultores e pintores.

Diferentemente das tumbas de outros períodos da história Egípcia, esses túmulos apresentavam um tamanho maior, suas paredes eram ornadas com cenas do Rei e da Rainha e, muitas vezes, com suas filhas. A família Real não era mostrada em atitudes formais de veneração ao Deus ou como conquistadores triunfantes sobre seus prisioneiros estrangeiros, representações recorrentes na tradicional arte egípcia.

O casal real era representado em cenas íntimas de seu cotidiano, em suas tarefas diárias, em sua condição humana e não na de Deuses na terra. Apareciam abraçando suas filhas, andando de carruagem, fazendo as refeições no palácio.

Todos os túmulos contêm esculturas glorificando Akhenaton, que é geralmente acompanhado pela rainha, Nefertiti, e faz oferendas a Aton ou é visto chegando em seu templo em um carro de gala, ou mesmo recompensando seus servos fiéis com colares de ouro. Além disso, cenas do cotidiano da cidade e do morto também são encontradas, navios de carga com um só mastro, uma fortaleza de guardas, camponeses no campo, o falecido em seus afazeres diários ou em glorificação a Aton.

Em Akhetaton só foram escavadas quarenta e três sepulturas, fato muito estranho, já que é um número muito pequeno para a quantidade de nobres que as possuíam. Para responder tal questão só podemos pensar em uma resposta: ali existia uma elite designada pelo rei, que concedia aos outros dignitários autorização para construírem seus túmulos em outras regiões<sup>33</sup>.

Durante a missão Francesa em Amarna, que se estendeu de 1883 a 1902, foram encontrados alguns túmulos ainda não conhecidos. São os sepulcros do chefe de polícia, Mahu (tumba 9); do encarregado das finanças, Ipy (tumba 10); do general Ramose (tumba 11); e do secretário real, Any (tumba 23).

As tumbas privadas em Amarna eram presentes do rei para seus leais seguidores e, assim sendo, nenhum gasto tinha que ser poupado. Entretanto, a pedra em que foram construídos não era da melhor qualidade, por isso, melhorias tiveram que ser feitas, como o excelente trabalho com reboco para manter a estrutura firme e sólida.

Na tumba do médico do Rei, Pentu (tumba 5), as figuras e o que estava próximo delas foram cortadas e preenchidas com massa e, delicadamente, modeladas, uma prática única baseada na incrustação de vidro e faiança em

---

<sup>33</sup> MARTIN, Geoffrey. **The royal tomb of El- Amarna**. Londres: Egypt Exploration Society, 1985.



moldes para a inserção nas paredes de pedras de qualidade inferior. Apesar de todo o cuidadoso trabalho, o túmulo encontra-se em péssimo estado de conservação, as figuras perderam suas formas e as cenas estão reduzidas a silhuetas do que eram, assim como as inscrições encontradas no local.

A nobres intenções do Rei eram evidentemente incompatíveis com seus recursos, nenhuma das tumbas de seus dignitários está pronta: a decoração das paredes aparece muitas vezes incompleta e, em alguns túmulos, a câmara central está parcialmente construída. Apenas duas tumbas parecem estar finalizadas.

O santuário na capela de Any, que já era um idoso quando foi morar em Akhetaton, foi finalizado com desenhos em vermelho do falecido recebendo os últimos ritos fúnebres. O santuário na tumba de Huya contém relevos do cenário do enterro, oferendas, equipamentos, homens e mulheres lamentando sua morte e o último adeus na porta da tumba.

Apesar do fato das tumbas parecerem ter sido feitas quase que em uma produção “de massa” durante alguns anos, não existem dois túmulos iguais. Até mesmo os símbolos e representações comuns a todas, como a família real adorando o disco solar ou a recompensa ao falecido, variam em seus detalhes e expressões.

Com isso, notamos o espírito incansável dos artistas, que criavam séries e exemplares para o novo estilo de iconografia.

As tumbas podem ser datada, as mais antigas no lado sul e as mais recentes ao norte e, por isso, existem anacronismos no modo em que foram incrustadas na rocha e decoradas, fazendo da generalização algo impreciso . Pode ser dito que apenas sete anos separa as tumbas mais antigas das mais recentes, mas tal afirmação parece excessiva.

Segundo C. Aldred, podemos dividi-las em duas categorias. As tumbas mais antigas podem ser exemplificadas pelo túmulo de Ay, a penúltima a ser construída, é

a maior e mais importante na necrópole, o que indica a alta posição do falecido na corte de Akhenaton.

As estruturas dessa categoria representam a figura de Mutnodjme, irmã da Rainha Nefertiti, com sua real comitiva. Também apresentam um relevo de família real adorando Aton no lado esquerdo do portal de entrada e outro do falecido ajoelhado recitando um hino ao Deus Solar no lado direito.

Nas tumbas mais recentes a figura de Mutnodjme não aparece mais e as cenas de adoração da família real e da entoação do hino ao Deus pelo falecido são substituídas por figuras do dono da tumba adorando o sol nascente e poente.

Além dessas transformações, também podemos detectar modificações no estilo dos relevos das tumbas mais recentes. A cabeça na maioria das figuras representadas é desproporcionalmente grande, as imagens da família real tendem a ser mais alongadas e sua aparência menos exagerada. Entretanto, o ventre do rei é mais proeminente, talvez indicando mudanças físicas através do tempo.

Essas alterações no estilo da representação artística podem ser resultado das inovações dos novos artistas que passam a assumir o trabalho nas tumbas, uma afirmação explicando tais transformações ainda não pode ser feita com segurança.

O túmulo real foi descoberto por Barsanti em 1891, numa região bem distante da capital do Sol. O lugar era tão ermo que se teve que chegar a uma ravina, a seis quilômetros da embocadura do rio Abu Hasah el-Bahari, para leste. Quase impossível um lugar mais distante, escuro, silencioso e isolado.

O sepulcro de Akhenaton e de sua família fica em um lugar selvagem, incrustado em uma alta região árida, com pouca vegetação e luminosidade, mas de extrema beleza durante o pôr e o nascer do sol. Ocasionalmente, tempestades repentinas levam correntes de água para dentro da tumba, carregando objetos e fragmentos para longe da sepultura. Fato esse conhecido pelos habitantes próximos do local, que seguidamente procuram por antiguidades ainda não descobertas.

Essa curiosa localização deixou-nos inúmeras dúvidas, já que nem os textos ou inscrições dão alguma explicação para este fato.

Devemos pensar que a família real, guardada neste túmulo, fora obrigada a passar a eternidade longe de sua capital e de seus súditos? Havia uma vontade própria de Akhenaton em ser enterrado em segredo? Ou essa localização tinha algum significado especial que não conhecemos?

Assim, Akhetaton formava uma estrutura muito maior que pensávamos; seria formada por três elementos: 1) a capital do Egito, situada na margem ocidental do rio Nilo; 2) o conjunto de túmulos dos nobres na falésia da cidade, e; 3) o túmulo da família real, perdido no deserto, fora do alcance de seus súditos.

A entrada da Tumba Real encontra-se no nível do solo e é voltada para o oeste, onde Aton se põe todo dia. Segue-se por um longo e largo corredor por cerca de vinte e oito metros dentro da rocha para dar em uma ante-sala que leva à câmara fúnebre.

A câmara fúnebre é uma sala impressionante de cerca de 10 metros quadrados e 3.5 metros de altura. Os construtores começaram a abrir uma porta para outra câmara no canto da parede à direita, mas a operação não foi completada. Traços de inscrições perto do teto dão os títulos e nomes de Aton, Akhenaton e Nefertiti.

As cenas que foram representadas podem ser interpretadas, com dificuldade, como as cerimônias a Aton, grandes quantidades de alimento, bebida e flores estão presentes no altar ao Deus Solar.

Além das câmaras principais, duas estruturas de salas foram construídas, uma seguindo pela parede direita no meio do longo corredor e a outra no seu final, onde se entra na ante-sala.

O primeiro grupo, que é formado por passagens que levam a três salas, encontra-se inacabado, mas possui algumas semelhanças com a câmara funerária do Rei.

O segundo grupo de salas encontra-se no final do corredor, onde uma porta à esquerda leva a outras três salas. Desde sua descoberta, tais salas têm sido chamadas de “beta”, “alpha” e “gama”.

A sala “alpha” tem cerca de 5,5 metros quadrados por três metros de altura e todas suas paredes foram decoradas com relevos, os quais estão em mau estado de conservação, mas pode-se ainda ver o casal real e cinco de suas filhas fazendo oferendas em um templo enquanto Aton aparece brilhando na parede leste e se pondo na parede contrária. As outras paredes são interrompidas por portas, mas possuem relevos da população esperando do lado de fora do templo juntamente com a escolta militar.

Outras cenas mostram o rei e a rainha lamentando a morte de uma mulher, rainha ou princesa. Aton brilha no cômodo, porém, em outra cena logo abaixo, o disco solar não está presente, talvez indicando noite, do lado de fora, pessoas aparecem chorando e jogando poeira sobre suas cabeças, costume em momentos do luto.

A identidade da pessoa morta é incerta, já que seu nome não fora encontrado. Pelas semelhanças com as cenas de luto da sala “gamma”, foi pensado que o corpo seria de Meketaten, segunda filha do Rei, e que toda a estrutura de três salas teria sido construída para o sepultamento dessa princesa. Mas tal suspeita foi questionada e a idéia de que o corpo seria de outra princesa, ou até mesmo de uma segunda Rainha, fora lançada.

É nessa sala que quatro nichos foram cortados nas paredes para receberem o que Ciryil Aldred chama de “tijolos mágicos”. Tais peças, feitas com barro não cozido, traziam diversos amuletos e encantos do Livro dos Mortos para a proteção do corpo contra intrusos.

Ainda segundo Aldred, os franceses fizeram um álbum com fotografias da tumba real, porém, este se perdeu e somente temos os desenhos publicados em 1903, embora incompletos, nos dão boa idéia de como o túmulo fora encontrado. Através deles, temos indicações de como eram a decoração e a iconografia das paredes.

Além disso, Barsanti levou dos túmulos algumas peças para o Museu do Cairo: fragmentos de dois sarcófagos de granito, partes de um vaso canópico<sup>34</sup>, uma Estela que mostra a família real adorando Aton ainda com as formas exageradas usadas durante a primeira metade de seu reinado, inúmeros “shawabti” quebrados-pequenas estátuas de Akhenaton, em pedras e em faianças.

Outros objetos encontrados pelos moradores dos arredores da Tumba Real foram vendidos e dispersaram-se por coleções particulares ou pertencem a museus ao redor do mundo. Mesmo assim, algumas dessas peças foram recuperadas pela Organização de Antiguidades do Egito durante um longo processo de investigação e de busca por tais achados.

Bersanti, infelizmente, não descobriu o túmulo intacto. As pilhagens tinham transformado sua magnitude inicial, transformado sua caracterização.

Geoffrey Martin<sup>35</sup>, no final de um minucioso estudo, pôde formular hipóteses sobre algumas cenas que estavam representadas nas paredes, cuja decoração havia sido quase inteiramente destruída.

Na decoração das paredes desenvolviam-se temas da adoração a Aton, cujo principal eram as celebrações da família real ao Disco Solar. Sobre uma laje de calcária pintada, encontrada num dos quartos deste enorme túmulo, vemos o rei, seguido da rainha e de suas filhas. Oferecer flores ao seu deus. Os rostos e os

---

<sup>34</sup> Pequenos recipientes, cujas tampas tinham formato de cabeças. O vaso com cabeça de Imset (homem) recebia o Fígado do morto; o vaso com cabeça de Hapy (babuíno), os pulmões; o com cabeça de Duamutef (chacal), o estômago e o com cabeça de Qebehseuf (falcão), os intestinos.

<sup>35</sup> MARTIN, Geoffrey. **The royal tomb of El-Amarna**. Londres: Egypt Exploration Society, 1985.

corpos são praticamente desformes, chegando a um caráter de feiúra; Nefertiti está irreconhecível, seu corpo é muito mal feito.

Nenhum traço das representações tradicionais foram encontrados, somente alusões a Aton e a Ré, que davam ao túmulo o significado do complexo arquitetônico que dava á família real a possibilidade de transcender e transmutar através da luz divina.

Uma surpresa maior esperava por Geoffrey. Por trás do túmulo real ainda havia outra tumba. O quarto está bastante danificado e não podemos tirar conclusões definitivas.

Entretanto, a hipótese mais certa seria a de que a segunda sepultura encontrada pertenceria á rainha Nefertiti. Se tal idéia for verdadeira, teremos então um complexo tumular formado por dois elementos, uma representação arquitetônica do poder dual do casal, a imagem da importância da composição formada pelo rei e pela rainha, uma união onde a luz de um dependia da emanada pelo outro.

As pesquisas realizadas pelo Professor Geoffrey ajudam a desfazer alguns mal-entendidos e rumores a respeito da tumba de Akhenaton e sua família, particularmente, a respeito da localização do sarcófago do rei dentro do complexo de tumbas reais.

Uma parte do sarcófago de Akhenaton era feito de granito rosa, enquanto que a tampa era de granito cinza. Também foram encontrados fragmentos de granito vermelho, com uma cobertura de granito cinza, que pertenceram ao sarcófago de uma mulher, presumidamente a Princesa Meketaten, já que seu funeral fora representado na sala “gamma”.

Ambos sarcófagos foram amplamente destruídos e reduzidos a fragmentos, perdendo muito de sua decoração e forma original, entretanto, ainda é possível ter-se uma idéia de como eram no momento do sepultamento. O ataúde do Rei possuía imagens da Rainha Nefertiti em relevo e os braços da Deusa protetora nas laterais.

Já o outro sarcófago não pode ser tão bem interpretado e, assim, a identificação de seu dono também não nos é totalmente esclarecida. Presume-se que fora feito para a Princesa Meketaten, mas os nomes de Akhenaton, Amenophis III, Nefertiti, Tiye e Meritaten também aparecem inscritos na sua tampa.

O autor também acredita que, apesar das semelhanças com a decoração da sala “gamma”, a sala “alpha” não foi construída para o sepulcro de Meketaten, mas de outra mulher da família Real. Ele aponta para a presença de nichos nas paredes, cortados para receberem os “tijolos mágicos”, sinal de que tal sala fora preparada para alguém de extrema importância na corte de Amarna.

### **3.2 O Túmulo 55**

Este túmulo está no centro de um dos episódios mais misteriosos da arqueologia egípcia. Foi escavado em 1907 pela missão Davis, no célebre Vale dos Reis, numa região próxima a da tumba de Ramsés IX. Tal expedição era formada pelo advogado e egiptólogo amador, o americano Theodore M. Davis; pelo artista Joseph Lindon Smith e sua esposa, Corinna; o arqueólogo Edward Smith e Arthur Weigall, representante do Serviço de Antiguidades.

Quando descoberta, a sepultura estava bloqueada por um montante de destroços, sobretudo de objetos de culto em ouro, extremamente frágeis; o teto estava repleto de rachaduras, sua estrutura e decoração estavam ameaçadas por milênios de infiltração de água.

Apesar da presença de egiptólogos qualificados, a escavação foi muito mal orientada, não foi feito nenhum tipo de registro ou esboço do material que ali fora encontrado, os relatos das pessoas que estavam presentes são muito contraditórios e não podem ser base de nenhuma investigação científica.

Existem indícios que indicam a existência de roubo de objetos do local, não se teve a preocupação de chamar um especialista para os indispensáveis trabalhos de restauração. Quando os fotógrafos e a imprensa tiveram acesso ao sítio, os objetos haviam sido trocados de lugar e teria sido feita uma “faxina” no túmulo; por isso não podemos ter certeza de que a tumba foi realmente lacrada do jeito em que nos foi apresentada.

Provavelmente o local não tinha sido alvo de pilhagens, muitos objetos de ouro ainda foram encontrados e a parede que lacrava a entrada para a sepultura estava intacta, sua estrutura de pedra ainda mantinha-se ilesa.

Se a escavação tivesse sido bem orientada e os trabalhos iniciais tivessem sido feitos com cuidado e detalhamento, o túmulo 55 do Vale dos Reis poderia nos servir como uma das principais referências para as pesquisas do período amarniano e nossos conhecimentos referentes a essa porção da história egípcia seriam muito mais completos.

Quando os escavadores entraram na tumba, depararam-se com um corredor de cerca de 1,83 de comprimento e próximo a entrada encontraram um altar de madeira que tinha seus pilares de bronze ainda intactos.

O corredor levava a uma sala, que tinha suas paredes rebocadas, mas não decoradas. Na parede sul uma escada fora construída para levar a uma segunda câmara, mas sua construção não foi finalizada. Ali foram encontrados quatro vasos canópicos de calcita polida, que tinham suas tampas na forma de cabeças humanas que usavam uma curta peruca, de estilo militar muito usada por homens e mulheres no final da XVIII Dinastia.

No chão havia um lindo caixão, que se diferenciava por ser tão distinto de tudo que havia sido encontrado nas tumbas Amarnienses. Mas havia uma similaridade com o segundo caixão de Tutankhâmon, exceto pela peruca das imagens representadas, que não era a peruca normalmente usada por membros da família real. O ataúde era sustentado por cabeças de leão, o que também era



semelhante com o achado na tumba do rei-menino, mas este havia quebrado e deixado o caixão cair no chão, expondo seu interior.

Quando os escavadores foram retirar os objetos d tumba, encontraram inúmeros pequenos objetos, incluindo quatro “tijolos mágicos” de um tipo especial que normalmente era disposto na posição dos quatro pontos cardeais nos túmulos desse período. Também foram encontrados vasos de faiança, caixas e amuletos, a base de uma estátua de madeira, estatuetas e restos da cerimônia de sepultamento.

Um vaso de pedra trazia o nome de Amenophis III, outro, os nomes da Rainha Tiye e de Amenophis III, mas estes haviam sido apagados e um fragmento de madeira de um amuleto tinha somente o nome da Rainha Tiye.

Dentre os entulhos próximos da parede leste foram achados diversos fragmentos de selos de argila, que continham o cartucho real com o nome de Tutankhâmon.

Era claro que a tumba havia sofrido estragos por conta de duas razões. Uma longa rachadura no teto do corredor havia sido tapada com cimento, mas mesmo assim, deixou infiltrações prejudicar a tumba e os objetos que ali se encontravam, além disso, fazia-se evidente que alguns desses estragos eram resultados de ações propositais de humanos.

Os nomes do caixão foram retirados e a máscara de ouro fora cortada e retirada da tampa, cartuchos reais e imagens também foram cortadas do sarcófago. O uraei, serpente que representa a realeza, fora retirado dos vasos canópicos, assim como as inscrições no centro dos vasos e os amuletos dos “tijolos sagrados” estavam sumidos.

Tais modificações não eram ações de ladrões, que não teriam deixado nenhuma peça de ouro ou lacrado o sarcófago novamente, mas sim ações que objetivavam a retirada de qualquer indício da identidade de quem ali estava

sepultado. Felizmente, ainda restam alguns indícios que nos ajudam a indicar quem está enterrado na tumba 55.

Numa das estelas do santuário de madeira dourada, uma cena representava Akhenaton e sua mãe, Tiye, em adoração ao deus solar Aton. A figura do faraó sofrera represálias e só o que resta é o contorno de seu corpo. A capela, de cantos de cobre, foi criada pelo rei solar para o funeral de sua mãe.

Quatro vasos foram encontrados, atribuídos a Tiye, a Meritaton ou a Semenkharé, nenhum deles pode nos dar certeza, já que não possuem nomes.

Depois de um complexo e minucioso estudo dos textos encontrados na sepultura, a identidade da múmia parecia ser a de uma mulher, portanto as hipóteses de que se tratava do próprio Akhenaton foram abandonadas. Um especialista afirmou que o corpo pertencia à mãe do faraó, Tyie.

Era apenas o início de uma grande jornada até a descoberta da verdadeira identidade da múmia.

Após alguns exames e estudos mais detalhados da anatomia da múmia, Elliot Smith<sup>36</sup> diz que o resultado anterior estava errado. Segundo ele, a múmia é de um homem de cerca de vinte e cinco anos, que sofria de hidrocefalia. Conclusão inevitável: a múmia era o corpo do rei Akhenaton e, assim, suas deformidades físicas estavam comprovadas.

Mas um segundo especialista aparece em cena e traz novas perspectivas em torno da múmia da tumba 55. Douglas Derry<sup>37</sup> demonstra que o esqueleto em questão não apresentava nenhum sinal de hidrocefalia, portanto, o corpo não seria de Akhenaton. Além disso, a idade estimada do rei na época de sua morte não

---

<sup>36</sup> SMITH, Elliot. **Note of the estimate of the age attained by the person whose skeleton was found in the tomb.** 1910, p. XXIII-XXIV, ver DAVIS, **The tomb of queen Tiye.**

<sup>37</sup> DERRY, Douglas. Note on the skeleton hitherto believed to be that of King Akhenaten. **ASAE**, v. 31, p. 115-119, 1931.

correspondia com a idade estipulada para o cadáver da tumba, já que o criador de Akhetaton, sem dúvida, morrera depois dos trinta anos.

Entretanto, o cientista determinou que havia uma enorme semelhança entre as medidas do crânio encontrado na tumba 55 e o crânio de Tutankhamon, sugerindo uma forte possibilidade de serem irmãos. Sob essa dúvida, encomendou-se ao Dr. D.J Kidd a reconstituição da cabeça da múmia misteriosa.

O resultado dos trabalhos evidenciava “uma impressionante semelhança” com o rosto do rei-menino, conforme retratado nos caixões mumiformes, mas não havia nenhuma semelhança com Akhenaton. Mais tarde, testes feitos com o soro sangüíneo realizados em ambos os corpos indicaram que eles tinham o mesmo grupo sangüíneo, cujo tipo, embora comum, era uma evidência ainda maior de seu parentesco próximo.

Realmente as inscrições do túmulo parecem dirigir-se ao rei solar e á sua mãe, Tyie. Originalmente eram eles que deveriam ocupar o sepulcro, porém, o corpo ali depositado não pertencia a nenhum dos dois.

Direções atuais levam a crer que a tão difamada múmia seria o co-regente Semenkháre. O aspecto feminino da tumba parece-nos muito coerente, já que Semenkháre era considerado a “esposa mística” de Akhenaton, o que reafirma o caráter andrógino dessa instituição.

A múmia assume uma posição corporal típica das rainhas do Egito, seu braço esquerdo encontra-se dobrado sobre o peito e o braço direito estende-se ao longo do corpo.

Rex Engelbach, do Museu do Cairo, teve sucesso na tarefa de reconstituir a tampa do sarcófago e, assim, foi possível identificar seus detalhes e as alterações que havia sofrido.

Anteriormente, em 1916, o especialista francês Georges Daressy afirmou que o ataúde fora feito para uma mulher, quem presumiu ser a Rainha Tiye, e posteriormente adaptado para o sepulcro de um homem<sup>38</sup>.

Engelbach tentava provar que o sarcófago tinha sido feito para Semenkháre, primeiramente como pessoa privada e modificado depois que este passou a fazer parte da corte Armaniana.

Ao mesmo tempo, o Professor D. E Derry, sucessor de Elliot Smith, que havia examinado a múmia de Tuthankâmon e escrito o relatório oficial a respeito do corpo, re-examinou os ossos achados na Tumba 55.

Ele negou que o crânio apresentava algum sinal de hidrocefalia e que, apesar de ter uma forma ligeiramente estranha, possuía muitas semelhanças com o crânio do rei-menino. Seus estudos o levaram a crer que a múmia seria de um homem jovem, com não mais que vinte e três anos e, assim, reafirma a hipótese de que o corpo seria de Semenkháre.

Em 1957, Alan Gardiner reabriu as discussões sobre a identidade da múmia quando publicou um estudo a respeito do sarcófago e chegou à conclusão de que não haveria motivo para que a tumba fosse construída para outra pessoa senão Akhenaton. De acordo com Gardiner, apesar dos exames anatômicos terem apontado para uma conclusão aparente, as evidências arqueológicas deixam claro que as pessoas que enterraram a múmia na Tumba 55 acreditavam que estavam sepultando o próprio Rei.

Já em 1963, os Professores R. G Harrison , da Universidade de Liverpool, e A. Batrawi, da Universidade do Cairo, com a assistência do Professor de Radiologia do Hospital Qasr el Aini, submeteram o esqueleto a uma detalhada e documentada investigação, que desenvolveu novos padrões para os estudos de múmias Reais.

---

<sup>38</sup> As considerações mais atuais a respeito da identidade da múmia da Tumba 55 são baseadas nas considerações feitas por C. Aldred em sua obra aqui já citada.

Algumas partes do esqueleto mostravam alguns sinais femininos e certas características de algumas disfunções, mas não o suficiente para corresponder com as formas estranhas representadas em Akhenaton em seus monumentos.

O corpo era masculino e era possível definir que o indivíduo morreu aproximadamente aos vinte anos de idade. As formas do esqueleto facial e do queixo não batiam com a aparência do Rei em suas representações, mas eram muito semelhantes com as de Tuthankâmon.

O exame anatômico foi complementado pela reconstrução fotográfica do crânio, feita por D. J Kidd, o medico-artista da Universidade de Liverpool . Contornos produzidos do rosto foram sobrepostos a impressões das laterais e da face do crânio e o resultado encontrado não se parecia com Akhentaon, segundo suas representações, mas sim com a máscara de Tuthankhâmon em seu segundo caixão.

Diante de todas essas evidências parecia ser, inquestionavelmente, que o corpo realmente pertencia a Semenkhâre, uma figura ainda misteriosa para nós, que teve importante papel como co-regente e como marido da princesa herdeira Meritaten, nos últimos dois ou três anos do reinado.

Apesar de todos os estudos e pesquisas, alguns especialistas ainda mantêm a crença de que a múmia é mesmo do rei Akhenaton, retrucando todos os indícios que levam a crer que a idade no momento da morte seria de aproximadamente vinte anos.

Diante de tantas incertezas, os estudos mais recentes focaram-se no sarcófago e não mais na múmia. Mesmo apresentando grandes estragos, o caixão é uma das mais belas descobertas da Arqueologia Egípcia: feito de madeira, coberto por uma grossa camada de ouro e com um impressionante padrão de cores.

A teoria de que a tumba teria sido feita para uma mulher e, depois adaptada para receber o corpo de um homem real ainda é sustentada por diversos

pesquisadores, que dizem que as inscrições e a decoração do túmulo foram preparadas para o sepulcro de uma presença feminina.

Todas essas especulações tiveram um fim quando o pesquisador russo G. Perepelkin, depois de minuciosos estudos sobre os textos do período de Amarna, chegou à conclusão de que a múmia da tumba 55 é de uma segunda esposa de Akhenaton, “A favorita real Kiya”.

Já em 1959, William C. Hayes chamou atenção para um vaso do período, atualmente no Museu Metropolitano de Arte, que fora designado para uma segunda Rainha chamada Kiya.

Dois anos depois, Fairman publicou tal inscrição, juntamente com a inscrição de outro vaso, localizado no Museu Britânico. O texto consiste em um painel retangular com os nomes de Aton e Akhenaton, seguido por três colunas de hieróglifos que dizem: “A esposa e muito amada do Rei do Alto e Baixo Egito, Vivendo na verdade, Senhor das Duas Terras, Neferkheperure Wa’ enre, o Filho Divino de Aton, que viverá para sempre, Kiya”<sup>39</sup>.

Tal inscrição, com poucas variações, está sempre presente nas referências à Kiya. Perepelkin apontou para moldes de reboco, descobertos por Leonard Woolley no templo “maru” ao sul de Amarna em 1922, que traziam essa inscrição, mas que foram ignorados.

Também afirmou que o templo “Maru-aten” fora construído para Kiya e não para Nefertiti como os escavadores britânicos pensavam, e que foi o nome da segunda esposa que fora apagado dos monumentos e substituídos pelo da Princesa Meritaten.

A confirmação desta hipótese fora recentemente feita pelo estudioso alemão Rolf Krauss, que diz que as inscrições nos vasos canópicos da Tumba 55 foram inicialmente designadas para Kiya. Ele também afirma que o “uraei” fora adicionado

---

<sup>39</sup> ALDRED, Cyril. **Akhenaten**: king of Egypt. Londres: Thames and Hudson, 1991, p. 226.

posteriormente ao sarcófago, assim como a barba e, que os amuletos das mãos foram substituídos pelo chicote e pelo ceptro, símbolos da realeza.

A eliminação das colunas do texto á direita do painel, fazem com que a inscrição refira-se exclusivamente a Akhenaton e não deixa nenhum sinal do nome da Segunda Esposa Real, Kiya.

Também foi considerado que o altar destruído de Tiye e alguns dos objetos de seu sepultamento foram originalmente guardados na tumba como artefatos indesejados após a remoção de seu corpo para a tumba de seu marido, Amenóphis III, em Tebas, onde duas câmaras foram designadas para Tiye e de sua filha mais velha, Sitamun.

Porém, a disposição dos móveis na Tumba 55 é extremamente diferente, um grande altar feito de madeira importada e coberto por folhas de ouro era um item muito valioso e não teria sido abandonado lá, quando seu ouro poderia ter sido derretido e refeito para uma outra tumba real; existem evidências que demonstram que tal altar ia ser transportado para outro lugar, mas que tal ação não foi completada.

Outras evidências levam a crer que a tumba teve outro ocupante. Apesar do nome de Akhenaton ter sido cortado dos artefatos que ele providenciou para o funeral de sua mãe, ainda é possível identificar seu nome em dois dos “tijolos mágicos” que foram colocados na posição dos pontos cardeais, para a proteção do morto. Tal fato traz a suposição de que o Rei também fora sepultado na tumba 55, originalmente feita para Kiya e adaptada para recebê-lo.

A utilização da tumba 55 pode ser dividida em três fases, se a primeira ocupação for dividida em dois fatos.

No início do reinado de Tuthankâmon chegou-se a conclusão de que o abandono de Akhetaton e a volta para Mênfis seria o mais certo a se fazer, com isso tornou-se necessário remover os sepulcros que foram construídos ao longo dos

quatorze anos que a nova capital existiu para que não fossem violados por ladrões de tumbas.

Era tarefa das famílias remover os corpos de seus parentes das tumbas Amarnianas, mas no caso da Família Real, só foram levados à Tebas um bom tempo depois.

A tumba 55, que provavelmente estava sendo construída para uma pessoa privada, foi um desses sepulcros que foram requisitadas para abrigarem membros da família de Akhenaton.

A sepultura original de Tiye fora certamente preparada pelo Rei Solar em uma das tumbas que cercavam Akhetaton e, de acordo com suas crenças, ele a deu um lindo sarcófago, nunca antes visto em sepulturas de Rainhas.

Era feito de madeira nobre, coberto por gesso e ouro e com relevos de cenas e textos referentes a Aton.

O sarcófago abrigava mais caixões em seu interior, um dentro do outro. Todo o equipamento usado no sepultamento de Tiye não nos é certo, mas sem dúvida havia quatro vasos canópicos, semelhantes aos designados á Kiya, mas com o “uraei”.

Quando tudo que havia sido usado para o sepultamento da Rainha havia sido arrumado e os rituais realizados, o corredor foi bloqueado e a porta da tumba selada com blocos de pedra, que recebera o carimbo da necrópole e o nome do soberano reinante, Tuthankâmon.

Ainda há dúvida se a tumba fora usada para receber objetos de outros sepultamentos, Cyril Aldred crê que, se isso aconteceu, foi feito de uma vez só e que tudo foi retirado, deixando somente o que foi encontrado por Davis.



A segunda fase de utilização da tumba ocorreu quando alguém, provavelmente um faraó, decidiu que seria melhor transportar o sepulcro de Tiye para outra tumba, talvez para o túmulo de seu marido a oeste do Vale dos Reis.

Ao mesmo tempo, qualquer traço do “Rebelde Akhenaton” teria que ser apagado, objetos que apresentassem o nome do Rei Solar tinha que ser removido. Porém, muitos desses objetos já não estavam em bom estado de conservação e, assim, alguns dos selos com o nome de Akhenaton foram deixados no chão.

Foi aberta uma entrada na porta da tumba, para a remoção do sarcófago e de outros objetos maiores. Por algum motivo, os oficiais encarregados dessa tarefa decidiram deixar o ataúde de Tiye e somente apagar o nome de Akhenaton de tudo possível. Ainda assim, esqueceram de retirar um cartucho com o nome do faraó e, apesar de terem “neutralizado” o poder dos “tijolos mágicos” retirando seus amuletos, deixaram a inscrição com o nome de Akhenaton.

Sem ter a certeza de que o corpo encontrado por Davis em 1907 é de Akhenaton ou de Semenkháre, podemos pensar que os dois reis foram enterrados juntos com a Rainha Tiye, que era certamente a mãe de um deles.

Dois dos ocupantes da tumba foram removidos e o que permaneceu no túmulo teve seus objetos de sepultamento levados, tornando-se assim anônimo. A tumba foi fechada e selada sem qualquer carimbo ou marca que possa dar pistas da identidade da múmia.

O sarcófago pode ser visto no Museu do Cairo, onde foi recentemente examinado. Eis a tradução do texto inscrito no pé do ataúde:

Palavras ditas por... (o nome que se encontrava no escudo foi apagado).  
Pudesse eu respirar o doce sopro que vem da tua boca, pudesse eu ver  
quotidianamente tua beleza; o meu desejo é ouvir tua doce voz, semelhante  
à brisa, e que os membros regenerados estivessem vivos, graças ao amor  
por ti. Pudesses tu estender para mim os teus braços trazendo a força  
espiritual, a fim de que eu a recebesse e vivesse. Pudesses tu chamar-me  
pelo nome para a eternidade, para sempre!... tu que estás... vivo

eternamente, como o disco solar... O rei do Alto e Baixo Egito, que vive da justiça, o senhor das Duas Terras..., tu, o filho perfeito de Aton que viverá eternamente...<sup>40</sup>.

### 3.3 Os Túmulos de Ay e de Horemheb

Para reformar a religião, criar uma nova arte e construir uma nova capital, Akhenaton, como todos os faraós, cercou-se de homens de sua confiança, eram conselheiros, amigos e altos dignitários.

A documentação conservou o nome de alguns dos homens que cercavam o rei e, através desses textos, temos condições de desenvolver um estudo mais detalhado sobre esses beneficiários do poder real.

Dentre os homens do faraó, dois personagens merecem uma atenção particular e, além disso, é a respeito deles a maior quantidade de documentos que temos acesso. Assim, Ay e Horemheb tornaram-se célebres entre os especialistas e, até mesmo, entre os curiosos que se interessam pelo período de Amarna.

Ay, um velho e leal dignitário da corte, tinha o título de “pai-divino” ou “pai de deus” e, provavelmente, era tio de Akhenaton, irmão de Amenófis III, a quem também havia servido com lealdade.

Foi um dos últimos a partir para Akhetaton, onde nada perdeu de seu prestígio, pelo contrário. Alguns consideram-no o mais alto funcionário do reino, já que em sua tumba é retratado conversando calmamente com Akhenaton e Nefertiti, além de ter sido homenageado para a eternidade com uma inscrição do “grande hino” de Aton em seu túmulo.

---

<sup>40</sup> JACQ, Christian. **Nefertiti e Akhenaton**: o casal solar. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002, p. 213.

Acostumado a todas as manhas da administração e preparado para identificar e desmontar as armadilhas políticas, era o homem ideal para fazer a ligação entre Tebas e a nova capital. Por isso, antes, durante e depois do reinado de Akhenaton detém as principais funções da corte, onde mostrava um sentido de manobra aguçado e enorme conhecimento da diplomacia interna e externa.

Era designado com vários títulos e distinções: favorito do deus perfeito, escriba real, favorito á direita do rei, comandante de todos os carros, intendente dos cavalos do faraó. Segundo os textos de seu túmulo, Ay se beneficiava da confiança de todo o país.

Ele mostra-se verdadeiramente devotado a Akhenaton e ao seu deus, é o servo do *ka* do rei das Duas Terras. Chefe dos nobres, dos companheiros reais e de todos que servem ao faraó.

O rei viu Maât, a regra da vida, no corpo de Ay.

Seu túmulo serve-nos como um dos principais testemunhos da religião de Aton, nas suas paredes estão inscritos os textos fundamentais, o “grande hino” a Aton e as orações do faraó ao deus; constitui um santuário consagrado aos ensinamentos de Akhenaton.

A devoção de Ay para com o deus Aton lhe rendera inúmeras benesses, foi recompensado pelo próprio faraó com vários colares de ouro, além de ter seu túmulo decorado com orações e hinos a Aton. Um texto nas paredes de sua morada eterna exprime seus votos ao deus solar quando pergunta ao rei:

Permita-me beijar a terra sagrada, vir frente a ti com oferendas para Aton, teu pai, enquanto te dá teu *ka*. Permita que o meu *ka* permaneça e se expanda para mim...Que o meu nome seja pronunciado no lugar sagrado por vontade tua, já que sou teu favorito que segue o teu *ka*, que eu possa ser beneficiado por ti quando vier a velhice<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> JACQ, Christian. **Nefertiti e Akhenaton**: o casal solar. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002, p. 167.

O general Horemheb também fazia parte do seleto grupo de homens que beneficiava-se da total confiança do rei Akhenaton. Sua função era proteger a corte, especialmente a família real, e o Império Egípcio de perigos que podiam vir de dentro ou de fora de seu território<sup>42</sup>.

Sofrera com a atual “campanha” para representá-lo com um velho soldado, bêbado e cruel, porém, essa imagem parece funcionar somente no cinema. Apesar de extremamente mal-visto pelos leigos, Horemheb tem espaço garantido entre os grandes personagens da era atoniana e do período seguinte.

O título general, na verdade, não deve impressionar-nos, pois era, antes de tudo, um escriba real, um homem letrado, um jurista apaixonado pela justiça, um fiel de Aton que fazia tudo que estava a seu alcance para garantir e proteger a tranqüilidade de Akhetaton e de seu criador.

Na cultura egípcia era comum entregar o comando do exército nas mãos de um “civil”, cujas funções estendiam-se da administração das forças armadas, até a coordenação de tropas e de seus materiais.

Depois de morte de Ay é ele quem assume o poder do Egito e a primeira coisa a fazer é assumir seu papel de “chefe-de-obras” do estado. Inicia uma série de trabalhos em Karnak, com relevo para o levantamento o nono pilone. Conforme a tradição, aproveita os elementos arquitetônicos dos reinados passados para a construção de seu próprio monumento. Este material virá para suas obras dos templos atonianos de Karnak.

Seu reinado caracteriza-se por um forte controle sobre as instituições do Estado, o novo rei empenha-se em acabar com a corrupção no governo, além de elaborar e renovar as leis do país.

---

<sup>42</sup> JACQ, Christian. **Nefertiti e Akhenaton**: o casal solar. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

Assim, traz aos pobres um grande número de benefícios reduzindo e qualificando o tempo de trabalho, além de acabar com as leis que aceitavam o castigo.

Iniciou a reorganização do Egito, pretendia impor a ordem, melhorar as condições de vida do povo, que estava na miséria, defender pobres de funcionários que agiam aproveitando-se de sua alta posição. Para diminuir os roubos, defender o povo e diminuir a corrupção, instaurou uma série de medidas repressivas com punição imediata.

As ações militares mantiveram a direção dos governos anteriores, já que não envolveu o Egito em nenhuma guerra de combates, esporadicamente liderava ações militares para manter a ordem dentro e fora do país.

Foi enterrado em um belo hipogeu no Vale dos Reis e na sua tumba surgem, pela primeira vez, textos do “Livro dos Pórticos” dedicado à regeneração de Ré, o Deus solar.

A tumba de Horemheb localiza-se na região de Saqqara e inscrições nela encontradas demonstram o próprio general referindo-se como “o guardião dos passos do rei”. Sua morte traz fim à linha atoniana que governava o Egito desde a morte de Akhenaton.

Como não tinha herdeiros e sabia da necessidade de um Rei guerreiro para o período, designou o seu general e vizir Pramsés. Este será Ramsés I, fundador da dinastia ramsésida.

Os estudos que têm como objetivo analisar as tumbas de Ay e de Horemheb ainda são poucos e, por isso, nossa pesquisa ainda necessita de outras fontes para realizar uma pesquisa satisfatória no que se refere a esse aspecto.

### 3.4 O Túmulo de Tutankhamon

Depois de anos de esforços na tentativa de achar o túmulo do menino-rei, Howard Carter chega ao Vale dos Reis no dia quatro de Novembro de 1922 para mais um dia de escavações sem saber que aquele seria o dia que mudaria não só sua vida, mas também a história da egiptologia.

Ao aproximar-se de sua equipe de escavadores, recebeu do capataz geral a informação que tanto esperava, fora encontrado, embaixo dos alicerces da primeira cabana de pedra, um degrau cortado no leito da rocha. Entusiasmado, Carter mandou que as escavações continuassem e, para sua surpresa, foi desenterrado um degrau, a apenas quatro metros abaixo da entrada da tumba de Ramsés VI.

Em suas palavras: “... quase ousei Ter esperanças de que, por fim, havíamos encontrado nossa tumba”<sup>43</sup>.

O trabalho continuou, em ritmo frenético, durante o resto do dia e os trabalhadores dividiam com Carter a empolgação e o entusiasmo pelo o que poderiam encontrar se seguissem tal degrau.

Teriam encontrado a Morada Eterna de Tutankhâmon? Achariam uma múmia? A tumba estava intacta ou fora pilhada por ladrões? Eram muitas as dúvidas que os cercavam durante esses momentos de tensão e entusiasmo.

No Domingo, cinco de Novembro, tiveram acesso a nada menos do que doze degraus de uma escadaria subterrânea (cerca de 4 metros por 1,60m). No final da escada depararam-se com uma porta bloqueada, coberta de argamassa e lacrada. Ao registrar o fato, Carter escreveu em seu caderno: “Uma porta lacrada - era, mesmo verdade então! ossos anos de trabalho paciente seriam afinal

---

<sup>43</sup> HOWARD, Carter. Manuscritos. **Caderno 1**, Oxford: The Griffith Institute, Ashmolean Museu. O acesso aos escritos de Carter foi possibilitado através de: OGLIVE-HERALD, C.; COLLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia: Tutancâmon**. São Paulo: Landscape, 2004, p. 66.

recompensados, e acho que minha primeira reação foi de exultação por minha fé no Vale Ter por fim se revelado justificada”<sup>44</sup>.

No alto da porta descobriu-se um lintel (verga) de madeira e, abaixo desse, carimbado na argamassa que restava, surgiram as nítidas impressões de um selo, mostrando o deus Anúbis em seu aspecto de chacal sentado acima de nove inimigos mortos. Carter reconheceu-o como o selo da necrópole real tebana, o que o convenceu de que o túmulo não havia sido arrombado desde a construção das cabanas dos operários, erguidas diretamente acima dele durante o reinado de Ramsés VI.

Incapaz de controlar sua curiosidade por mais tempo, ele fez um pequeno buraco na argamassa da porta, suficiente para olhar o que esperava por eles no interior da tumba. Usando uma lanterna elétrica, ficou decepcionado ao ver que a sala além da porta estava cheia de entulho.

Mesmo com todas as possibilidades ao seu alcance, Carter resolveu aguardar e comunicar Lorde Carnavon, seu amigo e responsável pelos custos da escavação, antes de abrir a porta para o túmulo; eis o que disse na correspondência: “Maravilhosa descoberta no Vale. Tumba soberba com selos intactos. Espero sua chegada para abrir. Felicitações”<sup>45</sup>.

Na espera de Carnavon, Carter ordenou que a entrada para a tumba fosse novamente fechada. Operários a lacraram com os próprios pedregulhos usados no tempo faraônico para construir as cabanas, agora demolidas. Portanto, apenas dois dias depois de sua descoberta a sepultura já estava desaparecida de novo, longe dos olhares de curiosos e protegida dos danos causados pelo contato com o oxigênio. Parecia que Carter havia estado em um sonho.

---

<sup>44</sup> OGLIVE-HERALD, C.; COLLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia: Tutancâmon**. São Paulo: Landscape, 2004, p. 62.

<sup>45</sup> Ibidem, p. 62.

No dia sete de Novembro, a notícia da descoberta já havia se espalhado e Carter começou a receber mensagens de congratulações, ofertas de ajuda e todo tipo de proposta que poderia ser feita.

À frente de um trabalho que exigiria cuidado e perspicácia, Carter pede ajuda a seu velho amigo Arthur J. “Pecky” Callender, perito em engenharia. Callender, que depois que se aposentou passou a morar no Alto Egito, chegou em dois dias de sua fazenda em Ermant, apenas a alguns quilômetros ao sul de Luxor.

Nessas alturas, Carnavon já havia telegrafado a Carter avisando que chegaria dia vinte de Novembro em Alexandria em companhia de sua filha, Lady Evelyn Herbert.

Com Carnavon e Carter juntos, a hora era perfeita para a abertura da porta lacrada.

Depois de encontrar-se no Cairo dia vinte, Carter, Carnavon e Lady Evelyn partiram em direção do Vale dos Reis. Ao chegarem, assistiram a retirada dos últimos entulhos que trancavam a porta. Mais quatro degraus apareceram, totalizando dezesseis degraus, e na parte inferior da passagem Carter notou impressões de selos ostentando a cártula do título imperial de Tutancâmon.

Porém, o fato que mais causou estranheza foi que podia-se ver dois pontos na parte superior da porta que haviam sido quebrados, depois vedados. Claramente, uma evidência de que o túmulo havia sido violado pelo menos duas vezes na Antigüidade.

As frustrações e surpresas ainda seriam muitas. Entre os entulhos da base da escadaria, Carter achou massas de cacos de cerâmica e fragmentos de caixas ostentando os nomes de Akhenaton, Semenkháre e Tutankhâmon, porém, o mais curioso foi a descoberta de um escaravelho do reinado de Tutmés III e um fragmento onde se via o nome do pai de Akenaton, Amenófis III.



Será que a tumba escondia algum tipo de depósito secreto, como o encontrado na tumba de Amenófis II?

No dia seguinte, seguiram-se os planos para a remoção da porta lacrada, Callender já havia encarregado de coordenar sua substituição por uma grade pesada de madeira, já que a tumba deveria permanecer intacta.

Além da porta, via-se um corredor longo e descendente, da mesma largura e comprimento que a entrada, com aproximadamente dois metros de altura. Ali também estava cheio de entulhos e restos de pedras usadas na própria escavação da tumba e esse material deveria ser retirado antes de qualquer coisa.

No final da retirada desse cascalho, estaria a grande surpresa que Carter esperava, por isso tinha pressa na limpeza do corredor; o dia em se chegaria além dessa passagem foi assim descrito por ele: “O maior de todos os dias, o mais maravilhoso que já vivi, e que jamais viverei igual...”<sup>46</sup>.

Na manhã do dia 26 de Novembro, a passagem estava quase completamente livre e vários pequenos artefatos delicados foram encontrados no meio dos entulhos, artefatos estes devidamente catalogados pelos homens que trabalhavam na escavação. Incluíam cacos de cerâmica, lacres de potes, vasos de alabastro, cerâmica colorida e odres de água.

No início da tarde chegaram a uma outra entrada lacrada, semelhante á primeira, já penetrado o corredor a uma distância de cerca de nove metros. Usando lanternas, Carter e Carnavon examinaram as impressões do selo real na porta, como as da primeira porta, algumas áreas ostentavam a marca de Tutankhâmon, enquanto que outras pertenciam á necrópole real tebana.

Estava cada mais claro o que havia acontecido na tumba logo depois que o corpo fora ali depositado. Originalmente o corredor entre as duas portas estava

---

<sup>46</sup> OGLIVE-HERALD, C.; COLLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia: Tutancâmon**. São Paulo: Landscape, 2004, p. 60.

vazio, fato confirmado ao se constatar que uma das suas brechas encontradas em cada porta não se comunicava com o túnel cavado pelo entulho. Este buraco foi feito por ladrões correspondia apenas á segunda brecha de cada porta, levando a crer que depois da primeira violação do túmulo, os funcionários encarregados haviam decidido preencher o corredor com entulho para evitar maiores danos ao sepulcro.

Outra coisa ficou clara para Carter, as escadas, o corredor e as portas eram muito semelhantes aos encontrados na tumba 55, que localizava-se logo a frente da nova descoberta. Na época ele concordava com a opinião de alguns pesquisadores, de que esse túmulo fora originalmente construído para servir de depósito secreto para os corpos de Akhenaton e da rainha Tiye.

Suas portas também apresentavam o selo de Tutankhâmon e, isso fez com que Carter acreditasse que a sua descoberta também fosse originalmente destinada a guardar artefatos do período armaniano, além dos corpos de outros membros importantes da família real, enterrados ás pressas durante o reinado do rei-menino.

Carter, Carnavon, Callender e Lady Evelyn assistiam a retirada dos últimos entulhos que lacravam a segunda porta, expondo-a completamente quando totalmente afastados. Carter então fez uma pequena abertura no canto superior esquerdo da porta e, com auxílio de uma vareta, garantiu que nada mais bloqueasse sua estrada.

Como precaução, usou uma vela para testar se havia algum gás tóxico no recinto, com a certeza de que sua entrada seria segura, passou a mão pela passagem e espiou pelo orifício. Depois de alguns segundos, para os olhos adaptarem-se á escuridão, começou a distinguir formas, cores e objetos que pareciam ocupas a sala por completo:

A princípio, não consegui ver nada, o ar quente que saía da câmara fazendo a chama da vela bruxelar, mas logo, quando meus olhos se acostumaram á

luz da chama, detalhes da sala interior emergiram lentamente da bruma, estranhos animais, estátuas, ouro – o brilho do ouro por toda parte<sup>47</sup>.

Entusiasmado e encantado, aumentou o buraco e passou uma lanterna elétrica para ampliar sua visão da sala que ficou conhecida como a Antecâmara. Empilhados uns sobre os outros, estavam objetos da mais rara beleza, alguns familiares e outros nunca vistos por ele antes. Carnavon, Callender e Lady Evelyn espriaram pelo buraco um de cada vez e ficaram pasmos diante do que viram.

Atrás da porta encontraram três sofás dourados em formato de animais, estátuas em tamanho real, uma de frente para outra, como guardiões, com os corpos pintados de preto; ambas vistiam saiotes dourados e suas cabeças carregavam coroas com a serpente uraeus. À esquerda, estátuas tinham uma clava com uma cabeça dourada em formato de pêra. Estudos posteriores, as identificaram como representações do *ká* do rei.

À medida que os olhos iam se acostumando à luz da sala, muitos outros objetos iam se revelando, como Carter registrou em seu caderno de anotações, aqui já citado:

É difícil descrever nossas sensações e nosso pasmo à medida que a luz foi nos revelando a maravilhosa coleção de tesouros...porta-jóias ornamentais, flores, vasos de alabastro, alguns maravilhosamente confeccionados de lótus e papiro; estranhos santuários negros com uma cobra dourada monstruosa surgindo de seu interior; baús brancos de aparência bastante comum; cadeiras finamente entalhadas; um trono folheado a ouro; um monte de enormes e curiosas caixas ovais; diante de nossos próprios olhos, na soleira, uma linda taça “dos desejos” em forma de lótus em alabastro translúcido<sup>48</sup>; bancos de todos os formatos e estilos, tanto de materiais comuns quanto raros, e por último, um desordenado monte de peças de carros de guerra emborcadas, douradas e cintilantes, dentre as quais se podia enxergar um manequim. À primeira vista, parecia a sala de adereços de palco de um teatro de ópera de uma civilização extinta. Nossas sensações eram desconhecidas, e repletas de uma estranha emoção. Perguntamo-nos qual seria o significado de tudo aquilo. Seria uma tumba mesmo, ou um mero depósito? Uma porta lacrada entre as duas estátuas que serviam de sentinelas provou que havia mais além daquela

<sup>47</sup> OGLIVE-HERALD, C.; COLLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia:** Tutancâmon. São Paulo: Landscape, 2004, p. 69.

<sup>48</sup> Esta denominação se deve à inscrição na taça, que era “que passes milhões de anos, tu que ama Tebas, sentado com tua face voltada para o vento norte, teus dois olhos contemplando a felicidade”. Disponível em: [www.mama.org/catalog/wishing\\_cup.html](http://www.mama.org/catalog/wishing_cup.html). Acesso em: 23 nov. 2007.

câmara, e com as inúmeras cártulas portando o nome de Tutankha-Amen na maioria dos objetos diante de nós, não havia quase nenhuma dúvida de que atrás daquela porta devia estar o sepulcro deste faraó<sup>49</sup>.

De acordo com o relato de Carter sobre esta incrível descoberta, depois de ficarem contemplando esta incrível visão, tornaram a lacrar o buraco e saíram pelo corredor, trancando a porta de madeira que deixaram para trás.

No dia vinte e seis de Novembro de 1922, Howard Carter tem seu primeiro contato com a tumba de Tutankhâmon:

Que ele (o leitor) imagine como nos pareceram quando os espiamos lá de cima através do buraco na porta bloqueada, lançando sobre eles o fecho de nossa lanterna – a primeira luz a penetrar a escuridão da câmara em 3.000 anos - de um grupo de objetos para outro, em uma vã tentativa de interpretar o tesouro que se encontrava diante de nós<sup>50</sup>.

Dentro da câmara orientada no sentido norte-sul, com dimensões de 8,08 metros por 1,68 m, encontrava-se empilhados de forma desordeira centenas de objetos inimagináveis, entretanto, foram as pequenas coisas que chamaram a atenção de Carter naqueles primeiros momentos dentro da tumba de Tutankhâmon.

Acharam a cumbuca cheia pela metade de argamassa, usada para lacrar a porta que dava passagem á câmara funerária, além da marca de um dedo na superfície recém-pintada e uma coroa de flores, muito bem preservada, deixada na soleira da porta.

Seguindo pela antecâmara, o grupo chegou a uma pequena sala orientada no sentido norte-sul, medindo 4,35m de comprimento por 2,6 m de largura com 2,55m de altura, que se tornou conhecida como “O anexo”. A entrada para tal sala

---

<sup>49</sup> OGLIVE-HERALD, C.; COLLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia: Tutancâmon**. São Paulo: Landscape, 2004, p. 67.

<sup>50</sup> CARTER, Howard. **The tumb of Tut.ank. Amen**. v. 1, 1923; Howard Carter, v. 2, 1927; H. Carter, v. 3, 1933; 3 v. Nova York: Cooper Square Publishers, 1963.

permanecia escondida atrás e por baixo de um dos três sofás dourados postos na parede oeste.

Ladrões de sepultura tentaram forçar a entrada nesta câmara e, para isso, fizeram um buraco sob as pernas do lindo sofá. Carter e Carnavon arrastaram-se por baixo do móvel e espiaram pela pequena abertura deixada pelos invasores e observaram objetos empilhados até o teto. Tal fato é registrado no livro escrito por Carter e Mace, já mencionado:

Um (invasor) - pois não poderia haver espaço para mais de um - havia penetrado na câmara, e depois, rápida mas sistematicamente, saqueara todo o seu conteúdo, esvaziando caixas, jogando as coisas para os lados, empilhando-as umas sobre as outras, e ocasionalmente passando objetos pelo buraco, para seus companheiros as examinarem com mais vagar na câmara externa. O resultado do minucioso saque foi semelhante á passagem de um terremoto. Nem mesmo um centímetro de piso estava desocupado, de modo que será um problema de dificuldade considerável, quando chegar a hora de esvaziarmos a câmara, sabermos por onde começar<sup>51</sup>.

Uma vez aberta uma passagem para a câmara funerária foi a Lady Evelyn quem a adentrou pela primeira vez, já que era a menor do grupo de exploradores. Ela teria se encontrado em um estreito corredor em ângulo reto com relação á orientação norte-sul da antecâmara e, carregando uma lanterna elétrica alimentada por um pequeno fio, deparou-se com o que seria um gigantesco sacrário dourado.

Até então um papiro que mostra a seção transversal da tumba de Ramsés IV, por volta de 1151-1145 a. C, era o melhor exemplo que se tinha conhecimento de como deveria ser uma tumba intacta e, através deste documento, Carter sabia que o sacrário encontrado deveria conter outros vários sacrários menores, um dentro do outro.

O imenso tabernáculo era feito de madeira e enchia quase que totalmente a sala, deixando apenas um espaço de 46 centímetros entre si e a parede da câmara,

---

<sup>51</sup> OGLIVE-HERALD, C.; COLLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia: Tutancâmon**. São Paulo: Landscape, 2004, p. 73.

que media 6,37 m por quatro metros e tinha 3,63 metros de altura. Nos três lados da sala via-se inscrições hieroglíficas e aterrorizantes símbolos de proteção, enquanto que na quarta parede uma enorme porta dupla aparecia.

Além dessa nova porta Carter e Carnavon encontraram um outro sacrário, coberto por uma mortalha de linho enfeitada com rosetas douradas. Por baixo da mortalha estava a tampa do segundo sacrário, cujos puxadores estavam atados por cordéis de cânhamo, estampada com o selo da necrópole real. Era a prova de que necessitavam para confirmar que o corpo do rei continuava intacto.

No chão havia vários objetos lindíssimos, inclusive uma caixinha de ouro, alguns bastões e bengalas e uma sortida coleção de vasos de alabastro; a tampa de um dos vasos era em forma de leão deitado com a língua vermelha à mostra.

As paredes também eram adornadas com murais, simples mais extraordinários, que retratavam o rei vestido como Osíris, Senhor do mundo Inferior. Na parede norte havia duas cenas, uma mostrava Tutankhâmon, novamente em forma de Osíris, em pé diante de seu sucessor, Ay, caracterizado como o deus Hórus, que usa a coroa azul e a pele de leopardo de um sacerdote *sem*. Usando o instrumento conhecido como *adze*, Ay realiza a cerimônia da Abertura da Boca, para garantir o sepultamento correto do rei e suscitar seu *ká*. A segunda cena mostra o faraó como rei vivo, usando o adorno de cabeça *nemes* e segurando um bastão e uma clava e sendo recebido pela deusa do céu, Nut.

O corpo mumificado rei-menino estava dentro de um sacrário ornamentado com coroas de flores, sobre uma espécie de trenó, que representava a barca funerária de Tutankhâmon, puxado por dez altos funcionários do palácio, bem como os principais ministros do Alto e Baixo Egito.

Na parede sul, que cercava a porta de entrada, o faraó era representado usando o ornamento de cabeça *khat* e sendo saudado na vida após a morte pela deusa Hathor. Ela lhe oferece a vida sob a forma de um *ankh*, o símbolo da vida, que segura diante de sua boca. Atrás deles estão Anúbis, deus do

embalsamamento, com sua cabeça de chacal e Ísis, a esposa de Osíris e protetora de Hórus, o deus que protegia os reis do Egito.

E, finalmente, na parede oeste estavam cenas tiradas do *am-duat*, o “Livro do que está no além”. Ali, o rei morto, em forma de escaravelho – *khepera*- coloca-se diante da barca solar, ao lado da qual estão cinco das divindades do mundo pós morte. Abaixo delas vêem-se doze babuínos representando as doze horas, ou divisões, da noite através das quais o morto devia navegar antes de renascer como *ank*, ou “espírito glorioso”, na vida após a morte.

Era para essa perigosa travessia que o faraó precisaria dos onze remos cuidadosamente dispostos na parede sul da sua tumba.

No canto nordeste da câmara encontraram mais uma porta, desta vez aberta, que levava a outra sala, posteriormente chamada de “O tesouro”, que media 4,75 por 3,8 metros e 2,33 de altura. Ali estava o maior tesouro de todos, o que a tanto esperavam achar.

No dia dezesseis de Fevereiro de 1923, conforme registro de Carter, chegam ao mais belo monumento já encontrado, encontram-se com o enorme tabernáculo folheado a ouro, sobre o qual via-se fileiras de serpentes *uraei* e no seu interior podia-se ver um cofre canópico de calcita contendo os quatro vasos canópicos. Ali, foram depositadas as vísceras mumificadas do rei, seus órgãos sagrados.

No centro de cada parede da câmara estava uma estátua, representando as quatro deusas tutelares dos mortos - Neith, Selkit, Ísis e Neftis. As representações que ficavam nas paredes leste e oeste da sala tinham as cabeças viradas para a entrada, como se vigiassem a passagem e quem ali adentra.

Guardando o caminho para o sacrário de Tutankhâmon estava uma enorme estátua de Anúbis, sob a forma de um chacal sentado. Pintado de preto e marchetado de ouro, sentava-se sobre um trenó portátil fechado e equipado com varais para poder ser carregado.

Entre ele e o altar estava a cabeça de uma vaca - um dos aspectos da deusa Hathor – feita de madeira folheada a ouro, com olhos arregalados e longos chifres negros.

No lado sul da sala estavam caixas pretas e sacrários de diferentes formas e tamanhos, alguns feitos de madeira, outros de marfim.

No outro extremo do ambiente empilhavam-se mais caixas e cofres, alguns contendo pequenos caixões mumiformes, lacrados, que guardavam minúsculos bonequinhos – ushabits – que serviriam o rei na outra vida.

Carter abriu um deles e descobriu um leque de penas de avestruz e cabo de marfim em ótimo estado; outros cofres continham artefatos como jóias, cetros, vestidos, taças de faiança, roupas de baixo do rei, bem como seus brinquedos.

Além desses incríveis artefatos, também foram encontrados dois fetos mumificados dentro de conjuntos de esquifes distintos. Sem dúvida, eram o resultado das tentativas frustradas de Tutankhâmon e sua esposa, Ankhesenamun, de terem filhos e perpetuarem a linhagem real de Amarna.

Depois da descoberta da tumba do rei-menino uma série de acontecimentos misteriosos atormentava quem havia participado dos trabalhos na escavação. Lorde Carnavon foi o primeiro a conhecer a “fúria do faraó”, morreu em cinco de Abril de 1923 sob circunstâncias curiosas. A partir daí uma série de outras mortes se iniciou e, com elas, as histórias e lendas se multiplicaram.<sup>52</sup>

Algumas diziam que as mortes eram o resultado da ira do faraó contra os “invasores” de sua Morada Eterna, outras apostavam na existência de uma maldição, que atingiria todos que participaram da escavação da tumba e, surgiu também uma hipótese de que as mortes teriam sido ocasionadas por um desconhecido gás que estava lacrado nas câmaras mortuárias e que, assim que

---

<sup>52</sup> OGLIVE-HERALD, C.; COLLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia: Tutancâmon**. São Paulo: Landscape, 2004.



liberado, iniciou um lento processo que levaria á morte de quem teve contato com suas substâncias tóxicas.

Á parte de todas essas especulações, Carter continuou sua exploração na tumba de Tutankhâmon. Removidos os sarcófagos, pode ter uma visão mais detalhada do ataúde que guardava o corpo do rei. Em cada canto, em relevo, estavam esculpidas quatro deusas tutelares, cujas asas estendidas ofereciam proteção aos restos mortais do faraó, até mesmo na morte.

Quando ele e sua equipe examinaram a tampa do sarcófago, viram que não era feita de quartzo vermelho, como o resto do ataúde, mas de granito rosa. Outro aspecto da tampa que chamou a atenção dos pesquisadores foi que ela se partira em dois e depois havia sido consertada com argamassa de gesso.

No dia 12 de fevereiro de 1924 foi aberto o sarcófago e Carter e sua equipe ficaram cara a cara com o rei-menino. Viram um corpo envolto em uma fina cobertura de mortalha de linho e, quando completamente retirada, revelou a face de Tutankhâmon esculpida em ouro, sobre um caixão dourado em forma de múmia, com mais de dois metros de comprimento, marchetado com faiança e vidro colorido e decorado com pedras semipreciosas.

Descansava sobre um estrado em formato de leão, e envolvendo cada extremidade deste estavam as deusas protetoras Ísis e Neith, ao passo que as mãos do rei se encontravam cruzadas sobre o peito segurando o báculo e o mangual, seus símbolos de divindades.

Inseridos na testa estavam representações dos deuses abutre e naja, Nekhbet e Wadjet, protetores da soberania divina nas Duas Terras. Em torno destes símbolos, um simples, embora tocante gesto: uma minúscula coroa de flores.

## 4 ARTE AMARNIANA

### 4.1 A Nova Estética

A implantação do culto a Aton foi acompanhada de uma nova ética baseada na sinceridade e na verdade, que se projetou sobre as artes marcando um fato na história egípcia. As novas concepções morais e estéticas foram patrocinadas pelo monarca, que imprimiu seu carimbo pessoal á reforma. Por amor á verdade, exigiu que a família real fosse representada tal como era, com a rejeição da norma oficial que adjudicava aos reis juventude e beleza. De acordo com o novo padrão oficial o faraó é representado com suas deformidades físicas: crânio alargado, rosto protuberante, ventre sobressalente e membros magros.

A reforma atoniana pretendeu romper os moldes tradicionais da arte oficial, abrindo caminhos de liberdade. No entanto, a ruptura não foi total. Socialmente, como no passado, foi uma arte cortesã patrocinada pela monarquia. A preocupação pela veracidade abriu os olhos do público -a reduzida corte palaciana- a vida íntima do rei e sua família, e exigiu representá-los em indumentárias nunca aceitas pela etiqueta oficial. A persecução dessa veracidade não foi levada, no entanto, até suas últimas conseqüências na pintura e no relevo, aceitaram-se os arbitrários convencionalismos e a estatuária conservou a renúncia á perspectiva para representar as figuras em dimensões diretamente proporcionais a sua hierarquia social.

A estátua de Amenófis IV (Museu do Cairo), que corresponde ao início do reinado do jovem monarca, parte abertamente com a tradição estética de seus antecessores. Se a obra está submetida á dura frontalidade e ao esquema oficial da figura real, é totalmente novidade o rosto de linhas alargadas e massa protuberante; as orelhas grandes, os olhos rasgados e a boca de lábios grossos e sensuais lhe conferem uma identidade que a arte egípcia havia perdido desde a orientação realista dos tempos do Império Antigo. O corpo perdeu as formas idealizadas que

sugeriam a origem divina da realeza para apresentar-nos a um jovem de alargada figura, comprido tórax e frágeis braços angulosos; a barba postiça oculta mal o pescoço notoriamente longo; no entanto o fraldão cerimonial descobre uma marcada inflexão para cingir-se o corpo por debaixo do sobressalente ventre. A nova estética não está desprovida de idealismo que, ainda em rasgos grotescos, confere-lhe uma especial encanto e delicadeza, como se a matéria assumisse a nova ética da religião de Atón.

A cabeça em calcário policromada da rainha Nefertiti (Museu de Berlim) é uma peça de excelente execução procedente das oficinas amanienses. O rosto delicado e perfeito acusa o perfil exótico de uma princesa oriental – rosto oval, sobrancelhas arqueadas que acompanham o traçado rasgado dos olhos – a linhas ligeiramente convergentes da tiara acentuam o afinamento do rosto e equilibram a forma elegante do pescoço, notoriamente longo. A peça recria um rosto que harmoniza a beleza e a majestade régia e onde a cor a impregna de uma veracidade sensual; a escultura se situa muito próxima a dos nossos contemporâneos. Igualmente bela e delicada é a cabeça sem terminar da rainha Nefertiti (Museu do Cairo) realizada em quartzita vermelha. Tanto estas obras como o retrato em pedra calcária de Amenófis IV, desde um renovador realismo escapam à preocupação de veracidade em aras de uma idealização que os vincula com as grandes obras da mesma dinastia<sup>53</sup>.

O estilo amarniano, feito de curvas exageradas, de volumes estranhos, de figuras alongadas e estranhas, marca um momento de grande sensibilidade artística. Porém, paralelamente, percebemos que alguns artistas ainda mantêm o estilo tradicional de representação egípcio.

Corroborando esta afirmação está a decoração feita no túmulo de Ramose, em Tebas. Uma parte a tumba tem suas representações seguindo os cânones clássicos; a outra responde à tradição amarniana. Assim, constata-se que no mesmo lugar havia dois estilos artísticos, revelando uma “tolerância” entre as duas estéticas.

---

<sup>53</sup> ALDRED, Cyril. **Akhenaten**: king of Egypt. Londres: Thames and Hudson, 1991.

O faraó, enquanto primeiro mestre-de-obras, aponta a nova direção que a arte egípcia deve tomar, segundo suas instruções os artesãos desenvolvem seus trabalhos, nada é feito sob a fantasia desses artistas. Temos conhecimento de dois de seus escultores: Bek, o provável autor do templo de Aton em Carnaque, que assinava suas obras com a epígrafe “Como o Rei me ensinou”; o outro é Tutmósis, cujo estúdio foi encontrado praticamente intacto entre as ruínas de Akhetaton e que fez os mais famosos retratos de todo o Egito: a bela cabeça de Nefertiti, Museu de Berlim, e outras duas, ainda incompletas.

As obras “clássicas” datadas do período armaniano desafiavam as formas exigidas por Akhenaton e, por isso, seriam produções anteriores que o faraó reutilizou, contentando-se em substituir o nome de seu pai pelo seu?

Não no parece uma hipótese correta. Se fosse, Akhenaton teria adequado estas obras tradicionais em sua nova estética, como afirmamos textos da época.

Parece mais provável que o faraó não quis destruir a herança do Egito, destruir seu passado, construir todas as coisas de modo a rejeitar a cultura tradicional. Longe de menosprezar as leis imutáveis da arte egípcia, procurou enriquecê-la com sua própria estética e experiência.

## **4.2 Monstruosidade ou Deformação?**

Falta, é claro, abordar o problema mais espinhoso da arte amarniana, ou seja, a representação física do próprio Akhenaton. Todos guardam na memória o seu rosto deformado quase até a monstruosidade, os seus traços atormentados que por vezes provocam mal-estar. O maior dos místicos da história egípcia será realmente o personagem de uma fealdade repelente?

Os primeiros viajantes que foram á Amarna podem ser perdoados pelo fato de acharem que a representação do Rei nos relevos tratava-se na verdade de uma mulher e, que duas mulheres estariam reinando juntas. Akhenaton é representado com o mesmo pescoço alongado, largos quadris, peito protuberante e com coxas grossas, assim como sua Rainha Nefertiti.

A natureza feminina da imagem do Rei é bem ilustrada pelos dorsos das estátuas quebradas achadas por Carter próximo ao Grande Templo em Amarna. É praticamente impossível saber dizer se são femininas ou masculinas.

O especialista francês Eugène Lefébure, por exemplo, há quase um século, apontou para a possibilidade de Akhenaton ser realmente uma mulher fazendo-se passar por homem, lembrando do precedente da Rainha Hatshepsut, que se fez representar como homem, até mesmo com a barba de Faraó. Sua teoria foi descartada ou ignorada por estudiosos mais recentes.

Lembremos a existência de um documento essencial que nos permitirá estabelecer corretamente o debate. Estamos falando de uma máscara fúnebre em gesso, descoberta em Amarna. Ela nos oferece quase que os verdadeiros traços de Akhenaton, cujo rosto, calmo e sereno, é o de um homem normal, sem qualquer traço de “monstruosidade”. Se considerarmos esta máscara como uma indicação definitiva, então será forçoso admitirmos que Akhenaton se fez voluntariamente representar sob estranhas aparências. Para explicar esse curioso estado de coisas, artesãos provincianos foram acusados de falta de habilidade por não terem sabido executar senão retratos falhados. O argumento é bastante ridículo, e não podemos acreditar naqueles que julgam que os retratos de Akhenaton são caricaturas feitas por adversários.

Arthur Weigall<sup>54</sup> nos propõe uma primeira chave de interpretação, chamando atenção para o estilo amarniano que, em parte, é um regresso á época arcaica, aquela dos reis-deuses do Egito primitivo, que eram os únicos detentores do poder

---

<sup>54</sup> WEIGALL, Arthur. **The life and times of Akhenaton**. Natl Book Network, 2000.

divino. As “monstruosidades” que nos chocam seriam uma adaptação amarniana do estilo despojado, por vezes geométrico, do Antigo Império.

O deus Aton, com efeito, é “pai-e-mãe” dos homens. O seu representante na terra, o faraó Akhenaton, deve ser representado como um ser assexuado, homenageado de forma perfeita pelas estátuas de Karnak. “O reino de Deus”, atentava com razão Merejkowski, “chegará quando os dois forem um, quando o masculino for feminino e quando não houver nem masculino nem feminino”. Encontramos um pensamento igual num evangelho gnóstico de Thomas. Textos ptolomaicos, como os do templo de Esna, insistem com vigor no símbolo do androginato, este “estado espiritual” que traduz a unidade divina.

Cyril Aldred, em sua obra já previamente citada, destaca algumas hipóteses que tentam explicar essa estranha estética de representação, principalmente do próprio faraó. Primeiro sugere a linha de pesquisa que sustenta que a arte amarniana é uma representação fiel do corpo de Akhenaton, deformado por disfunções endocrinológicas; também cita a idéia que sustenta que as representações do faraó deveriam simbolizar o aspecto andrógino do rei, reflexo de seu caráter “pai-e-mãe”; além disso, apresenta a tradição, pouco aceita, de que as estátuas seriam na verdade da rainha Nefertiti, usando a roupagem da deusa Tefnut, filha do deus solar.

A grande maioria dos especialistas não acredita que as características físicas representadas pelas estátuas de Akhenaton eram verdadeiras, seriam as expressões de uma nova perspectiva artística e religiosa.

Esta estética corresponde a uma teologia, sendo ela a expressão de um reinado, de uma era e deve ser entendida com a representação de uma espiritualidade. Akhenaton não quis revolucionar o Egito e sim criar, como todos os faraós, uma forma artística que estivesse em harmonia com o pensamento de seu reinado.

A estranha forma que Akhenaton escolheu para ser representado é compartilhada com sua família e com uma grande parte de seus altos funcionários. O crânio do vizir Ramose, por exemplo, nos desenhos de sua tumba demonstra uma bruta transformação, da normalidade de sua aparência no período em que o Rei assume o trono, a uma grande distorção de sua imagem durante os primeiros anos do reinado de Akhenaton.

Tal transformação não pode ser atribuída a uma doença repentina, mas sim a uma direção que os artistas atonianos estavam tomando e, assim, os familiares e seguidores do Rei também passaram a ser representados com as mesmas peculiaridades.

É provável que o crânio de Akhenaton era de uma forma mais alongada que o normal, assim com os crânios de Tuthancâmon e Smenkhâre, mas as representações das Princesas parecem ser mais graças à nova estética do que a uma deformidade física.

Apesar de tantas mudanças, o novo faraó não alterou nenhuma convenção do desenho Egípcio, a figura humana continuou a ser representada com os mesmos efeitos visuais, as transformações foram basicamente no plano da temática abordada: a forma dos desenhos continuou praticamente a mesma, apesar das proporções terem sido drasticamente mudadas.

As inovações são restritas às representações da Família Real e dos Altos Funcionários; soldados, empregados, o povo e os estrangeiros aparecem sem as características únicas da Arte Amarniana.

O monumento descoberto por Chevrier na década de 1930 no sítio do Gempaaten em Karnak e os fragmentos de uma estátua achada por Petrie nas ruínas do Grande Templo em 1891 ajudam a reafirmar o caráter assexuado ou afeminado das representações de Akhenaton.

Uma das peças, que chamou mais a atenção dos estudiosos, representa o Rei nu e sem os órgãos genitais<sup>55</sup>.

Uma das teorias que aparecem para explicar tal representação diz que tais monumentos são a manifestação do aspecto bissexual do Deus Solar, “o pai e a mãe da humanidade”.

A teoria mais plausível, entretanto, é proposta por J.R. Harris<sup>56</sup>, que afirma que alguns dessas estátuas representam Nefertiti usando a endumentária real. O aspecto masculino dos objetos usados pela figura representada nesses monumentos, como a barba e os cetros do Rei, não impede que a hipótese levantada por Harris tenha sustentabilidade, já que alguns desses elementos são ocasionalmente usados por Rainhas, como era o caso de Hatshepsut. Infelizmente, nenhum detalhe maior desses monumentos manteve-se para manter o argumento do autor.

A arte desenvolvida nos anos finais do reinado vem a corroborar a idéia de que as deformidades atribuídas ao Rei eram, na realidade, uma escolha de Akhenaton. Modelos e rascunhos encontrados nas casas dos escultores em Amarna, que foram deixados para trás durante o abandono de Akhetaton, mostram uma volta às formas menos exageradas e mais convencionais.

Os relevos de uma das estelas de Amarna demonstram tal volta às formas normais, além do santuário do Grande Templo descoberto por Carter.

De acordo com G. Martin, os relevos da sala alpha na Tumba Real foram modificados para diminuir o estilo extremo dos primeiros anos do Reinado de Akhenaton para mostrar um retrato mais ortodoxo da Família Real.

Depois dos primeiros monarcas da XIX dinastia, aqueles que ainda conservaram o Egito com estatura internacional, a arte pretende refletir o poderio, a

---

<sup>55</sup> ALDRED, Cyril. **Akhenaten**: king of Egypt. Londres: Thames and Hudson, 1991.

<sup>56</sup> HARRIS, J.R. **Akhenaten and Nefernefruaten in the tomb of Tut'ankhamûn**. Reeves, 1992, p. 55.



iniciativa e riqueza. Acentua-se o gosto pelo colossal, especialmente refletido na arquitetura e na escultura integrada a esta: as grandes estátuas osirianas de Ramsés II no Rameseum e, melhor ainda, as imponentes figuras sedentes deste mesmo monarca em seu templo de Abu-Simbel são um claro testemunho.

O Ramsés II do Museu de Turim mantém intactas a secular tradição da frontalidade, as formas rígidas acentuadas pela túnica larga – em franca ruptura com a tradição- que configura uma geométrica superfície trapezoidal: o torso erguido e o braço cruzado sobre o peito sustentando o cetro real, são atributos externos da dignidade régia. Não obstante, há uma notória preocupação por resgatar essa dignidade da própria natureza do personagem: as linhas suavizadas do rosto não ocultam a vontade e energia do monarca como rasgos psicológicos próprios.

Depois de Ramsés II a arte em geral e, em especial a escultura, acusou o acaso do estado egípcio e a contradição entre pretensões dos monarcas – alguns deles grandes estadistas e chefes militares – e uma realidade rapidamente imodificável no contexto internacional do Oriente Próximo.

A grandiloqüência se transformava em aparência sem conteúdo, em ficção e teatralidade. É fruto também da insegurança que depois da XX dinastia sacudiu o país: fraqueza da autoridade real, oposição entre o poderoso clero de Amón e os faraós, desmembramento do reino. O retorno às mais puras e antigas tradições foi uma resposta inconsciente e cultural ao presente que se estabelecia.

A estatuária volta a reproduzir a imagem humana de acordo com esses cânones; abandona-se definitivamente a indumentária introduzida na arte oficial depois de Amenófis IV e o fraldão masculino e a estreita túnica feminina voltam-se a impor em total dissonância com a vida social. Mas a sociedade egípcia havia-se transformado profundamente ao longo dos séculos: a arte do Império Antigo podia inspirar uma resposta ideológica, intelectual, mas nunca social nem espiritual.. Os artistas exploram as possibilidades que possibilitavam materiais como o mármore e outras pedras duras que acentuam essa frieza de uma arte fora de seu tempo.

Talvez o mais significativo é a introdução de um sorriso arcaico na estatuária, ingênua aspiração a recriar a solidez de um passado definitivamente perdido.

### 4.3 Temas Representados

Pela primeira vez na arte egípcia, vemos aparecer cenas familiares completamente surpreendentes. Imaginemos, por exemplo, o faraó brincando com suas filhas ou, ainda, com a esposa nos joelhos; imaginemos o faraó beijando uma ou outra de suas filhas; o rei e a rainha, nus, recebendo um dignitário e sua mulher. Lembremos ainda o tema da princesa comendo um pato, não obstante o ato da alimentação nunca Ter sido representado de uma forma tão realista.

Notamos um certo número de inovações técnicas, como, por exemplo, no gosto exagerado por uma estatuária que mistura diversos tipos de pedras. Os corpos podem ser em calcário branco, as cabeças em jaspe, as mãos em quartzite, os pés em granito. A arte amarniana gosta de ornamentação brilhante, principalmente no que diz respeito às incrustações de vidro multicolor ou aos motivos moldados em faiança.<sup>57</sup>

Vêem-se muitos animais na arte amarniana. Todos vivem em liberdade, nas pinturas, uma espécie de paraíso em que, para sua maior felicidade, a natureza é independente do homem. Este naturalismo foi o principal modo de expressão da arte criada pelo faraó. A explicação poderia dar-se pelo próprio Egito, já que, desde o Antigo Império, vemos nos túmulos cenas admiráveis em que flora e fauna estão representadas com um gênio encantador.

Ma não podemos deixar levar-nos por impressões: os artesãos, encarregados pelo faraó de executar uma simbologia precisa, não desenvolveram uma estética centrada sobre uma natureza profana. As plantas das lagoas, as extensões de água, os pássaros que encetam o seu vôo, os vitelos que saltitam, os peixes, tudo isso é

---

<sup>57</sup> ALDRED, Cyril. **Akhenaten**: king of Egypt. Londres: Thames and Hudson, 1991.

uma encarnação da paisagem das origens, da felicidade primordial, da idade de ouro da criação, quando nenhuma presença perturbadora vinha quebrar a harmonia de um mundo perfeitamente ordenado segundo a eterna lei da criação e da ordem.

A arte também tinha que refletir a nova realidade, tudo passou a ser visto naturalmente, sem convencionalismos ou idealizações. A natureza, muitas vezes, era representada em um cru realismo, quando não aparecia caricaturada.

Um exemplo significativo desse “naturalismo” são as representações da família real, agora apresentados como figuras comuns, em atitudes normais e não mais em postura oficial. Encontram-se em atitude familiar, afetuosa, sem nenhuma formalidade e, se não levassem na frente o sagrado ureu, seriam confundidos por dois jovens comuns.

Akhenaton gostava de ser representado na intimidade doméstica, almoçando, bebendo ou se divertindo com as filhas, a mulher e a mãe, todas apresentando um estranho crânio oval.

Além dos novos temas que são representados, a adoração do rei para seu deus continua entre os aspectos mais abordados, nessa nova arte Akhenaton aparece constantemente em seus momentos de oração e oferendas a Aton.

Muitas dessas representações foram encontradas nas tumbas que cercavam Akhetaton. Uma delas é a de Kheruef, escriba real de Akhenaton e primeiro ministro do reinado de Amenófis III, porém, suas paredes estão muito mal conservadas, o teto está danificado pela queda de uma rocha e as representações do rei e do proprietário do túmulo, além de alguns dos textos inscritos, sofreram ataques.

Ainda assim, é possível reconhecer a representação de uma cena na entrada da tumba onde o rei aparece fazendo oferendas aos seus pais e, com sua mãe oferecendo vinho a Ré-Herakhte e a outros deuses solares. Na parede contrária a esta, o faraó aparece novamente com sua mãe, entretanto, a representação

obedece as normas do modo tradicional de representação e em nada lembra as estranhas formas da arte amarianiana.

Essa cena que mostra Akhenaton e sua mãe Tiye foi interpretada com uma alusão á sua juventude, quando ainda não havia desposado Nefertiti, e indicada como um indício que comprova a teoria da co-regência.

A arte amarniana traz novas formas e significados á tradicional estética, sua representação não segue as normas e significados até então usuais e, assim, torna-se única dentro da cultura artística do Egito.

Seus sentidos, intenções e objetivos ainda não nos são completamente entendidos, porém, as interpretações e pesquisas que se desenvolvem nesse sentido estão aprimorando-se e, através cultura material do período, a arte desenvolvida por Akhetaton está cada vez mais próxima de nós.

## 5 A ARTE EM OBJETOS

### 5.1 Objetos Reais

Os objetos encontrados nas tumbas, além dos outros sítios pesquisados, servem-nos de testemunhas da vida, da religião e da arte desenvolvida no período armaniano.

No túmulo de Tutancâmon foram encontrados vários itens pessoais que, ou mostram o disco solar Aton em toda sua glória, ou ostentam inscrições que incluem o nome de Aton, cerca de nove anos depois de Tutancâmon supostamente ter abandonado todo o interesse na religião herege de Aquenaton<sup>58</sup>.

O melhor exemplo, de longe, é o famoso trono dourado encontrado na antecâmara. Dentro do encosto vemos o rei sentado com a jovem rainha em pé diante dele, os dois com a mesma altura. Na mão esquerda ela segura um cálice de bálsamo, ou óleo, e com a outra ela toca o ombro dele de maneira bastante carinhosa. Tanto o rei como a rainha são retratados no estilo típico de Amarna, mas mais significativamente, vemos o disco solar do Aton, com seus raios terminando em mãos que oferecem vida sob forma de ankhs, diretamente acima do jovem casal. Além disso, o nome do rei aparece tanto em sua forma posterior de Tutancâmon e em sua forma de Amarna, Tatancaton.

Como essa bela obra de arte foi considerada digna de acompanhar o faraó em sua jornada para o outro mundo, parece claro que Tutancâmon, bem como sua esposa, Ankhesenamun, devem ter continuado a adotar a religião herege até o final de seu reinado. Além do mais, como sabemos que Ay era quase certamente responsável pela organização do funeral do rei, ele teria sabido que vários objetos

---

<sup>58</sup> OGLIVE-HERALD, C.; COLLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia: Tutancâmon**. São Paulo: Landscape, 2004.

de arte no estilo de Amarna seriam colocado na tumba, demonstrando que também continuava apoiando a religião de Aton.

Carter não esperava que sua descoberta fosse o único túmulo do Vale dos Reis que não sofrera com a ação de ladrões de tumbas e, por isso, sua surpresa foi maior ainda. Entretanto, encontraram indícios que indicavam a presença de invasores, que deixaram a câmara muito bagunçada.

Ainda assim, uma grande quantidade de objetos de ouro e de prata foi encontrada, camas ornamentais de madeira dourada, quatro catafalcos de madeira recobertos de ouro, quatro carruagens douradas, três sarcófagos de puro ouro, um cofre de marfim, uma grande série de jóias compreendendo colares, amuletos, anéis, brincos, braceletes, cintos e outros objetos de adorno; depois, estátuas de deuses, sacrários, cofres para tesouros, uma frota de pequenos modelos de navios, espelhos, castiçais, bengalas de passeio, vasos para vinho, armas de todo o tipo, utensílios domésticos, uma cama de campanha, um trono de ouro, cofres de madeira pintada, instrumentos para escrever, objetos em alabastro, etc...

Esta vasta riqueza ocupa uma ala inteira do segundo andar do Museu Egípcio do Cairo. Se tal era o acompanhamento fúnebre de um jovem rei que reinou poucos anos e foi sepultado às pressas num pequeno túmulo de três aposentos, imaginemos o que encerrariam os túmulos mais famosos- verdadeiros apartamento com uma dezena de amplos compartimentos dos grandes monarcas, de Tutmósis III, de Seti I e de Ramsés II.

O fato de o túmulo de Tutancâmon ter escapado das ações dos ladrões é facilmente explicável: a aldeia abandonada foi construída para os operários que escavaram o túmulo de Ramsés V e serviu posteriormente para os operários de outro túmulo vizinho, de Ramsés IX. Os escombros de ambos os túmulos obstruíram praticamente o acesso á tumba de Tutancâmon que, talvez também julgado de outra importância e encontrando-se justamente embaixo da aldeia, foi simplesmente esquecido.

Entre os objetos que ali foram encontrados ,havia um punhal com cabo de ouro e cristal de rocha e lâmina de ferro, herdado do avô Amenófis II que o recebera de presente de um rei hitita. Um verdadeiro presente de rei, pois a lâmina valia mais que o cabo. É a mais antiga arma de metal encontrada no Egito.

Dentro da câmara que abrigava o sarcófago de Tutankhâmon foi encontrado um grande número de objetos de cunho religioso, que tinham a função de ajudar o rei na passagem para o outro mundo e, de lá servi-lo. Em cada canto da sala foram deixados vasos, assim como um amuleto em forma do deus da mumificação Anúbis, além de outros objetos ritualísticos.

No chão da parede norte onze remos haviam sido cuidadosamente dispostos para ajudar o faraó na viagem pelo rio que levaria ao outro mundo. Na parede contrária havia duas belas lamparinas de calcita, duas caixas feitas de papiro e junco, um ganso de madeira e uma ânfora de vinho.

No outro extremo do ambiente empilhavam-se mais caixas e cofres, alguns contendo pequenos caixões mumiformes, lacrados, que guardavam minúsculos bonequinhos – ushabits – que serviriam o rei na outra vida.

Carter abriu um deles e descobriu um leque de penas de avestruz e cabo de marfim em ótimo estado; outros cofres continham artefatos como jóias, cetros, vestidos, taças de faiança, roupas de baixo do rei, bem como seus brinquedos.

Também foram encontrados pequenos objetos de grande beleza e delicadeza, eram cacos de cerâmica, lacres e potes, odres de água, vasos com flores e tudo que um rei poderia necessitar depois de sua passagem.

Segundo os relatos de Carter, também havia porta-jóias ornamentais, flores, vasos de alabastro, baús brancos, cadeiras finamente entalhadas, um trono folheado a ouro, muitas estranhas caixas ovais, uma “taça dos desejos”, bancos variados e um amontoado de peças de carros de guerra.

Três sofás dourados, em formato de animais, as cabeças ostentavam coroas com a serpente uraeus, que caía sobre suas testas. Estátuas seguravam um cajado semelhante a um bastão, enquanto que na mão direita tinham uma clava com uma cabeça dourada em formato de pêra, continham inscrições que revelavam que eram representações do *ka* do rei.

Como podemos ver, a tumba de Tutankhâmon é o acesso que temos a esses objetos, já que o túmulo da família real atoniana ainda é um mistério e, o que foi encontrado, não passa de um amontoado de entulhos e inscrições apagadas descobertos em uma região incrivelmente inóspita.

## 5.2 Objetos do Cotidiano

Através das escavações realizadas no sítio de Amarna, podemos ter acesso aos objetos que a população da antiga Akhetaton utilizava em seu cotidiano.

Entretanto, como a cidade sofrera um longo processo de abandono, está quase que completamente desaparecida na atualidade. Os objetos encontrados são, quase que em sua maioria, de cunho religioso e poucos artefatos podem nos revelar algo sobre a vida diária da cidade.

Apesar de escassos, os objetos que faziam parte do cotidiano das pessoas ainda podem nos ajudar na reconstituição da capital.

Foram encontrados alguns utensílios usados no interior das casas, como um tear, uma espécie de manjedoura que acolhia os animais da família, jarros para água e pequenos bancos. Os restos de um forno de pão foram identificados, além de uma imensa variedade de tigelas e recipientes para armazenar alimentos.



Ainda assim, a maior revelação que os objetos encontrados nas casas de Akhetaton podem nos dar é através dos amuletos e pequenas representações religiosas que foram achados.

A partir deles, foi possível constatar que o culto aos deuses da religião tradicional egípcia ainda se fazia presente no período amariano. Na aldeia dos trabalhadores, cada casa possuía uma pequena capela, onde eram celebrados nos banquetes sagrados deuses como Amon, Ísis, Bés e Tauret.

Essas estatuetas e amuletos demonstram o grande espaço que o sagrado tinha na vida desses homens, assim como em todo o Egito, já que conseguiram estabelecer uma “coexistência” entre as duas tradições religiosas.

Assim, a vida dos moradores de Akhetaton começa a aproximar-se da nossa, tendo seus vestígios estudados e analisados com o intuito de escutar o que estes têm a nos dizer.

## CONCLUSÃO

Ao fim desta dissertação temos um panorama de como se deu o surgimento e o desenvolvimento da crença Atoniana, suas inovações, transformações e aplicações.

Vimos desde o início dos esforços de Amenófis III, continuados por seu filho Amenófis IV, em tornar Aton um Deus único e adorado por todo Egito. A ascensão de Akhenaton ao trono e o louvor a Aton já instalado na sociedade egípcia.

Vimos as discussões a cerca do caráter revolucionário ou ultra- conservador de Akhenaton e sua maior obra, a construção da nova capital, Akhetaton.

Aprofundamo-nos na Arqueologia da cidade, analisando seu espaço ambiental e detalhando e caracterizando os diferentes tipos de casas de Amarna. Estudamos como era a estrutura do Grande Templo de Aton, da Residência Real e da aldeia dos trabalhadores, assim como analisamos os recursos e atividades econômicas que sustentavam a cidade.

O final de Akhetaton e da dinastia Atoniana foi centro de inúmeras discussões, apontando para as diversas teorias que tentam explicar o fim e o abandono da cidade Solar.

Através da Arqueologia Tumular tivemos acesso aos dados, inscrições e artefatos dos túmulos de pedra que cercam Amarna, as análises a cerca da múmia da tumba 55 são de extrema importância para a compreensão do período Amarniano. As tumbas de Horemheb e de Ay, homens de confiança de Akhenaton, também foram analisadas, entretanto, devido á escassez de material a respeito destes túmulos, seu estudo ainda não é muito aprofundado.

A descoberta da Tumba de Tutancâmon em 1922 por H. Carter tomou grande espaço dentro dos estudos, já que é uma das maiores descobertas arqueológicas até os dias atuais.

As inovações artísticas e estéticas são, sem dúvida, uma das características mais marcantes do reinado de Akhenaton. Suas transformações, novos temas abordados e novas formas representadas ainda provocam inúmeras polêmicas em torno de sua verdadeira intenção.

A partir das escavações no sítio de Amarna e nas tumbas que a cercavam, podemos ter acesso a objetos do uso cotidiano durante o período Amarniano, tanto quanto usados pela Realeza, quanto pela população da cidade.

Após o término da presente dissertação, nos é claro o quão Akhenaton e suas transformações ainda provocam dúvidas entre os estudiosos sobre sua trajetória e sobre suas verdadeiras intenções.

Apesar da abundância de material que nos é disponível para pesquisa, são muitas as incertezas que permeiam a época do que alguns chamam de “Faraó Herege”.

Muitos dos pontos aqui abordados e pelos eruditos analisados permanecem obscuros, sem uma única direção apontando para sua real condição.

Parece-nos que os objetivos inicialmente propostos foram alcançados, na medida em que os trabalhos foram realizados com a intenção de reunir ao máximo as inúmeras visões que são propostas para a tentativa de compreensão e caracterização da era Atoniana.

## REFERÊNCIAS

- ALDRED, Cyril. **Akhenaten: king of Egypt.** (1988). Londres: Thames and Hudson, 1991.
- BADAWY, A. Le symbolisme de l'architecture á Amarna". In: **Égyptologie en 1979 (Colóquios do C.N.R.S)**, 2, p.187-194.
- BREASTED, James Henry. **Ancient records of Egypt.** Illinois University, 2001.
- CARTER, Howard. **Manuscritos. Caderno 1.** Oxford: The Griffith Institute, Ashmolean Museu, [s.d.].
- \_\_\_\_\_. **The tumb of Tut.ank. Amen.** v. 1, 1923; Howard Carter, v. 2, 1927; H. Carter, v. 3, 1933; 3 v. Nova York: Cooper Square Publishers, 1963.
- DERRY, Douglas. Note on the skeleton hitherto believed to be that of King Akhenaten. **ASAE**, v. 31, p. 115-119, 1931.
- ERMAN, Adolf. **Die religion der Aegypter.** Berlim, 1934.
- GABOLDE, Marc. **Akhenaton: du mystère à la lumière.** Paris: Gllimard, 2005.
- HARRIS, J.R. **Akhenaten and Nefernefruatén in the tomb of Tut'ankhamûn.** Reeves, 1992.
- JACQ, Christian. **Nefertiti e Akhenaton: o casal solar.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- MARTIN, Geoffrey. **The royal tomb of El-Amarna.** Londres: Egypt Exploration Society, 1985.
- MELLA, Frederico. **O Egito dos faraós.** São Paulo: Hemus, 1998.
- OGLIVE-HERALD, C.; COLLINS, Andrew. **A verdade por trás do maior mistério da arqueologia: Tutancâmon.** São Paulo: Lanscape, 2004.
- PENDLEBURY, J.D.S. **Les fouilles de Tell-el-Amarna at l'époque armaniense.** Paris, 1936.
- PROJETO AMARNA. Disponível em: <[www.amarnaproject.com](http://www.amarnaproject.com)>. Acesso em: 23 nov. 2007.
- REDFORD, Donald. **Akhenaton, the heretic king.** Nova Jersey: Princeton University Press, 1984.
- SAMSON, Julia. **Amarna, city of Akhenaten and Nefertiti: Nefertiti as pharaoh.** Waeminster, 1978.

SMITH, Elliot. **Note of the estimate of the age attained by the person whose skeleton was found in the tomb.** 1910, p. XXIII-XXIV, ver DAVIS, **The tomb of queen Tiye.**

TRAUNECKER, Claude. **Akhéaton et as légende in Egypt.** Paris: Bordas, 1984.

UNSTEAD, R. J. **Veja por dentro: uma cidade egípcia**". Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

VANDIER, Jacques. **Manuel d'archéologie égyptienne.** Paris, 1952.

WEIGALL, Arthur. **The life and times of Akhenaton.** Natl book Network, 2000.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação ( CIP )**

L218a Lamb, Vanessa Martins  
Arqueologia histórica egípcia do período de Amarna /  
Vanessa Martins Lamb. – Porto Alegre, 2008.  
125 f

Diss. (Mestrado em História) - PUCRS, Fac. de Filosofia e  
Ciências Humanas.  
Orientação: Prof. Dr. Arno Alvarez Kern.

1. História. 2. Arqueologia - Egito. 3. Egito – História. 4.  
Arte Egípcia. 5. Religião – Egito. I. Kern, Arno Alvarez.

CDD 932

Ficha Catalográfica elaborada por  
Vanessa Pinent  
CRB 10/1297